

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LEONILO ALVES DE ABREU

FORTALECENDO COMUNIDADES: A SINERGIA ENTRE TURISMO DE BASE
COMUNITÁRIA, EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E DESIGN THINKING

CURITIBA

2025

LEONILO ALVES DE ABREU

FORTALECENDO COMUNIDADES: A SINERGIA ENTRE TURISMO DE BASE
COMUNITÁRIA, EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E DESIGN THINKING

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Turismo do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção de título de Mestre em Turismo. Linha de Pesquisa: Organizações Turísticas Públicas e Privadas.

Orientadora: Profa. Dra. Marinês Da Conceição Walkowski.

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Abreu, Leonilo Alves de.

Fortalecendo comunidades : a sinergia entre turismo de base comunitária, educação não formal e *design thinking* / Leonilo Alves de Abreu – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Turismo.

Orientadora: Profª Drª Marinês da Conceição Walkowski

1. Turismo – Estudo e ensino. 2. Turismo – Aspectos sociais. 3. Cultura e turismo. 4. Turismo – Planejamento. 5. Vida rural - Turismo. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO TURISMO -
4000101607926

ATA Nº03.25

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM TURISMO

No dia onze de abril de dois mil e vinte e cinco às 14:30 horas, na sala sala 308 e https://teams.microsoft.com/join/19%3aj3d0dyWACyQq744Z2a_eVR47Q59xTbgM0ImDmOvKig?%40freesed=acv2117416950128267?context=%7b%22id%22%3a%22c37b37a3-a8e2-43f9-bc67-4b9b738e14f0%22%2c%22oid%22%3a%22b94555d6-64cc-44c3-b660-e723c99da285%22%7d, Campus Reboças e online, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação do mestrando **LEONILDO ALVES DE ADEU**, intitulada- **FORTALECENDO COMUNIDADES: A SINERGIA ENTRE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA, EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E DESIGN THINKING.**, sob orientação da Profa. Dra. MARINES DA CONCEIÇÃO WALKOWSKI. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação TURISMO da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: MARINES DA CONCEIÇÃO WALKOWSKI (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), KETTRIN FARIAS BEM MARACAJÁ (UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE), JULIANA MEDAGLIA SILVEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após escutados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela **APROVAÇÃO**. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todas as requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, MARINES DA CONCEIÇÃO WALKOWSKI, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Curitiba, 11 de Abril de 2025.

Assinatura Eletrônica

22/04/2025 17:56:22.D

MARINES DA CONCEIÇÃO WALKOWSKI

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

22/04/2025 20:31:16.D

KETTRIN FARIAS BEM MARACAJÁ

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE)

Assinatura Eletrônica

22/04/2025 18:28:19.D

JULIANA MEDAGLIA SILVEIRA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua Rockefeller, 57 - Curitiba - Paraná - Brasil

CEP 80030-130 - Tel: (41) 3525-6281 - E-mail: ppgturismo@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 6928 de 08 de outubro de 2015. Gerado e autenticado pelo SGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 444245

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://sigar.ufpr.br/sigar/visitante/autenticacao/assinaturas.jsp> e insira o código 444245.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO TURISMO -
40001016079P9

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação TURISMO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **LEONILDO ALVES DE ABREU**, intitulada: **FORTALECENDO COMUNIDADES: A SINERGIA ENTRE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA, EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E DESIGN THINKING**, sob orientação da Profa. Dra. **MARINES DA CONCEIÇÃO WALKOWSKI**, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa. A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 11 de Abril de 2025.

Assinatura Eletrônica

22/04/2025 17:59:22.0

MARINES DA CONCEIÇÃO WALKOWSKI

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

22/04/2025 20:31:16.0

KETTRIN FARIAS BEM MARACAJÁ

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE)

Assinatura Eletrônica

22/04/2025 18:38:19.0

JULIANA MEDAGLIA SILVEIRA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

RESUMO

O Turismo de Base Comunitária (TBC) é uma abordagem que promove a participação ativa das comunidades locais no planejamento, gestão e desenvolvimento do turismo. Entretanto, muitas dessas iniciativas carecem de uma formação pedagógica específica de maneira alinhada à Educação Não Formal (ENF), que não apenas aprofunde os conceitos do TBC, mas também permita o desenvolvimento do turismo sustentável. A ENF, por sua vez, busca estruturar intencionalmente processos educativos em espaços não escolares, visando à formação do indivíduo e à sensibilização quanto aos seus direitos como cidadão. Dessa forma, integrar o TBC a práticas pedagógicas fundamentadas na ENF fortalece sua consolidação como uma alternativa sustentável para o turismo. O objetivo geral da dissertação é analisar de que forma a ENF pode contribuir com a formação do TBC na Iniciativa Rural da Colônia Murici/PR. Para o alcance desse objetivo, foram considerados os seguintes objetivos específicos: (i) discutir o TBC e a ENF a partir de um marco conceitual; (ii) mapear a iniciativa rural da Colônia Murici/PR; (iii) estruturar as ferramentas do *Design Thinking* (mapa da empatia, brainstorming, prototipagem) como proposta para a formação pedagógica da Iniciativa Rural da Colônia Murici/PR. Como procedimentos metodológicos deste estudo consistem em pesquisa aplicada com abordagem qualitativa de caráter indutivo e análises descritiva e exploratória. A partir de uma abordagem construtivista, utilizou-se dados primários e secundários em fontes documentais, revisão da literatura e observação não-participante. Para contribuir com a metodologia deste estudo, foram utilizadas as ferramentas DT como recurso de análise para a coleta de dados e elaboração de uma proposta de formação pedagógica em TBC. Este estudo contribuiu para a literatura ao demonstrar a eficácia do DT na coleta de dados e na resolução de problemas complexos em contextos do TBC. Ainda no campo teórico, a pesquisa trouxe uma articulação inédita entre o TBC, a ENF e o DT. O estudo também contribui com um modelo prático da utilização do DT em pesquisas futuras, além da criação de uma Matriz Instrucional que podem ser adaptadas e replicadas em outras comunidades para a formação pedagógica. A oficina do DT permitiu a criação de um modelo mais estruturado e participativo, fortalecendo a identidade local e o empoderamento dos envolvidos. A abordagem colaborativa possibilitou uma ponte eficiente entre teoria e prática, garantindo uma formação cocriada com a comunidade e destacando como a transdisciplinaridade promove inovação e impulsiona a integração de diferentes áreas de conhecimento. Segue como sugestão a inclusão da Matriz Instrucional por entidades em editais de fomento do TBC, por atores externos em trabalhos de formação com projetos e iniciativas de TBC e por instituições de ensino como uma ferramenta pedagógica em cursos de extensão voltados para a comunidade.

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária; Educação Não Formal; Design Thinking; Colônia Murici; Paraná.

ABSTRACT

Community-Based Tourism (CBT) is an approach that promotes the active participation of local communities in the planning, management and development of tourism. However, many of these initiatives lack specific pedagogical training in line with Non-Formal Education (NFE), which not only deepens CBT concepts, but also enables the development of sustainable tourism. NFE, in turn, seeks to intentionally structure educational processes in non-school spaces, with the aim of training individuals and raising awareness of their rights as citizens. In this way, integrating CBT with pedagogical practices based on NFE strengthens its consolidation as a sustainable alternative for tourism. The general aim of this dissertation is to analyze how NFE can contribute to the formation of CBT in the Rural Initiative of Colônia Murici/PR. In order to achieve this objective, the following specific objectives were considered: (i) to discuss CBT and NFE from a conceptual framework; (ii) to map the rural initiative of Colônia Murici/PR; (iii) to structure the Design Thinking tools (empathy map, brainstorming, prototyping) as a proposal for the pedagogical training of the Rural Initiative of Colônia Murici/PR. The study's methodological procedures consist of applied research with an inductive qualitative approach and descriptive and exploratory analysis. Based on a constructivist approach, we used primary and secondary data from documentary sources, a literature review and non-participant observation. To contribute to the methodology of this study, DT tools were used as an analysis resource for data collection and the development of a CBT pedagogical training proposal. This study contributed to the literature by demonstrating the effectiveness of DT in collecting data and solving complex problems in CBT contexts. Also in the theoretical field, the research has provided an unprecedented link between CBT, NFE and DT. The study also provides a practical model for using DT in future research, as well as creating an Instructional Matrix that can be adapted and replicated in other communities for pedagogical training. The DT workshop enabled the creation of a more structured and participatory model, strengthening local identity and empowering those involved. The collaborative approach enabled an efficient bridge between theory and practice, guaranteeing co-created training with the community and highlighting how transdisciplinarity promotes innovation and boosts the integration of different areas of knowledge. It is proposed that the Instructional Matrix be incorporated as a reference tool: by funding agencies in calls for proposals related to Community-Based Tourism (CBT); by external stakeholders engaged in capacity-building initiatives involving CBT projects and programs; and by academic institutions as a pedagogical resource in community-focused extension courses.

Keywords: Community-Based Tourism; Non-Formal Education; Design Thinking; Murici Colony; Paraná.

Dedico este trabalho a todos os pesquisadores e pesquisadoras que têm contribuído para o desenvolvimento das pesquisas em TBC.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha mãe Francisca de Sales e à minha avó Esmeralda por estarem sempre me dando apoio e carinho! Agradeço de coração ao Fabrício pela motivação, incentivo e apoio para a realização desse sonho.

Manifesto minha gratidão à minha orientadora Marinês pela jornada durante todo o processo do mestrado, pelas publicações e pela elaboração da dissertação. Obrigado por todas as contribuições, risadas, mentoria (de tudo) e pela amizade.

Aos professores do PPGTUR/UFPR, sou grato por compartilharem seu conhecimento em sala de aula. Em especial, quero agradecer à Profa. Márcia e à Profa. Thays pelas valiosas dicas e pelo carinho. Também expresse meus agradecimentos ao Prof. Caê pelo carinho e pelas aulas agradáveis durante as manhãs de sextas-feiras.

Minha gratidão também especial para as Profas. Juliana e Kettrin por aceitarem participar da minha qualificação e defesa. Kettrin, obrigado pela simpatia de sempre. Ju, sou imensamente grato por suas contribuições ao meu trabalho, pelas discussões enriquecedoras nas aulas e por ser uma pessoa tão gentil e carinhosa.

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa. Um agradecimento especial à Lucivan pela parceria nas publicações e pelas idas aos eventos e à Colônia Murici.

Por fim, agradeço de todo coração aos moradores da Colônia Murici pela paciência e pela gentileza que tiveram comigo durante o processo de pesquisa. Vocês são verdadeiramente especiais.

Muito obrigado, Deus!

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e de Pós- Graduação em Turismo

BID - Banco Internacional de Desenvolvimento

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DT - *Design Thinking*

ENF - Educação Não Formal

ENTBL - Encontro de Turismo de Base Local

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

OTPP - Organizações Turísticas Públicas e Privadas

OBSTUR/PR - Observatório de Turismo do Paraná

PNT - Política Nacional de Turismo

REDTURS - Rede de Turismo Comunitário da América Latina

SANEPAR - Companhia de Saneamento e Abastecimento do Paraná

TBC - Turismo de Base Comunitária

TC - Turismo Comunitário

TCR - Turismo Rural Comunitário

UFPR - Universidade Federal do Paraná

UCs - Unidades de Conservação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Ciência e Cultura

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DAS MODALIDADE DA EDUCAÇÃO.....	42
FIGURA 2: LOCALIZAÇÃO DA COLÔNIA MURICI.....	51
FIGURA 3: ETAPAS DA REVISÃO DA LITERATURA EM TBC.....	55
FIGURA 4: QUANTIDADE DE ARTIGOS POR ANO.....	58
FIGURA 5: NUVEM DE PALAVRAS-CHAVE DOS ARTIGOS ANALISADOS.....	59
FIGURA 6: MAPA DA EMPATIA DA COLÔNIA MURICI.....	66
FIGURA 7: PROGRAMAÇÃO “DIÁLOGOS MIRINGUAVA”	69
FIGURA 8: IDEIAS GERADAS PELOS PARTICIPANTES NA OFICINA.....	70
FIGURA 9: NUVEM DE PALAVRAS DAS IDEIAS GERADAS PELOS PARTICIPANTES.....	70

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: RELAÇÃO DOS MODELOS ORGANIZACIONAIS COM O TBC.....	30
QUADRO 2: DEFINIÇÕES DOS MODELOS ORGANIZACIONAIS DE TBC	33
QUADRO 3: SÍNTESE DOS ESTUDOS EMPÍRICOS NO TBC	35
QUADRO 4: CARACTERÍSTICAS ENTRE ENF E TBC	46
QUADRO 5: CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	54
QUADRO 6: PERIÓDICOS DA PRIMEIRA ETAPA DA REVISÃO DA LITERATURA EM TBC.	56
QUADRO 7: QUANTIDADES DE PUBLICAÇÕES EM CADA PERIÓDICO.....	57
QUADRO 8: ARTIGOS COM A TEMÁTICA DO TBC COM FOCO NO PARANÁ.....	59
QUADRO 9: ETAPAS DAS FERRAMENTAS DO DT UTILIZADAS NA COLÔNIA MURICI.....	62
QUADRO 10: SÍNTESE DOS ESTUDOS NA ÁREA DO TURISMO QUE USARAM O DT.....	64
QUADRO 11: CATEGORIAS DA GERAÇÃO DE IDEIAS.....	72
QUADRO 12: SÍNTESE DAS PRIORIDADES.....	71
QUADRO 13: MATRIZ SWOT.....	74
QUADRO 14: MATRIZ INSTRUCIONAL.....	82

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. REVISÃO DA LITERATURA	19
2.1 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA	19
2.2 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: DISCUSSÕES CONCEITUAIS	28
2.3 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E ESTUDOS EMPÍRICOS	35
3. EDUCAÇÃO NÃO FORMAL	38
3.1 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: CONCEITOS E DEFINIÇÕES	38
3.2 RELAÇÃO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL COM O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA	45
4. DESIGN THINKING	48
4.1 DESIGN THINKING COMO FERRAMENTA PARA TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E À EDUCAÇÃO NÃO FORMAL	48
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO	51
5.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: COLÔNIA MURICI	51
5.2 PRESSUPOSTOS DA PESQUISA	52
5.3 ETAPAS DA PESQUISA	55
5.3.1 ETAPA 1: REVISÃO DA LITERATURA	55
5.3.2 ETAPA 2: PESQUISA DE CAMPO E OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE	61
5.3.3 DESIGN THINKING COMO INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS	62
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	65
6.1 TESTE/RELATO DA EXPERIÊNCIA	80
REFERÊNCIAS	88

1. INTRODUÇÃO

O turismo como fenômeno socioeconômico é uma importante estratégia para o alcance do desenvolvimento em diversos países no qual ele é inserido como atividade econômica (Barretto; Burgos; Frenkel, 2003; Abreu, et al., 2024). Ainda para Campodónico e Bertolotti (2013), o turismo é uma contribuição social que adquiriu diferentes manifestações ao longo dos anos nos cinco continentes do planeta.

Uma das características do turismo é a prática social que envolve o deslocamento de pessoas por diversos motivos, promovendo o contato entre diferentes sujeitos e lugares. Essa atividade é estruturada com base em recursos naturais, culturais, sociais e patrimoniais, atributos essenciais para o seu desenvolvimento (Lopes; Rodrigues, 2009; Paiva, 2012; Freitas; Lima, 2020; Walkowski et al., 2024).

Apesar dos benefícios sociais e econômicos que o turismo acarreta, também com ele vêm os impactos negativos como uma consequência do turismo convencional, para atender as demandas do mercado capitalista. Os estudos sobre os impactos negativos do turismo apresentavam uma perspectiva simplista limitada na interação entre visitantes e locais, considerando os turistas como o principal agente de mudança da alteração irreversível no modo de vida tradicional (Graburn, 2009). Com o passar dos anos, a preocupação em estudos e pesquisas dos pontos negativos se tornou evidente nas estatísticas.

As consequências negativas do turismo acarretam em perdas e prejuízos para uma localidade, como o aumento da criminalidade por conta dos preços altos da comercialização desequilibrada (Soares, 2006), a descaracterização da cultura local e a perda da qualidade de vida dos locais (Pires, 2004). Para Ignarra (2013), a demanda massiva de visitantes aos ecossistemas frágeis impacta os recursos naturais e modifica o cotidiano da comunidade local. Assim, conforme Silva, Matta e Sá (2016), o turismo convencional é caracterizado pela exploração dos recursos naturais e culturais, pela concentração de renda, pelo favorecimento de grandes empreendimentos e pela mercantilização da cultura.

Diante dos impactos do turismo convencional, como a ocupação desordenada dos espaços, a transformação das relações sociais e a “desumanização” dos locais, surge em toda a América Latina o Turismo de Base comunitária (TBC) como um modelo de turismo (Hallack et al., 2011) e uma alternativa ao turismo convencional/ de massa (Emmendoerfer; Moraes; Fraga, 2016; Tolkach; King, 2015; Conti; Lavandoski, 2019). Segundo Bursztyn, Bartholo e Delamaro (2009), Coriolano (2009) e Sampaio e Zamignan (2012), o TBC é uma forma de se contrapor ao turismo massificado, em que se busca menor densidade de infraestrutura e serviço

e a valorização das comunidades locais que, na maioria das vezes, estão situadas nos ambientes naturais. O TBC nada mais é do que uma reivindicação das comunidades locais para serem inseridas na cadeia produtiva do turismo, seguindo princípios sustentáveis e realizando um turismo responsável (Guzzatti; Sampaio; Coriolano, 2013).

Para Hallack et al. (2011), Kalaoum e Santiago (2020) e Sebrae (2024), o TBC não se trata e nem pode ser definido como um segmento turístico, mas como uma “filosofia” que busca desenvolver a atividade turística seguindo os princípios de conservação da natureza, da participação coletiva na tomada de decisão e da distribuição dos benefícios entre a comunidade. O TBC, de acordo com Irving (2009), não se reduz a simplesmente uma comunidade recepcionando visitantes que estão procurando pelo exótico, mas uma oportunidade única de compartilhamento de vivências e de experiências. Ainda para Sampaio (2008), o TBC se baseia em uma relação dialética entre visitante e comunidade anfitriã. Para Neves (2021), o TBC se preocupa com a preservação do patrimônio cultural e compreende ideias como manutenção de tradições e fortalecimento da cultura e da identidade das comunidades.

Na perspectiva ambiental, o TBC também oportuniza uma busca por experiência autêntica em ambientes naturais preservados, onde ocorre a convivência entre grupos sociais locais. Muitos desses grupos mantêm uma relação de respeito com o meio ambiente, garantindo seu sustento por meio de atividades extrativistas (Rosa; Rosa; Nassar, 2020). O TBC surge como uma resposta aos anseios do mercado capitalista, aproveitando sua potencialidade para apresentar ao mundo sua cultura aliada à conservação ambiental (Bartholo, 2009). Em suma, o TBC se apresenta como uma proposta de desenvolvimento territorial sustentável, abrangendo os aspectos políticos, econômicos, culturais, ambientais e humanos da sociedade (Sampaio; Coriolano, 2009).

Segundo Proença e Panosso Netto (2022), diversos pesquisadores consideram o TBC como um modelo de gestão para o desenvolvimento da atividade turística em pequena proporção, pois ele prioriza principalmente a base endógena das comunidades e suas iniciativas como meio para alcançar o desenvolvimento local. Sendo assim, considera-se que o TBC é uma forma de valorizar um território, de fortalecer e de desenvolver o turismo local e as comunidades que ali vivem, de contribuir para a preservação dos patrimônios naturais e culturais e de colaborar para a geração de renda, desde que a comunidade seja a protagonista da atividade.

A temática do TBC para a presente dissertação tem uma relação com a área de concentração Turismo e Desenvolvimento do Mestrado em Turismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e se faz pertinente à linha de pesquisa Organizações Turísticas Públicas e

Privadas (OTPP). Nesse sentido, o TBC pode ser formado por uma rede de organizações formais e informais ligadas ao turismo que tem como objetivo beneficiar todo um coletivo. Embora cada conceito e definições abordem algumas especificidades, existem princípios comuns, tais como: autogestão; associativismo/cooperativismo; democratização de oportunidades e de benefícios (Faxina; Freitas, 2021; Walkowski; Damo; Loch, 2017; Brambatti; Nitsche, 2018).

Essa perspectiva de organização e valorização coletiva também dialoga com a ideia de Educação Não Formal (ENF), que está estruturada em um critério de solidariedade e na identificação dos interesses coletivos para o alcance da democracia através do aprendizado (Gomes; Silva; Silva, 2016). A ENF é um processo sociopolítico, cultural e pedagógico que fornece a base para um conjunto de práticas socioculturais voltadas à produção de conhecimento. Ela abrange toda a sociedade civil, incluindo organizações, instituições e programas sociais (Gohn, 2020). Assim, a ENF tem princípios que também fundamentam as práticas do TBC.

De acordo com Gohn (2006), a ENF visa a formação cidadã do indivíduo em espaços não escolares. Para a autora, a ENF é uma forma de capacitar os cidadãos para o trabalho, dando-lhes suporte e habilidades necessárias para serem desenvolvidas através de uma aprendizagem de forma coletiva com objetivos comunitários. Diante desse contexto, o estudo tem a seguinte pergunta problema: Qual o papel/influência da Educação Não Formal no desenvolvimento de projetos de TBC?

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral analisar de que forma a Educação Não Formal pode contribuir com a formação do TBC na Iniciativa Rural da Colônia Murici/PR. Para o alcance desse objetivo, foram considerados os seguintes objetivos específicos: (i) discutir o TBC e a ENF a partir de um marco conceitual; (ii) mapear a iniciativa rural da Colônia Murici/PR; (iii) estruturar as ferramentas do *Design Thinking* (mapa da empatia, brainstorming, prototipagem) como proposta para a formação pedagógica da Iniciativa Rural da Colônia Murici/PR.

Diante desse cenário, relacionar o TBC com a ENF se faz necessário, pois na revisão da literatura não foram encontrados estudos que trouxessem abordagem do TBC com a ENF para a formação dessas comunidades e iniciativas. Sendo assim, trabalhar a formação das comunidades e iniciativas de TBC é uma forma de evitar que projetos se percam no caminho devido a diversos fatores, especialmente quando o foco da comunidade está voltado para o viés econômico.

Segundo o estudo de Peralta e Cobra (2018), um programa de capacitação para

empreendimento de TBC na Amazônia acabou não atendendo as necessidades da comunidade, devido a capacitação ter colocado ênfase em habilidades técnicas para a comercialização, ou seja, a formação não promoveu a autogestão dos processos e nem a autonomia dos envolvidos. Uma pesquisa recente de Abreu e Carvalho (2023) identificou a necessidade de uma formação pedagógica na iniciativa rural da Colônia Murici/PR para a consolidação sólida dos conceitos e das premissas do TBC.

Maldonado (2009), em estudos pioneiros, já tinha identificado questões que dificultavam o desenvolvimento das iniciativas de TBC no âmbito rural na América Latina, como o despreparo das comunidades na gestão da atividade turística, se colocando em situação de improvisação, a falta de profissionalismo e o desconhecimento de uma gestão efetiva. Bursztyn e Bartholo (2012) enfatizam que a falta de formação bem qualificada acarreta em dificuldades na comunicação, dando um passo para a “falência” até mesmo de projetos já consolidados.

Portanto, considera-se a ENF como uma estratégia para o alcance da aprendizagem das iniciativas de TBC por meio de ações pedagógicas para a construção dos saberes necessários para a consolidação dos projetos entre todos os envolvidos com a atividade. Para Garcia (2015), os conceitos são produzidos a partir de partes de outros conceitos. Contudo, a construção da aprendizagem dos conceitos do TBC dentro de uma ENF pode se manifestar de forma prática e reflexiva, tendo uma dimensão social e comunitária, como um projeto coletivo e social que busca atender as demandas e interesses dos grupos em suas comunidades (Gomez-Granell; Vila, 2003).

Dentro dessa abordagem, a ENF é uma estratégia essencial para a aprendizagem e para a consolidação das iniciativas de TBC, promovendo uma construção coletiva de saberes. Para complementar essa construção, temos as ferramentas do *Design Thinking* (DT) que surgem como uma abordagem inovadora e prática, potencializando o desenvolvimento da atividade turística ao integrar criatividade, colaboração multidisciplinar e resolução de problemas reais.

O DT no contexto do turismo, conforme estudos de Sándorová et al. (2020), é uma ferramenta valiosa para ensinar as habilidades do século XXI. Ele permite que os participantes resolvam problemas ao encontrar e classificar informações, colaborar com outras pessoas e iterar suas soluções com base no mundo real por meio de experiências autênticas e de feedbacks. O estudo apontou que o DT se apresenta como uma solução eficaz e criativa para o desenvolvimento de novos produtos turísticos, demonstrando potencial como método de ensino, pois aprimora o pensamento criativo e o trabalho em equipe.

Recentemente a abordagem do DT tem sido utilizada como caráter pedagógico em situações de formação com o objetivo de desenvolver e estabelecer relações coletivas. Essas situações são pautadas em problemas reais, visando promover ações e soluções específicas em um determinado espaço onde acontece a intenção de uma aprendizagem (Lopes; Hargah; Santos, 2016). Ainda para as autoras, o DT apresenta-se como uma nova “metodologia” integradora de colaboração multidisciplinar. Diante disso, o DT emerge como uma ferramenta central para o fortalecimento das iniciativas de TBC, pois a sua abordagem interativa, empática e colaborativa promove a participação ativa e a cocriação dos envolvidos na atividade turística.

Ao integrar o DT e o TBC à ENF, cria-se um cenário de aprendizagem participativa e autônoma, em que as comunidades se tornam protagonistas de seus processos de desenvolvimento. A estruturação DT no contexto do TBC possibilita uma gestão mais eficiente e sustentável, garantindo que os projetos comunitários tenham impacto duradouro e atendam às reais necessidades dos envolvidos.

A Iniciativa Rural da Colônia Murici, objeto de estudo desta dissertação, fica localizada em São José dos Pinhais, Paraná. A comunidade apresenta um rico mosaico de atrativos que a diferenciam, atraindo aqueles que valorizam a natureza, a cultura e a gastronomia. A atividade do turismo, nesse contexto, surgiu como uma alternativa de subsistência para a comunidade, especialmente frente aos impactos decorrentes da construção de uma barragem na bacia hidrográfica do Miringuava, destinada ao abastecimento público de água. Essa obra, iniciada em 2015 pela SANEPAR (Companhia de Saneamento e Abastecimento do Paraná), causou transformações significativas na perspectiva da população local (Santos, 2023).

A metodologia deste estudo consiste em pesquisa aplicada com abordagem qualitativa de caráter indutivo e análises descritiva e exploratória. A partir de uma abordagem construtivista, utilizou-se dados primários e secundários em fontes documentais, revisão da literatura e observação não-participante.

A revisão da literatura abordou as duas temáticas centrais deste estudo: o TBC e a ENF. Para o TBC, foram realizadas pesquisas em bases de dados científicos e repositórios. Nos últimos dez anos, os principais temas explorados no campo do TBC foram a inclusão social, a participação social, o desenvolvimento local, o protagonismo, a gestão e a geração de emprego e renda. Já na revisão de literatura sobre a ENF, os artigos destacam-na como uma alternativa educacional essencial, integrando práticas sociais, culturais e políticas que promovem a cidadania, a inclusão social e o desenvolvimento coletivo em diversos contextos e espaços. Para contribuir com a metodologia deste estudo, foram utilizadas as ferramentas do DT para a coleta de dados e a elaboração de uma proposta de formação em TBC.

Com este estudo, foram alcançados as seguintes contribuições: a) Teórica: a aproximação e a discussão dos conceitos de ENF no contexto do TBC; a adaptação da ferramenta de DT nos estudos metodológicos do turismo, auxiliando na coleta e análise de dados do TBC e destacando como a transdisciplinaridade promove a inovação e impulsiona a integração de diferentes áreas de conhecimento; b) Prática: a pesquisa teve como contribuição social a elaboração de uma proposta de formação pedagógica com a comunidade local para a consolidação da prática do TBC, visando uma possível aplicação e adaptação em diferentes contextos; a aproximação e o estreitamento da academia com a comunidade local (em campo e sala de aula), estimulando as trocas de conhecimentos sobre a temática do TBC.

Esta dissertação está dividida em sete capítulos: a introdução, a revisão de literatura sobre a temática do TBC, da ENF e do DT, os procedimentos metodológicos, a análise e a discussão dos resultados e as considerações finais.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

O fenômeno do turismo é capaz de impactar positiva e negativamente uma localidade em diversos aspectos, tais como: social, cultural, ambiental e econômico. Ele contribui para a geração de receitas, de trabalho e de emprego, bem como para a melhora na qualidade de vida daqueles que estão envolvidos com essa atividade

Embora o modelo de turismo emergente apresente os benefícios econômicos (Krippendorf, 2001) como uma promessa de valorização da população local (com o aumento da oferta de emprego e renda), ele coloca os recursos naturais em vulnerabilidade (Pinheiro, 2014) e pode prejudicar até mesmo a própria comunidade (com a especulação imobiliária e com a desvalorização de sua cultura e de seus costumes). Com o passar das décadas, esse fenômeno vem se desenvolvendo de forma cada vez mais centralizada para atender as demandas dos mercados nacionais e internacionais, e os demais atores sociais são, em sua maioria, desconsiderados no envolvimento da organização das atividades turísticas (Barretto, 2000). Entretanto, a intenção aqui não é criticar esse modelo de turismo, popularmente conhecido como “turismo convencional”, “turismo de massa” ou “*overtourism*” (nomenclatura recente no idioma inglês), e sim contribuir para uma nova realidade de se pensar em um turismo mais sustentável

O termo “turismo de massa” é encontrado em diversos estudos escritos por autores como: (Trigo, 1993; Urry, 2001; Ruschmann, 2002; Sampaio, 2004; Coriolano; Silva, 2005;

Uriely, 2005; Coriolano, 2006; Bursztyn; Bartholo; Delamaro, 2009; Zaqual, 2009; Ignarra, 2013). Para este estudo considerou-se a utilização do termo “turismo convencional” (Betti; Denardin, 2019; Albuquerque; Nascimento; Nóbrega, 2022), pois pesquisas recentes têm feito a utilização desse termo.

A preocupação de estudiosos e de pesquisadores que investigam os impactos negativos do turismo convencional criou forças durante a metade do século XX devido ao avanço desenfreado de turistas no continente europeu (Barretto, 2004; Schnitman, 2014, Maracajá, 2023). Contudo, a consolidação do turismo convencional ocorreu a partir do desenvolvimento dos meios tecnológicos, da modernização dos meios de transporte e de comunicação e das mudanças socioeconômicas das pessoas (Smith; Eadington, 1992; Dias, 2013). De todo modo, essa abordagem corrobora com Urry (2001, p. 182), para quem “o turismo de massa é uma característica das sociedades modernas

Para Ruschmann (2002), o turismo convencional se caracteriza como um grande deslocamento de turistas para uma mesma localidade e em uma mesma época do ano. Devido ao fluxo excessivo de turistas na comunidade receptora, os impactos negativos no âmbito sociocultural são maximizados e os danos causados aos recursos naturais podem ser irreparáveis. Nesse contexto, segundo Fabrino, Costa e Nascimento (2012), o turismo convencional contribui para o aumento das desigualdades sociais, colocando a comunidade em situação vulnerável e em condições subordinadas diante da atividade turística. Para Ignarra (2013), Betti e Denardin (2019), esses impactos negativos, frequentemente guiados pela lógica de mercado, alteram o cotidiano dos nativos, modificando seu modo de vida devido às consequências trazidas pela atividade turística. Lamentavelmente, esse tipo de turismo prioriza lucros imediatos, muitas vezes negligenciando aspectos essenciais, como a preservação da cultura e a conservação dos recursos naturais.

A busca por lazer e viagens de férias em destinos ensolarados é uma característica do segmento do turismo sol e mar que predomina nos litorais, um exemplo de turismo convencional (Jafari; Xiao, 2015). Esse segmento vem ocasionando impactos negativos por consequência de uma atividade planejada e organizada de forma economicista, em que o meio ambiente (nativos e recursos naturais) são afetados (Sampaio, 2007). No litoral brasileiro, especificamente no nordeste, grandes empreendimentos hoteleiros trouxeram diversos problemas sociais nas comunidades locais, e o território tornou-se palco de grande disputa gerada pela especulação imobiliária. Nele, a paisagem das encostas foi transformada e os nativos foram desapropriados de suas casas para darem espaço aos modernos e luxuosos equipamentos turísticos (Coriolano, 2009). Segundo estudo de Betti e Denardin (2019), esse

mesmo fato ocorreu na Ilha de Peças na cidade de Guaraqueçaba/PR, região onde os nativos e pescadores tiveram que se mudar para o interior da ilha devido à especulação imobiliária. Assim, a supervalorização de um território causada pela atividade turística acarreta a ocupação dos espaços por grandes empresários, alterando o modo de vida dos locais.

É importante ressaltar que o termo turismo de massa (ou turismo convencional) recebeu, com o passar dos anos, uma nova terminologia chamada de *overtourism*. Essa nova terminologia surgiu em 2017 para descrever destinos superlotados (localizados especialmente na Europa) que apresentavam conflitos entre moradores e turistas, aumento de preços e queda na qualidade de vida da população local (Goodwin, 2017; Maracajá et al., 2023). Para Maracajá et al., (2023), o *overtourism* está relacionado ao excesso de atividades turísticas que afetam negativamente a população local. A concentração excessiva de turismo afeta tanto áreas urbanas quanto rurais e causa diversos danos ao ambiente, tornando-o insustentável. Os problemas advindos do *overtourism*, como a gentrificação dos espaços (Maracajá et al., 2023), são consequências do crescimento contínuo do fluxo turístico em pontos atrativos localizados especialmente nos centros das cidades (Zaar, 2019). Nota-se que mudou a terminologia, mas os mesmos problemas que aconteciam em décadas passadas continuam acontecendo de forma cada vez mais acelerada, o que torna esse um tema emergente para pesquisas e discussões.

Sampaio (2007) diz que os problemas que afetam as comunidades oriundas do turismo convencional são complexos “e não são resolvidos de maneira disciplinar, isto é, por especialistas”. Contudo, o olhar e o conhecimento técnico de profissionais capacitados podem minimizar esses problemas por meio de uma atividade turística planejada que garanta benefícios sociais, econômicos, culturais e ambientais para todos os envolvidos. Para que esses benefícios sejam garantidos e os impactos minimizados, é necessário um planejamento que inclua as comunidades locais na discussão sobre a implementação do turismo, considere os breves conhecimentos que elas detêm e reconheça se elas mesmas demonstram interesse em ter a atividade turística como renda (Vitório; Vianna, 2016).

Para muitos pesquisadores das ciências sociais, o turismo pode ser benéfico para uma comunidade, desde que tenha como premissas o protagonismo da comunidade local, ações de salvaguarda dos patrimônios culturais e naturais, complementação da renda e distribuição dos benefícios entre um público mais amplo do que aqueles envolvidos diretamente com o turismo (Scheyvens, 2007; Bursztyn; Bartholo; Delamaro, 2009; Coriolano, 2009; Irving, 2009; Carrelas, 2022). Essas premissas, que norteiam o desenvolvimento de um turismo mais sustentável, podem ser consideradas também como um modelo de gestão social. Para Fischer (2012), a gestão social envolve a coordenação de atividades em diferentes momentos e locais,

exigindo tanto ações individuais quanto coletivas para a produção de bens, serviços e significados. Para os autores Garcia et al. (2018), esse modelo de gestão foca em um gerenciamento mais participativo e dialogado.

Sofronov (2018), afirma que as viagens e o turismo são muito importantes para várias localidades que têm essas atividades como fonte de receita. O turismo traz benefícios socioeconômicos, tem o poder de mudar a vida das pessoas para melhor, de impulsionar o crescimento econômico e de reduzir a pobreza. Ainda nessa linha de pensamento, para Panosso Netto e Castillo Nechar (2014, p 136), o conhecimento "crítico do turismo se interessa pela transformação da realidade com uma observação na busca de construir um mundo melhor para todos". A compreensão mais apurada e crítica sobre o fenômeno do turismo é essencial para poder contribuir para um desenvolvimento mais sustentável. De fato, é necessário que se tenham mais pesquisas no campo do turismo com esse olhar mais crítico, pois o turismo enquanto fenômeno é capaz de trazer diversos benefícios, porém, quando mal planejado, pode acarretar danos irreversíveis à comunidade receptora (Panosso Netto; Castillo Nechar, 2014).

Dado o exposto, considera-se o Turismo de Base Comunitária (TBC) (ou *Community-Based Tourism*, em inglês), como um modelo alternativo de turismo (Faxina; Freitas, 2021). O TBC entrou nas discussões na área do turismo por volta dos anos de 1970 e 1980 e surgiu como uma alternativa para minimizar os impactos negativos causados pelo turismo de massa (Murphy, 1983, Jafari; Xiao, 2015).

Conforme Lima, Irving e Oliveira (2022), o TBC é “uma via para a conexão entre os moradores de uma dada localidade turística com a sua própria origem, representando, ainda, uma alternativa local para o enfrentamento da dinâmica da globalização e seus efeitos em muitas áreas com essa vocação”. Para Cruz (2009), o TBC tem como uma de suas estratégias descentralizar o turismo convencional, onde o consumo desenfreado das culturas locais é predominante. Gomez et al. (2015) e Budel, Severino e Rejowski (2023) afirmam que as iniciativas de TBC são formas de desenvolvimento de um turismo alternativo nas comunidades, uma vez que se contrapõem a um turismo massificado, que cada vez mais vem crescendo e se consolidando com o apoio das leis de mercado. Nesse cenário, o TBC surge como uma alternativa sustentável de se pensar e de se fazer o turismo, com o desenvolvimento em pequena escala e tendo a comunidade local como protagonista.

Na América Latina, o TBC surgiu por volta da década de 1980 através do Turismo Rural Comunitário (TRC). O Banco Internacional de Desenvolvimento (BID) incentivou essa abordagem para atender à demanda de turistas internacionais que desejavam contribuir para a preservação do meio ambiente e para a diversidade das comunidades locais (Maldonado, 2009;

Silva; Martins, 2012).

A Rede de Turismo Comunitário da América Latina (Redturs), criada em 2001, coordena iniciativas em diferentes níveis, locais e nacionais, e influencia práticas de desenvolvimento (Bursztyn; Bartholo; Delamaro, 2009). Essas iniciativas são mais frequentes no hemisfério sul, abrange continentes como África, Ásia e Oceania e países da América Latina, como Brasil, Equador, México e Peru (López-Guzmán; Sánchez-Cañizares; Pavón, 2011). Além disso, por meio de iniciativas familiares e com estímulos governamentais, o TBC também está se expandindo na Argentina, no Chile, em Honduras e na Nicarágua (Faxina; Freitas, 2021).

Com base em experiências realizadas em diferentes países, percebe-se que tem havido um aumento na procura por modalidades de turismo que priorizem a preservação do meio ambiente e a sustentabilidade da comunidade local (Walkowski et al., 2021).

No contexto brasileiro, a criação e os objetivos da Política Nacional de Turismo (PNT), na Lei n. 11.771 de 2008, fortalecem os princípios do TBC. Com a implementação da PNT, o TBC passou a ter visibilidade para uma articulação e mobilização diante das políticas públicas para o fortalecimento das iniciativas, que até então eram esquecidas e marginalizadas (Bursztyn; Bartholo, 2012). Com o PNT (2007-2010), o TBC firmou-se como uma forma de turismo e um vetor de desenvolvimento local e de inclusão social para fins de promoção de um turismo mais sustentável entre os atores locais e parcerias com órgãos públicos/privados (Bursztyn; Bartholo; Delamaro, 2009; Maldonado, 2009; Araújo; Cândido; Krott, 2018). O TBC vem ganhando espaço nas ações do turismo brasileiro com a missão de proporcionar ganhos e melhorias significativas para as comunidades locais, proporcionando emprego, renda, combate à pobreza e valorização das culturas locais (Silva; Araújo, 2018).

No entanto, o conceito do TBC ganhou novas reflexões e entusiasmos para pesquisas acadêmicas a partir do primeiro Encontro de Turismo de Base Local (ENTBL) no ano de 1997 (Irving, 2009). Desde então, o TBC passou a ser interpretado e debatido na literatura acadêmica e nas narrativas de políticas públicas como uma alternativa para o desenvolvimento socioeconômico local (Lima; Irving; Oliveira, 2022). Graciano e Holanda (2020) corroboram mencionando que, na literatura acadêmica, o TBC “integra-se ao movimento do turismo alternativo como um contraponto à massificação do fenômeno turístico”. É importante ressaltar que o debate sobre o TBC aconteceu simultaneamente com as discussões sobre o desenvolvimento sustentável (que vinham ganhando espaço na década de 90) e com a importância social nos estudos científicos e nas políticas públicas (Proença; Panosso Netto, 2022).

Para Ruschmann (2010), no que se refere ao planejamento da atividade turística nessas duas últimas décadas (1980 e 1990), pautas como a conservação da biodiversidade e a preservação das culturas locais se tornaram evidentes nas discussões internacionais. Contudo, debates sobre práticas socioambientais já haviam sido iniciados nos anos de 1960 e 1970 e resultaram na conferência Rio-92 o ECO-92, marco de grande relevância histórica para promover a sustentabilidade nas sociedades e atender os objetivos sustentáveis propostos pela Nações Unidas (Irving; Azevedo; Lima, 2018; Neves, 2021).

O TBC vem se colocando de forma contrária aos segmentos de mercado tradicionais do setor turístico, sendo uma forma de promover o desenvolvimento socioeconômico de comunidades menos privilegiadas, de organizar e de dirigir as experiências turísticas (Irving, 2009; Fabrino, 2013). Segundo Ferreira (2014), o TBC não é e nem deve ser considerado um fenômeno homogêneo, pois em suas diversas maneiras e contextos existe uma especificidade das comunidades locais em preservar seus recursos naturais e culturais e em solucionar os problemas sociais do dia a dia. Em síntese, entende-se o TBC como uma forma de turismo que pode contribuir para o desenvolvimento sustentável e que tem por característica iniciativas de pequena escala e local que beneficiam as comunidades mais pobres (acesso aos direitos básicos), reduzem o impacto ambiental, requalificam a relação anfitrião e visitante e garante a participação ativa dos residentes locais no planejamento do turismo (Carrelas, 2022).

Com os discursos e críticas que vinham acontecendo no final de 1970 e começo de 1980 contra o turismo de massa no contexto europeu, pode-se dizer que o termo TBC surgiu a partir desse período como uma maneira de se fazer um turismo mais responsável. As comunidades foram colocadas nos focos dos debates, dando visibilidade, no contexto do turismo, aos âmbitos econômico, social, cultural e político (Meguis et al., 2015).

Para Murphy (1983), o objetivo do desenvolvimento do turismo é atender as necessidades das comunidades anfitriãs. Para ele, a participação da comunidade é um fator determinante para a sustentabilidade do turismo, e o controle e planejamento da atividade turística deve partir do lugar e deve ser conduzido pela comunidade receptora.

O TBC é considerado uma abordagem alternativa para pensar e para desenvolver o turismo. Sua perspectiva é mais social e focada nos recursos locais, na autonomia da comunidade e nas dimensões humanas e culturais. Além disso, o TBC busca distribuir os recursos financeiros provenientes da atividade turística de maneira mais equitativa e sustentável (Irving, 2009; Maldonado, 2009; Coriolano, 2009; Walkowski et al., 2021; Carrelas, 2022).

Num cenário onde permeia uma preocupação com a sustentabilidade e com o modo de produção do mercado capitalista, Neves (2021) considera o TBC um modelo teórico para o desenvolvimento turístico. Lima, Irving e Oliveira (2022) explicam que o TBC vem sendo compreendido como uma forma de planejamento da atividade turística que insere a comunidade como um agente transformador das dinâmicas socioeconômicas locais, além de resgatar e manter vivas as tradições locais. Logo, encontra-se no TBC uma maneira de incentivar e de preservar os recursos naturais e culturais, de promover o crescimento econômico local e, conseqüentemente, de contribuir para um desenvolvimento local sustentável (Almeida; Emmendoerfer, 2022).

Um das essências do TBC são as propostas de relações e de trocas interculturais que a atividade do turismo proporciona entre as comunidades locais e os visitantes (Maldonado, 2009; Sancho; Malta, 2015; Walkowski et al., 2021). Essas relações criam vivências entre anfitriões e visitantes, promovendo trocas de saberes: o visitante sai enriquecido culturalmente e ressignificado com a imersão nessas comunidades, e os anfitriões, conforme Oliveira (2011) e Sansolo e Bursztyn (2009), melhoram a sua qualidade de vida por meio da valorização da sua cultura e dos benefícios oriundos do TBC. Para Walkowski et al. (2024) e Grimm e Sampaio (2011), essas trocas de vivências nos territórios dessas comunidades criam uma mentalidade solidária e coletiva e promovem uma rede de cooperação entre os envolvidos em direção a objetivos comuns.

Em relação aos visitantes, esses se relacionam de maneira autêntica com a comunidade, participam do cotidiano local e, a partir de suas vivências, valorizam a experiência cultural em uma relação respeitosa com as pessoas que ali vivem (Sancho; Malta, 2015; Urano; Siqueira; Nóbrega, 2016). Esses relacionamentos entre visitantes e comunidade favorecem os âmbitos econômicos, sociais, culturais e ambientais (Buhalis, 2000; Dias, 2008; Batista et al., 2021).

De acordo com Coriolano (2009), a colaboração é um dos elementos primordiais para a execução do TBC, e o seu surgimento é uma contraproposta de resistência das comunidades impactadas pelo turismo hegemônico. O TBC não se limita apenas ao crescimento econômico, mas também busca estar em consonância com o desenvolvimento social e ambiental. Para Moraes, Irving e Mendonça (2018), o TBC é uma forma que se opõe à pressão do mercado capitalista (como, por exemplo, os grandes empreendimentos hoteleiros) e à excessiva especulação imobiliária.

Para Sansolo e Bursztyn (2009), a valorização da identidade cultural, a preservação dos recursos naturais e a distribuição dos benefícios na comunidade receptora é a base que sustenta essa proposta alternativa de fazer turismo. Irving (2009) diz que uma condição para o

desenvolvimento do TBC é o envolvimento e a participação da comunidade como “sujeito” e não como “objeto” da atividade turística.

Em consonância, o TBC como estratégia de progresso para uma comunidade que foi excluída do *trade turístico* possibilita um conjunto de benefícios: o econômico, pois traz oportunidades de renda e de emprego; o cultural, pois fortalece a identidade e os costumes tradicionais que por algum motivo foram afetados pelo capitalismo; e o ambiental, pois permite que a comunidade funcione como uma espécie de guardião dos recursos naturais presentes em seu território (Tomazin; Ramiro, 2016).

Uma das premissas do TBC é a de que os benefícios vindos do desenvolvimento da atividade turística devem ser para todos os envolvidos com o TBC, permanecendo na comunidade com o objetivo de melhorar a infraestrutura, a educação e a saúde locais (Urano; Siqueira, 2015). Esse desenvolvimento, conforme explica Araújo, Cândido e Krott (2018), deve ser visto como um processo de mobilização e de participação social, refletir em mudanças nas próprias comunidades e primar pelos princípios da sustentabilidade.

Rodrigues (2000) destaca que o desenvolvimento sustentável não significa o aumento da distribuição de bens e riquezas, e o valor econômico não deve (e nem pode) ser mais relevante do que o desenvolvimento humano. O economista Amartya Sen (2010), em sua teoria sobre o desenvolvimento humano, enfatiza que é preciso que haja liberdade para que as pessoas possam cuidar de si mesmas e das pessoas à sua volta. Para esse autor, desenvolvimento é mais do que um PIB em crescimento, é uma estabilidade da economia, com o indivíduo no centro do progresso tendo seus direitos à educação, à saúde e à moradia digna conquistados. Desta forma, ao relacionar o TBC com a teoria do desenvolvimento com liberdade, as conquistas das comunidades são alcançadas de forma coletiva e eficaz, permitindo que todo o coletivo participe dos processos e da otimização das ações (Medeiros; Azevedo; Farias, 2023). Para Sudré e Figueiredo (2023), as comunidades, quando participam efetivamente na atividade, percebem no turismo um fator de mudanças e identificam resultados verdadeiros em suas vidas.

Segundo Sampaio (2008), a ideia de que o desenvolvimento possa surgir a partir do turismo é complexa. Quando o objetivo principal da comunidade é a geração de renda e emprego por meio do turismo, ele pode não refletir completamente os valores fundamentais do TBC. Para Graciano e Holanda (2022, p. 165), “os benefícios econômicos não são a única potencialidade do TBC, pois ele colabora na continuidade do modo de vida das populações tradicionais ao contribuir para a valorização da identidade cultural das comunidades”. Para Medeiros, Azevedo e Farias (2023), caso a comunidade não tenha em seu cerne a compreensão da integração de culturas, saberes e costumes, e as práticas coletivas como as sociais e

econômicas da sua realidade, ela não encontrará no TBC a satisfação necessária.

As atividades turísticas como consequência do desenvolvimento do TBC devem ser complementares a outras atividades econômicas que já estejam sendo desenvolvidas e praticadas pela comunidade, como a agricultura, a pesca, o artesanato, a pequena agroindústria, o transporte e outras atividades (Moraes; Emmendoerfer, 2015). De todo modo, é necessário ressaltar que a atividade turística em um contexto de TBC deve ser inserida como complemento de renda, uma vez que o turismo é impactado pela sazonalidade. A comunidade orientada e ciente dessa sazonalidade conseguirá se organizar e evitará frustrações no futuro. Para Sansolo (2009), o TBC é uma alternativa de desenvolvimento para as comunidades locais, mas é essencial ponderar para que as atividades turísticas não se expandam excessivamente, tornando-se de grande escala (até porque não é o objetivo do TBC). Trata-se de uma opção de renda extra, de maneira que não afetem outros serviços econômicos comuns da comunidade.

Para Irving (2009) e Moraes, Irving e Mendonça (2018), as principais premissas para o planejamento e desenvolvimento do TBC são: a participação e o protagonismo da comunidade no planejamento do turismo; o turismo em pequena escala e impactos sociais e ambientais controlados; a renda e os benefícios concedidos diretamente à comunidade local; a interculturalidade e; o “encontro” como uma condição essencial. Nesse mesmo contexto, Lima, Irving e Oliveira (2020) trazem algumas perspectivas teóricas no contexto brasileiro que, além das definições citadas no parágrafo anterior, são discutidas em outros estudos ao longo dos anos:

“a) o protagonismo local, b) a autogestão, c) a geração de benefícios econômicos para as populações locais, d) a valorização da cultura local, e) o compromisso de proteção da natureza, f) a oportunidade do encontro entre visitantes e visitados, e g) o compromisso de melhoria da qualidade de vida e bem-estar das populações locais” (Lima; Irving; Oliveira, 2020, p.6).

Essas premissas, que dão embasamento aos conceitos do TBC, têm sido norteadoras de pesquisas acadêmicas e têm conduzido a implementação de iniciativas de TBC. O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão federal que regula e normatiza as iniciativas presentes em Unidades de Conservação (UCs), afirmou, em 2018, que o TBC é um modelo de gestão no qual a comunidade é protagonista, fazendo com que os benefícios gerados pela atividade turística sejam compartilhados com todos. Essa alternativa de se fazer turismo promove a qualidade de vida e a valorização das culturas locais, pois além de proporcionar vivências culturais entre anfitrião e visitante, ela promove ações educativas para a utilização das UCs.

Nessa perspectiva, as iniciativas que seguem as premissas do TBC contribuem para o desenvolvimento econômico local no viés sustentável, melhorando a qualidade de vida dos locais (Moraes; Emmendoerfer, 2015; Ozorio, 2022; Zanetoni et al., 2022). O TBC nada mais é do que um tipo de turismo que, em tese, favorece os laços sociais de maneira coletiva, proporcionando autoestima e qualidade de vida para a comunidade local por meio da inclusão social, do empoderamento, da valorização da cultura e do sentimento de pertencimento (Irving, 2009).

2.2 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: DISCUSSÕES CONCEITUAIS

O TBC tem sido discutido e pesquisado por diversos estudiosos que apresentam interesse por esse tema. São encontrados na literatura diversas discussões conceituais que abordam o TBC e que dão embasamento para pesquisas e para a implementação das suas iniciativas. Os pioneiros que investigam o TBC, como Bursztyn, Bartholo e Delamaro (2009), destacam que essa forma de turismo se baseia no respeito aos valores culturais e às tradições locais. O TBC visa renovar e recuperar esses princípios. Além disso, esses autores enfatizam que o TBC promove uma relação interativa e dialogal entre visitantes e comunidades locais. Coriolano (2009) e Meguis et al. (2015) afirmam que o TBC oferece uma experiência única, colocando anfitriões e visitantes em uma troca de vivências que vai além das formas convencionais de turismo. Essa abordagem também contribui para melhorar a qualidade de vida dos anfitriões e para fortalecer os seus laços sociais, valorizando, dessa maneira, o lugar e a sua cultura. Quando os anfitriões decidem receber os visitantes, essa comunidade local também participa de uma experiência singular e potencializa os vínculos sociais por meio da valorização do lugar e da sua cultura (Tomazin; Ramiro, 2016).

Com base na revisão de literatura analisada para esse estudo, foi identificado que os principais temas abordados nesses últimos dez anos foram: (i) inclusão social (Queiroz; Guerra, 2016; Soares; Kaspary, 2016; Moraes; Emmendoerfer, 2015); (ii) participação social (Alves; Gómez, 2021; Meguis et al., 2015; Almeida; Castro, 2017; Tomazin; Ramiro, 2016); (iii) desenvolvimento local (Vitório; Vianna, 2016; Tomazin; Ramiro, 2016; Silva, 2018; Faxina; Freitas, 2021); (iv) protagonismo (Vitório; Vianna, 2016; Meguis, 2015; Zanetoni et al., 2022); (v) gestão (Leão, 2016; Almeida; Emmendoerfer, 2022); (vi) geração de emprego e renda (Queiroz; Guerra; 2016; Araújo, 2016; Silva, 2018).

Todas essas temáticas colocam o TBC em oposição à concentração mercadológica da economia turística e incluem outros atores na gestão e no controle dos patrimônios naturais e culturais onde se instalam (Leão, 2026). Nesse sentido, o TBC surge como uma modalidade que privilegia o local e seu território (Coriolano, 2012). Para Tomazin e Ramiro (2016), o maior objetivo do TBC, diferentemente do turismo convencional, é o desenvolvimento local de forma coletiva, distribuindo os recursos e dando oportunidades para o crescimento econômico da comunidade.

Uma questão importante referente ao desenvolvimento econômico oriundo da atividade turística nas comunidades que seguem as premissas do TBC é a de que esta forma de se fazer turismo não deve sobrepor a economia tradicional preexistente no local, ou seja, o turismo deve ser integrado à dinâmica da produtividade já existente naquela comunidade (Silva; Araújo, 2018). A forma mais justa e democrática para desenvolver o TBC é descentralizar os benefícios econômicos oriundos dessa atividade, busca por recursos locais e preservar os valores socioculturais da região (Silva; Spinola, 2018).

Segundo Coriolano (2012), o TBC é implementado em localidades que apresentam condições de vulnerabilidade sociais e econômicas (periferias das grandes cidades) como uma forma de desenvolvimento. Entretanto, para Silva e Araújo (2018), o TBC não pode ser inserido e implementado em uma comunidade como a solução para os problemas surgidos pela vulnerabilidade social e econômica, mas sim como uma estratégia para alcançar o desenvolvimento local.

Para Coriolano (2009), embora o TBC não seja desenvolvido apenas em áreas que apresentam grandes desigualdades sociais, ele é uma alternativa da gestão de empreendimentos localizados em aldeias, quilombos, assentamentos, favelas ou comunidades rurais.

Nesse contexto, Irving (2009) destaca que o TBC não deve ser compreendido pela perspectiva clássica de que ele deve acontecer em comunidade de baixa renda ou em comunidades tradicionais, mas sim na perspectiva de um coletivismo ou de uma rede de colaboração dos envolvidos com o turismo. Para Tomazin e Ramiro (2016) e Kalaoum e Santiago (2020), o TBC preza pela participação coletiva na gestão da atividade turística, pelo desenvolvimento integrado dos aspectos econômicos, sociopolíticos, culturais e ambientais, pela continuidade de projetos em andamento e, até mesmo, pela implementação de novos projetos.

Ao tratar de uma rede colaborativa e de um desenvolvimento integrado, Irving (2009) explica que se a comunidade não expressar a motivação endógena e não desejar um

envolvimento social, ela não atenderá às necessidades e às demandas que contribuirão para o protagonismo social e para o desenvolvimento social, aspectos fundamentais do TBC.

O TBC como uma alternativa que foca no bem-estar da comunidade local, otimizando e contribuindo para a sua autoestima, coloca a comunidade como protagonista dos processos de planejamento e de tomada de decisão, promovendo o desenvolvimento participativo na elaboração e na execução da atividade turística (Meguis et al., 2015; Araújo; Cândido; Krott, 2018). Tomazin e Ramiro (2016) descartam qualquer possibilidade de ação individual, visto que o TBC apresenta um encontro de diversas oportunidades para a comunidade local. Em suma, a participação da comunidade em todo processo e na organização da atividade turística é fundamental para a consolidação e para o desenvolvimento dessas comunidades (Meguis et al., 2015).

Quando a comunidade se envolve em todos os estágios da gestão integrada, ela promove a produção e a diversificação econômica. Isso acontece através da comercialização comunitária dos arranjos produtivos e do gerenciamento do território, o que contribui para o desenvolvimento do turismo local (Sansolo; Bursztyn 2009; Tomazin; Ramiro, 2016; Walkowski, 2019). Esses arranjos produtivos são contemplados pelas cooperativas e associações dos artesanatos locais, pelos guias locais, pelos pequenos produtores rurais e por qualquer iniciativa que atenda aos requisitos de uma economia solidária (Silva; Spinola, 2018). Para Coriolano (2009), as associações conectam os arranjos produtivos e, em conjunto com a atividade turística, contribui para uma interação entre a comunidade e os visitantes, o que reforça a preservação dos modos de vida e de produção em suas terras.

Sendo assim, alguns autores consideram o TBC como uma atividade que envolve os seguintes modelos organizacionais: cooperativismo, associativismo, autogestão comunitária e economia solidária (Maldonado, 2009; Brambatti; Nietzsche, 2018; Silva; Ramiro; Teixeira, 2009; Fabrino; Nascimento; Costa, 2016; Neves 2021; Calle-Calderón; Salazar, 2021; Endlich; Teixeira, 2022). No quadro um, é simplificado a relação de cada modelo organizacional com o TBC.

QUADRO 1: RELAÇÃO DOS MODELOS ORGANIZACIONAIS COM O TBC.

Modelo Organizacional	Relação com o TBC	Autores e Ano	Mudanças no decorrer dos anos

Autogestão	Administração de seus recursos naturais e culturais de forma sustentável.	Maldonado (2009).	Uma das primeiras menções da autogestão como administração sustentável na literatura brasileira no contexto do TBC.
Autogestão comunitária, cooperativismo e associativismo.	Formas de desenvolver o TBC proporcionando benefícios.	Silva, Ramiro e Teixeira (2009).	Crescimento do conceito da autogestão para incorporar o cooperativismo e associativismo.
Associativismo	As associações tornam o planejamento e a gestão dos roteiros locais no envolvimento de empreendedores e da comunidade para um desenvolvimento sustentável.	Brambatti e Nietzsche (2018).	Foco no papel das associações para o planejamento e gestão do turismo local e sustentável.
Economia Solidária	A relação entre produtores, consumidores e a atividade econômica é mais cooperativa e menos competitiva.	Sampaio; Alves; Lenz (2010)	Introdução da economia solidária como uma estratégia cooperativa.
Economia Solidária	Práticas ligadas à economia solidária e aos princípios de comércio justo e justiça social.	Neves (2021)	Incorporação dos princípios de comércio justo e justiça social.
Autogestão	Tomada autônoma de decisões e princípios democráticos paritários.	Neves (2021)	Reiteração da autogestão com tomada de decisão igualitária e gestão democrática.

Cooperativismo e associativismo.	Como a base para o desenvolvimento do TBC.	Neves (2021)	Modelo do cooperativismo e associativismo como base para consolidação de projetos de TBC.
----------------------------------	--------------------------------------------	--------------	-------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: elaboração própria com base nos autores consultados (2025).

Todas essas características de forma de organização do TBC favorecem o protagonismo comunitário e a cooperação da comunidade para uma autogestão comunitária. Entende-se como protagonismo comunitário na atividade do TBC o processo de empoderamento social da população local que, coletivamente, assume o controle político e econômico das decisões em prol de benefícios comuns (Silva; Spinola, 2018; Endlich; Teixeira, 2022)."

Para Ferreira (2014), as associações e cooperativas no TBC são soluções para superar os eventuais problemas e para efetivar os processos de maneira mais ágil e democrática. Esses modelos de organização são alternativas para que os pequenos empreendimentos (diferentemente do mercado turístico convencional) possam ajudar as comunidades a ganharem visibilidade para a captação de recursos e de subsídios de ações públicas e a promoverem uma certa autonomia para o desenvolvimento da gestão dos projetos turísticos locais (Ferreira, 2014; Brambatti, Nietzsche, 2018).

No contexto teórico e acadêmico, além dessas formas de organização do TBC, existem nomenclaturas aos modelos de TBC que são bastante diversos entre si e que apontam, tendo em vista o contexto em que foram produzidas, para diferentes questões (Neves, 2021). Almeida e Emmendoerfer (2022) salientam que apesar dessas diferenciações, O TBC apresenta uma similaridade e uma harmonia com esses modelos. Os termos relacionados ao TBC têm ganhado definições em diversos contextos e realidades. O próprio TBC pode ser considerado uma extensão de outros modelos de turismo, tais como: o turismo étnico, o ecoturismo de base comunitária, o turismo rural, o turismo rural comunitário, entre outros que visam uma contribuição sustentável para o desenvolvimento do turismo (Jafari, 2005; Maldonado, 2009). Observa-se que alguns países adotaram o termo turismo comunitário (TC) para designar o formato de turismo desenvolvido em comunidades tradicionais com ações realizadas de forma coletiva.

O TC pode ser confundido com o turismo cultural ou etnoturismo (incluindo o turismo

indígena), com o ecoturismo e com o agroturismo. Todas essas formas inserem a comunidade na gestão da atividade turística e atraem turistas que estão em busca de conhecer os costumes culturais do local (Murphy, 1983; Jafari, 2005; Sampaio, 2008).

Como uma forma sistematizada de apresentar as definições em torno dos modelos de TBC, o quadro dois reúne as principais definições e modelos de TBC debatidos em âmbito acadêmico.

QUADRO 2: DEFINIÇÕES DOS MODELOS ORGANIZACIONAIS DE TBC.

Modelo	Definição	Autores e Ano
Agroturismo	Um conjunto de serviços do meio rural, desejados por visitantes que buscam conhecer o dia a dia de uma propriedade local.	Schaerer e Dirven (2001) e Oyarzún e Carcamo (2001)
Turismo Cultural	Voltado para uma forma de observação ou dos convívios dos estilos de vida tradicionais.	Barretto (2004)
Turismo Comunitário	“uma forma de organização empresarial sustentada na propriedade e autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade de trabalho e na distribuição de benefícios gerados pela prestação de serviços turísticos”	Maldonado (2009, p.31)
Turismo Comunitário	“O turismo comunitário é aquele em que as comunidades de forma associativa organizam arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades econômicas associadas à exploração do turismo.”	Coriolano (2009, p. 282)
Turismo Rural Comunitário	O turismo em áreas rurais ocorre quando a população local, por meio de estruturas organizacionais coletivas, assume um papel de liderança	Gascón (2009)

	no desenvolvimento, na gestão e no controle da atividade. Esse modelo de turismo oferece opções que respeitam o meio natural, o contexto sociocultural e os valores da comunidade	
Turismo Étnico	“o turismo étnico é alimentado pelo interesse dos visitantes em ter acesso à cultura e ao povo indígena, buscando conhecer seus costumes e crenças no próprio ambiente de vivência”	Leal (2009, p.246)
Turismo comunitário, solidário e sustentável	“Apresenta-se como estratégia de sobrevivência e comunicação social de conservação de modos de vida e preservação da biodiversidade, organizado associativamente em territórios, como arranjos socioproductivo e político de base comunitária, que se valem do consumo solidário de bens e serviços.”	Sampaio et al. (2011, p. 27)
Ecoturismo de base comunitária	O turismo em áreas naturais, definido e gerido pelas comunidades locais, gera benefícios principalmente para elas e para a conservação da biodiversidade em regiões estratégicas.	Loureiro e Gorayeb (2013)
Etnoturismo	“é aproveitar o potencial turístico e divulgar a importância e a necessidade de conservação do ambiente, tanto em relação ao patrimônio natural quanto ao cultural e tradicional”	Nogueira et al., (2013, p. 125)
Turismo Indígena	“trata de iniciativas nas quais os empreendimentos, a gestão e a articulação são feitas pelos indígenas”	Proença e Panosso Netto (2022, p.2)

Fonte: elaboração própria com base nos autores consultados (2025).

O TBC e as modalidades existentes, para Fabrino (2013), não são uma apresentação de segmento de mercado no turismo, e sim uma proposta para um desenvolvimento sustentável do turismo. Todos os modelos citados no quadro dois, e outros existentes na literatura, são formas alternativas de se fazer um turismo que contribui para o desenvolvimento local e também para a preservação ambiental.

Em uma recente pesquisa, Almeida e Emmendoerfer (2022) destacam as seguintes evoluções do termo: turismo de base comunitária e desenvolvimento local; turismo comunitário e desenvolvimento local; turismo de base comunitária e desenvolvimento territorial local e; turismo comunitário e desenvolvimento territorial. Essas mudanças demonstram a própria evolução das discussões sobre a temática e cada uma dessas definições destacam a importância da comunidade no processo da organização do turismo da localidade. Nesse processo de organização, a base é comunitária, o que permite a criação de novos sujeitos interessados pela valorização de seus recursos naturais e culturais, tornando-os protagonistas de pequenos negócios sem a intermediação de terceiros (Silva; Matta; Sá, 2016).

2.3 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E ESTUDOS EMPÍRICOS

Este subcapítulo tem a intenção de trazer alguns estudos empíricos encontrados na revisão da literatura. Entende-se que numa realidade de TBC, compreender a perspectiva da comunidade a partir da realidade vivida por elas é uma forma de compreender, na prática, o contexto dessas iniciativas. Essa compreensão ajuda a repensar os caminhos que o TBC tem a percorrer para se consolidar em seus diversos contextos e realidades. A fim de ilustrar as diferentes abordagens do TBC em comunidades brasileiras, o quadro três sintetiza alguns estudos empíricos encontrados na literatura revisada.

QUADRO 3: SÍNTESE DOS ESTUDOS EMPÍRICOS NO TBC.

Localidade/Comunidade	Autores e Ano	Descrição da iniciativa de TBC
Praia do Aventureiro (RJ)	Costa; Catão; Prado (2009)	Atividade turística como substituição e práticas restritas de pesca e agricultura.
Tapiaim (Curuçá-PA)	Freire e Ferreira (2015)	Iniciativa marcada por improvisos devido à falta de organização comunitária.
Morro Santo Antônio (Itabira-	Araújo (2016)	Foco em igualdade de gênero,

MG)		promovendo o empreendedorismo.
Favela Santa Marta (RJ)	Mano; Mayer; Fratucci (2017)	Protagonismo comunitário e aceitação do turismo como alternativa de melhoria de vida.
Ilha de Deus (Recife-PE)	Silva e Araújo (2018)	Resistência à dominação econômica, mobilização comunitária e valorização cultural e natural.
Comunidade Anã (Santarém-PA)	Assis e Peixoto (2019)	Subordinações e atores exógenos, dificultando a autogestão.
Favela do Vidigal (RJ)	Kalaoum e Santiago (2020)	Impactos de atores externos sobre a forma de turismo desenvolvido na comunidade.
Comunidade Mangabeira (Mocajuba-PA)	Budel; Severino; Rejowski (2023)	Pousada comunitária promovendo convivência social entre hóspedes e anfitriões.
Amucafé (PR)	Abreu et al., (2024)	Desenvolvimento do turismo rural associado à produção de café, com destaque para a atuação feminina.

Fonte: elaboração própria com base nos autores consultados (2025).

Cada exemplo apresentado no quadro acima demonstra as diversas realidades de TBC no contexto brasileiro e reflete especificidades locais que contribuem para o entendimento das possibilidades e dos desafios do TBC, evidenciando sua relevância como alternativa para o desenvolvimento local sustentável.

Diversos estudos empíricos em comunidades têm encontrado no TBC uma alternativa para o desenvolvimento local. Conforme relatam Silva e Araújo (2018), a população da comunidade Ilha de Deus (Recife-PE) resistiu à grande dominação econômica e à ocupação dos espaços por meio do TBC. Diante de um mercado que tinha a intenção de colocar a comunidade em situação de vulnerabilidade, o TBC motivou e estimulou os locais a unirem-se, o que minimizou as desigualdades, gerou renda e emprego, promoveu a valorização dos recursos culturais e naturais, além de ter empoderado todos aqueles que estavam envolvidos diretamente com o turismo.

No mesmo caminho que a comunidade Ilha de Deus se envolveu em uma participação social em prol dos benefícios coletivos, também se tem o exemplo da iniciativa de TBC na

favela de Santa Marta/RJ. No momento em que os moradores tomaram a decisão de assumir o protagonismo da atividade turística, toda a comunidade aceitou colocar o turismo como uma alternativa de melhoria de vida. Com o TBC, os moradores passaram a identificar o real sentido do turismo, tendo um novo comportamento com os visitantes e com os seus condutores (Mano; Mayer; Fratucci, 2017).

O TBC como uma forma de empoderar grupos sociais também busca pela igualdade de gênero através do empreendedorismo feminino. Na comunidade Morro Santo Antônio (Itabira-MG) foi implementada uma iniciativa de TBC com foco em gênero. A atividade turística surgiu como uma alternativa para a valorização do trabalho feminino, proporcionando para as mulheres da comunidade emprego e valorização de seu trabalho (Araújo, 2016).

Ainda com o foco na igualdade de gênero, pesquisas recentes de Abreu et al. (2024) analisaram a iniciativa Amucafé. Amucafé é uma região produtora de café localizada no norte do estado do Paraná. Com o apoio técnico do IDR-Paraná, as mulheres dessa região, que até então tinham no cultivo do café a subsistência de suas famílias, puderam acrescentar os roteiros turísticos às suas propriedades e movimentar a economia local por meio do desenvolvimento do turismo rural. Ainda para os autores, o associativo e os objetivos em comum contribuíram para a prática do TBC na região, e a atividade turística passou a colaborar no empoderamento e no empreendedorismo dessas agricultoras.

No estado do Ceará, onde a maioria das comunidades tem o extrativismo, a pesca e o artesanato (produzido a partir das sementes da flora nativa) como formas de subsistência, o fortalecimento do TBC é uma maneira de preservar os recursos naturais (Loureiro; Gorayeb, 2014).

Com as restrições da pesca em UCs, a comunidade da Praia do Aventureiro-RJ perdeu as práticas agrícolas e extrativistas, mas encontrou no TBC uma possibilidade de trabalho e de renda a partir de outros valores presentes na comunidade (Costa; Catão; Prado, 2009).

Uma pequena pousada comunitária ofertada pelo Instituto Laurinda Amazônia em Mangabeira, zona rural da cidade de Mocajuba-PA, coloca as premissas do TBC em prática. A pousada é pautada na relação do convívio social das pessoas durante a estadia, proporcionando uma convivência harmoniosa entre hóspede e anfitrião (Budel; Severino; Rejowski, 2023).

Apesar dos benefícios advindos do desenvolvimento do TBC, já citados anteriormente, é importante mencionar algumas desvantagens e pontos negativos que algumas iniciativas enfrentam durante o processo. A comunidade Anã (Santarém-PA), conforme estudos de Assis e Peixoto (2019), é subordinada a outras decisões de atores exógenos, motivo da comunidade não ter reivindicado a autogestão das atividades, acarretando em problemas financeiros e

desequilíbrios injustos. Nessa mesma relação de independência, a pesquisa de Freire e Ferreira (2015) identificou que a comunidade de Tapiaim (Curuçá-PA) encontrava-se sujeita a improvisos pela falta de organização comunitária. Outra iniciativa, localizada na favela do Vidigal-RJ, teve sua atividade enfraquecida pela participação de atores externos que modificaram a forma de turismo desenvolvido pela comunidade para atender às necessidades do mercado convencional (Kalaoum; Santiago, 2020).

Em resumo, é necessário destacar que o TBC enfrenta diversos problemas que podem acarretar projetos incipientes e até mesmo encerrados. Apesar dessas dificuldades, há diversos outros projetos de TBC que estão contribuindo para um desenvolvimento local sustentável. É preciso que as comunidades se identifiquem com o TBC para que a atividade traga benefícios para a população local.

Diante dos desafios e dos sucessos apresentados, é essencial manter o otimismo e a colaboração ativa entre as comunidades e os projetos de TBC, visando sempre o bem-estar coletivo e a prosperidade futura de todos os envolvidos.

3. EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Para a construção deste capítulo, é considerado a relação da educação não formal (ENF) com a questão problema da presente dissertação, trazendo uma abordagem conceitual sobre o tema e relacionando-a com o TBC.

3.1 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

A educação, de maneira ampla, visa capacitar o cidadão para enfrentar os desafios ao longo de sua existência. Nesse contexto, torna-se essencial uma educação contínua que abrange os aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos, além dos científicos e tecnológicos que são impostos em uma sociedade cada vez mais globalizada (Cascais; Terán, 2014).

No entanto, no campo da educação, temos a ENF, que é marcada por diversas transformações da educação durante as últimas décadas. Diferente da forma tradicional de educação, conhecida como educação formal, a ENF tem como objetivo solucionar problemas do desenvolvimento econômico e social (Fernandes; Garcia, 2019). Esses problemas, segundo Bock e Bock (1985), ocasionados pela Segunda Guerra Mundial, marcam a popularização do

conceito “não formal”. Para Lapadula, Nunes e Carvalho (2019), a crise do capitalismo, a globalização sociocultural, as tecnologias mudando as formas de trabalho (até mesmo oportunizando tempo livre e lazer) e uma sociedade cada vez mais imersa na informação são fatores que influenciaram a construção da ENF.

A prática da ENF já vinha sendo normatizada em relatórios da Organização das Nações Unidas para Ciência e Cultura (UNESCO). Os relatórios da UNESCO descreviam experiências educacionais variadas, inicialmente como desenvolvimento e educação comunitária e no campo rural nos anos de 1950. Em 1970, durante a ditadura no Brasil, essas práticas foram reconhecidas como alfabetização e letramento funcional, educação popular e educação para jovens e adultos, evoluindo para o termo educação não formal (Gohn, 2011; Radcliffe; Colletta, 1985 apud Fernandes; Garcia, 2019).

No mesmo período, no Brasil, discutia-se os problemas que a educação enfrentava, especificamente no âmbito escolar. Pesquisadores da UNESCO diagnosticaram que as escolas não atendiam às demandas sociais e culturais, especialmente ao combate ao analfabetismo. Conforme Ramos (2019), a ENF surge nessa problematização do campo educacional, em que as escolas não conseguiam formar os seus cidadãos para lidarem com as demandas sociais e políticas da sociedade. No entanto, Paulo Freire vinha promovendo campanhas de alfabetização e formação relacionada à formação política do cidadão em ambientes não formais (Fernandes; Garcia, 2019).

Ainda no Brasil, na década de 1980, a ENF era considerada como periférica e de pouca importância. Atendia a grupos específicos, como as comunidades rurais e os espaços comunitários, dando educação básica e planejamento familiar para pessoas consideradas “sem ocupação” (Gohn, 2011).

No contexto atual brasileiro, a ENF faz parte da maioria das grades curriculares dos cursos de educação/pedagogia tanto em instituições públicas quanto privadas. A disciplina da ENF criou forças quando normatizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB de 1996, dando espaços aos processos educativos em espaços não formais (Gohn, 2020). O art. 1º da LDB de 1996 define a ENF como “processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Foi a partir dessa oficialidade que a ENF se tornou pertencente ao campo educacional e popularizou-se (Fernandes; Garcia, 2019).

Nos últimos anos, as sociedades vêm passando por diversas transformações ocorridas pelo avanço da globalização e das tecnologias. Nesse contexto, considera-se a educação um

processo de ensino e aprendizagem que o indivíduo carrega ao longo de sua vida (Alves et al., 2020). Assim, ela é uma grande oportunidade e instrumento de democratização que proporciona conhecimento e informação. A formação do indivíduo como cidadão e profissional contribuirá para uma sociedade cada vez mais democrática e inclusiva. Essa concepção vai ao encontro do que afirma Freire (2001): “a educação não transforma o mundo”. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

No entanto, não se pode desconsiderar que mudanças e crises na política neoliberal são grandes desafios em diversas áreas, incluindo a educação (Oliveira et al., 2021). Instabilidades na política e mudanças de governos que não priorizam a educação (dando descontinuidade nas políticas públicas) como vem acontecendo nos últimos anos no Brasil, acarretam grandes problemas nos campos educacional e social (Souza, 2006; Lynch, 2021). Diante dessas dificuldades, a educação tem buscado enfrentar os diversos problemas gerados pela política e pelo capitalismo, como a individualidade, a injustiça, a desigualdade de gênero e a vulnerabilidade social. Considera-se a ENF, objetivo deste capítulo, como uma estratégia relevante para o aprendizado dos saberes, das premissas e das práticas do TBC.

A ENF tem ganhado importância no contexto da aprendizagem como uma importante complementação da educação formal e estratégia para preencher lacunas do conhecimento da sociedade. A ENF busca pela autonomia e pela independência do indivíduo diante do conhecimento e da aprendizagem. O campo conceitual da ENF, apesar de não ser novo no meio acadêmico brasileiro, tem-se tornado um campo de pesquisas recentes que contribui para reflexões e práticas nos espaços de educação, atendendo diferentes públicos e possibilitando o conhecimento de áreas distintas (Fernandes; Garcia, 2019). Para Oliveira et al. (2021), o campo conceitual da ENF é uma possibilidade de formar um sujeito ou grupos sociais na inter-relações tanto em espaços institucionais como em espaços não institucionalizados.

É importante entender que existe uma diferença, segundo a literatura, entre a educação formal, a educação não formal e a educação informal. Os autores Fernandes e Garcia (2019), ressaltam que esses três campos da educação surgiram, primeiramente, nos Estados Unidos, depois passaram para a Europa e um pouco depois chegaram ao Brasil.

A educação formal é aquela ofertada em ambientes escolares sob a mediação de um professor seguindo um cronograma e um currículo normatizados por lei. Para Batista (2014, p. 25), “a educação formal acontece dentro da escola e necessita de um currículo estruturado cronológica e hierarquicamente para organizar os conteúdos”.

A ENF é uma maneira de aprendizagem das comunidades localizadas em áreas urbanas e rurais, cujo foco é a melhoria da qualidade de vida a partir do acesso à informação e ao

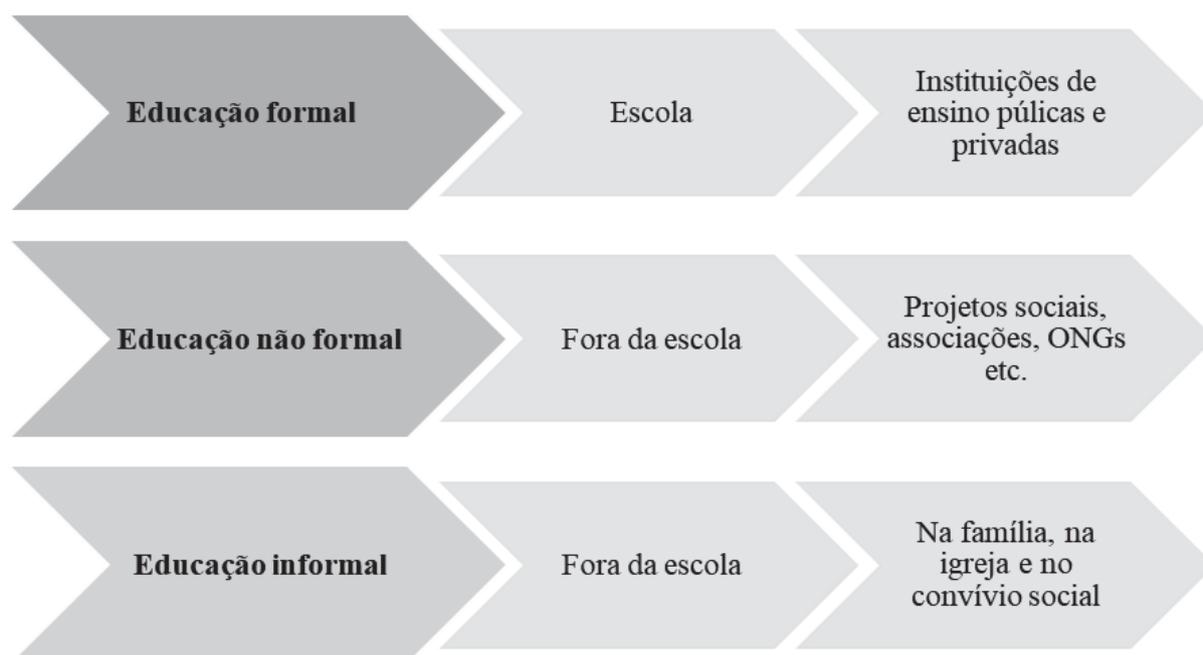
conhecimento “criativo e sustentabilidade econômica colaborativa”. A abordagem da ENF se desenvolve a partir dos projetos sociais educativos e os modelos associativos dão suporte para a consolidação da autonomia e da resolução dos problemas surgidos no dia a dia das comunidades (Gohn, 2009). Para Libâneo (2002), a ENF se distingue da educação formal por alguns objetivos específicos estreitamente relacionados aos ambientes onde se desenvolvem as práticas. Além disso, ela mantém vínculos significativos com as organizações e instituições que buscam a formação cidadã.

Semelhante à educação formal, a ENF também possui espaços físicos onde acontecem os processos de aprendizagem. Para Gohn (2006, p. 29) “os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais”. Ainda para Oliveira et al. (2021), os espaços constituem um novo campo de educação fora das escolas, o que inclui organizações sociais, não governamentais e movimentos sociais em busca de processos educacionais.

O terceiro campo da educação, chamado de educação informal, segundo Gohn (2006), é compreendido como aquele que se adquire ao longo da vida do indivíduo, em suas relações sociais, no processo de socialização, a educação com os pais dentro de casa, amigos, clubes, igrejas e até mesmo em mídias de comunicação. Para Matias (2013), a educação informal resgata e promove o sentimento de autovalorização, proporcionando aos indivíduos a oportunidade de desenvolverem sentimento de valor próprio. “A educação informal se articula por meio de saberes originados dos grupos sociais em sua estreita relação com a vida cotidiana. Esse conjunto de conhecimentos sobre o real se transforma na base concreta na qual se movimenta tanto a educação formal quanto a considerada não formal” (Ferreira; Sirino; Mota, 2020, p. 591).

Nesse contexto, Gomes, Silva e Silva (2016) salientam que a ENF é um termo indissociável da educação formal, e a educação informal é frequentemente confundida por alguns autores com a ENF. Gohn (2006) afirma que a ENF tem uma grande importância no campo educacional, pois complementa a educação formal por meios de ações e de programações específicas para a articulação da comunidade. Assim, “embora as modalidades tenham objetivos bem similares, a educação não formal tem objetivos próprios relacionados à forma e ao espaço em que se realizam suas práticas” (Cascais; Terán, 2014, p. 4). A Figura um exemplifica como são organizados os espaços da educação formal e não formal.

FIGURA 1: ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DAS MODALIDADE DA EDUCAÇÃO



FONTE: elaboração própria (2025).

Essas organizações da educação, seja a educação formal, a ENF ou a educação informal, seguem os princípios de justiça social para que o indivíduo com uma formação social tome consciência do seu pertencimento e exercite a sua cidadania (Lima et al., 2019). Todas essas formas de aprendizagem, baseadas em estratégias de educação, são fundamentais para que o cidadão tenha acesso não apenas à educação, mas também aos serviços básicos que a sociedade oferece (Oliveira et al., 2021).

Todos esses espaços são processos educacionais que diariamente promovem a informação e o conhecimento que chegam ao cidadão. São diferentes espaços e diversas formas em que o contexto educacional se torna essencial, posicionando-se para atender às necessidades de todos (Fernandes; Garcia, 2019).

Na sociedade contemporânea, marcada por desafios e complexidades, percebe-se que ainda existe um déficit nos estudos que fazem reflexões sobre as práticas da ENF (Matias, 2013; Ferreira; Santos; 2019). A ENF se coloca como uma alternativa para o enfrentamento desses desafios dos tempos modernos (Gohn, 2011).

Diversos princípios caracterizam a ENF, tais como: a seriedade e o comprometimento, em todas as etapas do planejamento da aprendizagem, para alcançar excelentes resultados; a busca por direitos; a valorização da cultura e; a formação cidadã dos envolvidos (Mello, 2019). Ainda para Gohn (2020), os processos da ENF consideram os aspectos sociais, culturais e políticos como direitos dos cidadãos.

Ainda para Gohn (2006), a ENF acontece em diferentes dimensões, pois ela envolve: as articulações políticas; as vivências e as experiências adquiridas ao longo da vida; o trabalho e as potencialidades e; os saberes sociais e políticos tanto na sociedade quanto nas organizações nas quais se inserem. Todas essas dimensões contribuem para uma construção da identidade de forma coletiva onde “na educação não-formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem parte da cultura dos indivíduos e dos grupos” (Gohn, 2006, p. 31). Ainda para a autora, a ENF aborda conceitos universais, reforçando a produção dos saberes acumulados ao longo da vida de forma educativa (Gohn, 2010).

Uma das características da ENF é colocar os sujeitos de maneira que vivam e trabalhem na coletividade. Alguns dos benefícios desse trabalho coletivo são a relação de pertencimento, a qualidade de vida e a autoestima, a ressignificação da personalidade e da identidade, o que contribui para a formação de grupos, apreciando suas subjetividades e valorizando a pluriatividade da comunidade (Marques; Nascimento; Rocha, 2023).

As afetividades presentes nos grupos e a forma ética e humana como se organizam trazem novas ideias e criatividade para o coletivo, atendendo às necessidades específicas e contribuindo para o desenvolvimento de competências pessoais (Pinto, 2005; Gohn, 2006; Fernandes; Garcia, 2006).

Nessa perspectiva, a ENF promove a inclusão social com a intenção de colocar os cidadãos em acesso aos direitos à cidadania mais igualitária, em que respeitos mútuos e civilizatórios são considerados por todos (Gohn, 2014).

Na ENF, outros eixos temáticos, como as questões étnico-raciais, de gênero, de idade, de experiência e de ações organizadas fazem parte dos processos de autoaprendizagem e de aprendizagem coletiva (Gohn, 2009). Outros aspectos importantes da ENF atribuídos por Gohn (2006, p 30) são: “não é organizada por séries/idade/conteúdos, atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha de forma a cultura política de um grupo”.

A ENF é caracterizada como espaços de educação não formais onde há uma intenção de aprendizado (Gohn, 2006; Gomes; Silva; Silva, 2016). Fernandes e Garcia (2006) destacam que esses espaços têm a intenção de promover o desenvolvimento dos indivíduos, possibilitando, de forma democrática e em seus diferentes contextos, como faixas etárias e experiências sociais, a participação de todos. Ainda para as autoras, a socialização e as trocas de experiências durante o engajamento das atividades proporcionam a valorização dessas organizações. Para Gohn (2009), a união comunitária possibilita a resolução de problemas que afetam o cotidiano de todos.

Os espaços onde acontecem as práticas da ENF estão fora dos muros escolares tradicionais. São nas ONGs e nos movimentos sociais, nos programas de formação sobre direitos humanos, nas práticas de cidadania e identitárias, nas lutas contra as desigualdades e exclusões sociais (Gohn, 2009). Para Gomes, Silva e Silva (2016), os espaços da ENF são múltiplos, indo além de ONGs como: nas associações de bairros, nas organizações que coordenam os movimentos sociais, nos sindicatos, nos partidos políticos, nos espaços culturais, entre outros. Nessa mesma perspectiva, a ENF acontece em UCs, museus, zoológicos e centros de ciências (Vieira; Bianconi; Dias, 2005; Gohn, 2006; Silva; Mesquita; Souza, 2015; Alves et al., 2020). Outros espaços com o objetivo de aprendizagem, como oficinas de artesanatos, espaços culturais, esportivos e de recreação também são considerados como sendo espaços de ENF (Vieira; Bianconi; Dias, 2005).

Ferreira, Sirino e Mota (2020) destacam que a ENF é uma forma de resgate dos espaços (que vão além dos muros escolares) que promovem processos educativos, dão fundamentação para novas perspectivas de vidas e oportunidades formativas. Os autores também afirmam que “esta perspectiva pode ser percebida facilmente, por exemplo, ao se questionar, em qualquer grupo social, sobre um espaço não escolar que veio a contribuir na formação desses sujeitos” (Ferreira; Sirino; Mota, 2020, p. 590).

Outras considerações importantes apontadas pelos autores (Gohn, 2006; Ferreira; Santos, 2019; Fernandes; Garcia, 2019) são sobre as reflexões acerca da ENF como pressuposto básico de uma educação social/pedagogia social, onde os mesmos espaços são pleiteados entre si. Ambas buscam por uma educação social comunitária, ou seja, em que a participação da comunidade sempre será levada em conta. Todos esses objetivos, já mencionados anteriormente, possibilitam que os indivíduos sejam mais críticos e tenham uma visão e uma compreensão mais clara sobre o que se passa à sua volta.

Em suma, a ENF pode ser vista como um projeto coletivo social que visa atender às necessidades e aos desejos dos grupos em suas comunidades e que pode assumir uma dimensão social e comunitária, envolvendo a participação social dos indivíduos (Gomez-Granell; Vila, 2003). Assim, é perceptível a relação entre a ENF e as premissas do TBC. No próximo subcapítulo será abordado como essas relações se conectam entre si.

3.2 RELAÇÃO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL COM O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.

A ENF e o TBC são temas que em seus campos conceituais se entrelaçam com a finalidade de promover um desenvolvimento comunitário sustentável em conjunto com os processos educacionais que contribuem para a aprendizagem das comunidades. Neste subcapítulo, a intenção é correlacionar os conceitos dessas duas temáticas (já abordados na revisão de literatura do presente estudo).

O TBC tanto pode se beneficiar da didática da ENF para a formação de coletivos, como também em suas atividades locais, oportunizando conhecimentos através de seus roteiros pedagógicos. Esses roteiros atendem disciplinas como história e geografia ou podem servir como laboratórios para práticas socioeducativas e ambientais, uma vez que muitos dos projetos de TBC estão localizados em UCs. Essas atividades estão relacionadas à ENF, pois oportunizam aos visitantes o acesso a informações e conhecimentos.

As UCs desempenham um papel crucial nos processos educativos, estando diretamente ligadas à interação do meio natural e às experiências cotidianas. Elas possibilitam a integração entre as realidades sociais e culturais dos visitantes que buscam conhecimento científico e sensibilização ambiental (Marques; Nascimento; Rocha, 2023). Para o ICMBio (2019), as comunidades tradicionais que estão inseridas nas UCs encontram uma alternativa de renda, uma oportunidade de valorizar a própria cultura e uma forma de integrar os jovens ao modo de vida local. Conforme Marques, Nascimento e Rocha (2023), os moradores e agricultores que vivem em torno dessas UCs e os visitantes introduzem, a partir da ENF, conceitos de ecoturismo desenvolvidos nessas áreas.

A ENF no ambiente do TBC pode ser um apoio para atender o ensino-aprendizagem da educação formal fora da escola. Conforme a nova resolução metodológica da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as aulas de campo, as visitas técnicas, entre outros, são processos didáticos complementares para a aplicação dos conteúdos vistos em sala de aula (Alves et al., 2020). O TBC atende aos novos currículos escolares vigente por leis que, na sua transversalidade, busca não só atender às disciplinas da base curricular, mas também aprender sobre culturas, preservação das identidades e dos recursos naturais, entre outros conteúdos que formam um cidadão (Oliveira; Domingos; Colasante, 2020).

Um exemplo prático que ilustra essa relação entre as abordagens educacionais e o TBC é a comunidade Tekoá-pirá (Florianópolis-SC). A comunidade Tekoá-Pirá oferece, em um de seus roteiros, o turismo pedagógico. Nele, a comunidade desenvolve práticas pedagógicas voltadas para a preservação dos recursos naturais e culturais presente no território e recebe grupo de visitantes que buscam vivenciar o modo como é feito a pesca artesanal da tainha, proporcionando uma vivência com os nativos e com pescadores da comunidade (Abreu et al., 2024).

Neste contexto, as abordagens didáticas da ENF se entrelaçam com as premissas do TBC. Trata-se de capacitação e aprendizagem dos coletivos que têm o TBC como uma atividade turística e para os visitantes que buscam adquirir conhecimentos e novas experiências a partir da atividade ofertada pela comunidade local.

A ENF no TBC cria uma relação indissociável, como por exemplo, quando os visitantes se interessam em conhecer e em aprender sobre o patrimônio sociocultural local, despertando nos moradores um sentimento de pertencimento e de orgulho em relação às suas tradições e costumes que, de outra forma, poderiam ser esquecidos e desvalorizados (Blanco, 2009). Estudo de Carrelas (2022) identificou que os anfitriões de uma comunidade investigada compreendem a proposta de visitação como uma estratégia para preservar os bens naturais e culturais associados aos seus lugares de pertencimento.

No entanto, as comunidades precisam considerar os desejos e anseios de forma coletiva, a maneira que se pretende trabalhar, partindo de estudos e de capacitações para atender às ações que serão desenvolvidas (Ferreira; Santos, 2019). De todo modo, a ENF se relaciona ao TBC, pois, conforme o conceito de Gohn (2006, p. 28), a ENF “é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas”. Para Marques, Nascimento e Rocha (2023), os frequentadores se relacionam com as atividades propostas pela ENF através das mediações e das visitas pedagógicas direcionadas à aprendizagem e ao conhecimento científico.

Os autores Fernandes e Garcia (2019) elencaram algumas características constitutivas da ENF, dando embasamento para ONGs e para movimentos sociais. Dessa forma, também se considera os projetos e as iniciativas de TBC relacionados com essas características (que serão apresentados no quadro quatro).

QUADRO 4: CARACTERÍSTICAS ENTRE ENF E O TBC.

Características da ENF	Características do TBC
------------------------	------------------------

Apresenta caráter voluntário.	A participação da população é espontânea e o trabalho é em equipe.
Promove a socialização.	Relações de encontros interculturais.
Promove a solidariedade.	Equidade social e criação de redes de apoio social.
Visa ao desenvolvimento.	Desenvolvimento sustentável local para o coletivo.
Preocupar-se essencialmente com a mudança social.	Contribui para a inclusão social.
Ser pouco formalizado e pouco hierárquico.	Gestão democrática e compartilhada. Associativismo.
Favorece a participação.	Participação social da comunidade.
Proporciona investigações e projetos de desenvolvimento.	Captação de recursos financeiros para o desenvolvimento das atividades.
Ser, por natureza, formas de participação descentralizadas.	Os benefícios são compartilhados entre todos.

FONTE: elaboração própria (2025) com base em (Fernandes; Garcia, 2019).

Percebe-se que a ENF e o TBC se encontram na interseção entre educação e comunidade, criando espaços de aprendizagem colaborativos e ações coletivas para transformar as realidades locais. Enquanto a ENF oferece o conhecimento e as ferramentas, o TBC possibilita a aplicação prática e a implementação de mudanças no contexto comunitário. Assim, ambos valorizam o pertencimento e a troca de saberes, sendo promissores de transformação social.

Em resumo, a ENF e o TBC possuem diversas relações entre si, pois visam ao fortalecimento do processo educativo e da atividade do turismo. Essas relações colocam as comunidades em processos de desenvolvimento profissional e pessoal, construindo uma formação coletiva e dando ferramentas para o empoderamento de todos os envolvidos. Todos os cidadãos que buscam na educação a sua emancipação promovem, por sua vez, a construção democrática baseada na participação ativa e na organização coletiva (Nogueira; Teixeira, 2017). Assim, enquanto o TBC oportuniza um desenvolvimento sustentável para a comunidade, a ENF dá suporte para que o indivíduo alcance o conhecimento e melhore as suas relações sociais através da aprendizagem.

4. DESIGN THINKING

Como técnica de abordagem para a coleta de dados, proposto em um dos objetivos do presente estudo, foi considerada as ferramentas do *Design Thinking* (DT) como alternativa para solucionar problemas. Este capítulo aborda conceitos sobre o DT e a sua relação com o TBC e com a ENF.

4.1 DESIGN THINKING COMO FERRAMENTA PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL.

O DT é um método que envolve um processo não linear e cíclico. Ele é desenvolvido por meio de trabalho colaborativo, compreensão e empatia das necessidades do outro, geração rápida de ideias e avaliação de protótipos (Brown, 2020). Os autores Junior e Dechechi (2022) e Oliveira (2014) contribuem dizendo que os valores da abordagem do DT consistem em empatia, colaboração e experimentação de ideias.

Autores que se dedicam aos estudos do DT compreendem a abordagem em sete etapas: o entendimento, a observação, o ponto de vista, a ideação, a prototipagem, o teste e a interação. Os autores dizem que essas etapas não precisam ser aplicadas de forma linear, podendo ser adaptadas conforme o real contexto (Ambrose; Harris, 2016; Echos, 2018). Assim, as ferramentas do DT incentivam os usuários a compreenderem as necessidades e as perspectivas dos outros, além de os estimularem a pensar criativamente para as soluções de problemas (Bender-Salazar 2023).

O DT é considerado uma ferramenta essencial que tem o “ser humano” como foco principal, sendo capaz de estimular inovações e novas estratégias de negócios. Diversas áreas usam o DT para solucionar problemas complexos, não apenas relacionados a produtos e serviços, mas também voltados para uma melhor qualidade de vida das pessoas. Essa ferramenta traz em sua base contextual um modelo que pode ser aplicado por quaisquer pessoas tanto no contexto empresarial quanto no contexto social (Brown, 2020). Para Vianna et al. (2012 p.12), o DT é uma “abordagem focada no ser humano que vê na multidisciplinaridade, colaboração e tangibilização de pensamentos e processos, caminhos que levam a soluções inovadoras”.

Vianna (2012) e Brown (2020) corroboram dizendo que o DT busca equilibrar as necessidades humanas com os recursos técnicos disponíveis e que a sua principal tarefa é identificar problemas e desenvolver soluções de forma colaborativa. O DT pode ser aplicável

em diversos contextos, gerando valor para o público com propósito de criar impactos positivos no seu cotidiano. É importante ressaltar que o DT não precisa, necessariamente, ser aplicado com uso de tecnologias, ele também pode ser realizado com o uso de cartolinas, papéis, post-it, entre outros.

Tendo em vista a literatura e suas principais abordagens com relação ao DT, também se considera como um papel fundamental para soluções de problemas em iniciativas de TBC. Ao aplicar a abordagem do DT em uma iniciativa de TBC, os envolvidos poderão identificar suas possíveis necessidades, criar soluções e promover o desenvolvimento da atividade turística de forma sustentável. Nesse contexto, o DT se apresenta como uma ferramenta relevante para o alcance de um dos objetivos específicos da pesquisa e, conseqüentemente, do objetivo geral desta dissertação.

O estudo de Romero-medina et al. (2024) utilizou o DT como ferramenta capaz de abordar e resolver problemas complexos de comunidade. A adoção do DT teve como objetivo solucionar os desafios que o TBC vinha enfrentando para permanecer ativos e outros já tinham encerrados suas operações devido a dois fatores: a emigração de líderes comunitários e a falta de uma compreensão do coletivo sobre a autogestão no TBC.

Em uma outra iniciativa do TBC, utilizou-se o DT como uma forma de abordar inovações para problemas sociais da comunidade, transformando-as em empreendedores sociais do turismo. O estudo mostrou que o DT desenvolveu habilidades empreendedoras sociais para construir empreendimentos sustentáveis na comunidade (Mahato; Phi; Prats, 2021).

Sudhiastiningsih e Chadijah (2022), na pesquisa envolvendo a comunidade local, usaram o DT na criação de subsistências sustentáveis e, junto com a comunidade, realizaram um *brainstorming* de ideias para identificar as características do povo, a cultura e o meio ambiente. A partir da aplicação dessa ferramenta, a equipe pôde entender como essas pessoas viviam, como realizavam as suas atividades diárias, como interagiam entre grupos e culturas e o significado de seus rituais e tradições.

O estudo de Indrianto et al. (2024) utilizou a DT como modelo de ensino e aprendizagem e focou nas necessidades e nas perspectivas da comunidade local, o que permitiu uma abordagem mais eficaz e sustentável para o desenvolvimento da TBC após a pandemia. Nesse contexto, o DT se mostrou como uma ferramenta potente e adaptável para modelos de ensino e aprendizagem.

Gozzoli, Rongrat e Gozzoli (2022) enfatizam que o DT, apesar de ser uma tendência utilizada nas últimas décadas no campo dos negócios, pode ser uma ferramenta eficaz para

abordar questões sociais, uma vez que ele requer uma coleta de dados. A pesquisa utilizando o DT concentrou-se no desenvolvimento da comunidade e nas maneiras pelas quais os membros da comunidade podem expressar suas opiniões e manter o bem-estar social. A pesquisa de Hartanti e Wianto (2024) teve o intuito de criar novos designers para a comercialização de *souvenirs* (lembrancinhas), e o uso DT permitiu explorar o modo como os produtos já existentes poderiam influenciar a criação de novos produtos.

No contexto do turismo, o DT tem sido utilizado para desenvolver produtos e novas experiências turísticas com foco no usuário. Assim, o DT pode aumentar a sustentabilidade de iniciativas turísticas (Tung, 2021), como no caso do TBC, e alinhado à ENF, o DT pode promover o protagonismo das comunidades envolvidas.

O DT pode ser uma ferramenta valiosa para que as comunidades desenvolvam um turismo mais justo e responsável, com foco no desenvolvimento sustentável (Ribeiro; Souza, 2021). Ao adotar o DT, as comunidades podem compreender melhor as necessidades e as perspectivas dos visitantes para atenderem às demandas específicas enquanto preservam sua cultura e seu patrimônio (Indrianto et al., 2024).

O DT complementa a ENF ao enfatizar metodologias interativas e centradas na experiência coletiva, permitindo a construção de conhecimentos significativos e aplicáveis em contextos sociais diversos. A ENF possibilita uma aprendizagem flexível e adaptável às necessidades comunitárias, favorecendo a troca de saberes e de experiências entre educandos e educadores (Vieira; Bianconi; Dias, 2005; Mesquita; Souza, 2015; Alves et al., 2020). Dessa forma, a abordagem do DT, ao estimular processos de cocriação e resolução de problemas, converge para os princípios da ENF, pois valoriza os conhecimentos locais e incentiva a criação de soluções inovadoras para os desafios enfrentados pelas comunidades.

Nessa perceptiva, Gohn (2009; 2010) ressalta que a ENF é fundamental para o desenvolvimento de projetos sociais e para o fortalecimento da participação comunitária. Esses aspectos também permeiam a aplicação do DT no contexto do TBC, permitindo que a comunidade identifique as suas necessidades e experimente alternativas sustentáveis.

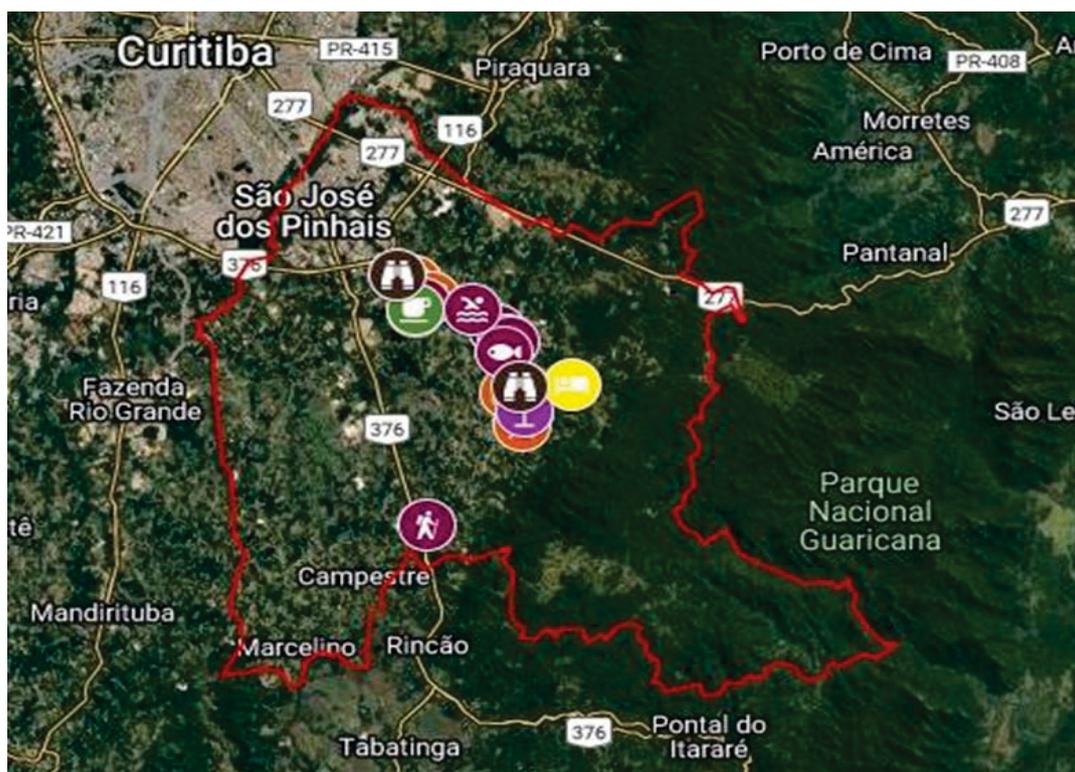
Ao promover práticas colaborativas e experimentais, o DT se consolida como uma ferramenta potente para a construção de um turismo mais justo e responsável, alinhado aos princípios da ENF e do TBC e à autonomia das comunidades.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: COLÔNIA MURICI

A Colônia Murici está localizada na zona rural de São José dos Pinhais/PR, aproximadamente 10 km do centro da cidade e 30 km da capital Curitiba/PR. A Colônia Murici faz parte do Primeiro Planalto, posicionada de acordo com as coordenadas geográficas 25° 32'05" de Latitude Sul e 49° 12' 23" de Longitude Oeste, com altitude média de 906 metros (Paula, 2015). A comunidade da Colônia Murici está inserida na margem esquerda da bacia hidrográfica do Alto Iguaçu, onde está localizada a bacia do Rio Miringuava e a área de captação de água e a barragem. Nessa região, a agricultura é praticada para garantir a subsistência das famílias (Andreoli et al., 1999), sendo a Colônia Murici a maior comunidade da bacia (Tourinho, 2005).

FIGURA 2: LOCALIZAÇÃO DA COLÔNIA MURICI.



Fonte: google mapas extraído do site da Prefeitura Municipal de São José de Pinhais (2024).

A comunidade rural da Colônia Murici é rica em cultura (com forte influência polonesa, evidente em sua arquitetura, gastronomia e tradições). “As tradições são transferidas entre as gerações na região por meio de danças, comidas típicas, ensinamentos comportamentais além de muitas estradas da região receberam nomes de origem polonesa” Paula, 2015).

Um dos principais pilares econômicos da Colônia Murici é a agricultura. A região é responsável por cerca de 80% da produção de hortaliças da região metropolitana de Curitiba (SÃO JOSÉ DOS PINHAIS, 2024). Esses cultivos de hortaliças na localidade, segundo Paula (2015), abastecem a capital paranaense, algumas cidades litorâneas do PR, como Guaratuba, e algumas cidades do estado de Santa Catarina que fazem fronteira entre os dois estados.

A Colônia Murici foi fundada em 1878 e seu início remete à política imigratória da região sul do Brasil, cujos objetivos eram a ocupação do território em pequenas propriedades, a criação de núcleos de produção agrícola e o abastecimento dos centros urbanos (Silva, 2018). A colonização dessa região se deu pela imigração de **poloneses**, com Distrito Administrativo e Judiciário criado pela Lei Estadual nº 5.597, de 21 de junho de 1.967 (SÃO JOSÉ DOS PINHAIS, 2015). A escolha do nome foi uma homenagem ao ex-governador do estado do PR, José Cândido da Silva Murici, médico que atuou por muitos anos em Curitiba e em regiões próximas. Poucos brasileiros e italianos ocuparam essa porção de São José dos Pinhás, predominantemente ocupadas por famílias polonesas (Bossle, 2011).

Tendo delineado a característica deste estudo, no próximo subitem será explorado os pressupostos subjacentes que nortearam a presente pesquisa, os quais fundamentam e direcionam para a análise subsequente.

5.2 PRESSUPOSTOS DA PESQUISA

Os procedimentos deste estudo consistem em pesquisa aplicada com abordagem qualitativa de caráter exploratório indutivo e descritivo. Esses procedimentos são partes da metodologia em conjuntos de ações, natureza técnica e intelectual que juntos possibilitam o conhecimento sobre o objeto de estudo que está sendo investigado (Gil, 2010).

Para Thiollent (2009), a pesquisa aplicada focaliza os desafios encontrados nas operações de instituições, de organizações e de atores sociais. Seu principal objetivo é diagnosticar questões, identificar problemas e encontrar soluções, atendendo às necessidades expressas pelos “clientes, atores sociais e instituições”.

Em relação à abordagem, essa pesquisa é considerada qualitativa. Conforme Gil (2010), a pesquisa se fundamenta em sua abordagem, objetivos e procedimentos técnicos adotados para a execução, buscando analisar a iniciativa rural da Colônia Murici por meio da investigação e do cruzamento de levantamentos bibliográficos sobre o TBC e ENF. Ainda para Gil (2010), a pesquisa qualitativa permite avaliar, através de observações e constatações, o problema a ser

estudado por meio dos dados coletados, buscando compreender e explorar aspectos subjetivos e complexos do fenômeno estudado.

Ainda, considera-se a abordagem construtivista que, para Souza (2006, p. 42), “ênfatiza a construção de novo conhecimento e maneiras de pensar mediante a exploração e a manipulação ativa de objetos e ideias, tanto abstratas como concretas, e explicam a aprendizagem através das trocas que o indivíduo realiza com o meio”. Conforme o objetivo central deste estudo, a abordagem construtivista contribui para a aprendizagem da comunidade. Segundo Miranda (2001), esse processo de aprendizagem está integrado ao contexto social, no qual os indivíduos constroem significados influenciados pela interação com suas próprias concepções de mundo.

No contexto da pedagogia, os principais pensadores do construtivismo foram Piaget (1896-1980) e Vygotsky (1896-1934), que influenciaram o campo da educação e são referência para diversos autores expandirem e desenvolverem novas abordagens (Souza, 2006).

A abordagem construtivista, segundo Miranda (2001), pode criar ações de ensino que proporcionam experiências relevantes e oportunidade de debates que integram a construção de novos significados. Considera-se que ao trabalhar os conceitos do TBC nos processos de ensino-aprendizagem da ENF estarão inseridos nessa abordagem.

Quanto à natureza exploratória da pesquisa, ela tem a intenção de realizar um estudo preliminar do principal objetivo da pesquisa que será conduzido. É utilizada para familiarizar-se com o fenômeno que está sendo investigado, permitindo que pesquisas subsequentes sejam concebidas com maior compreensão e precisão (Gil, 2010). Nesse mesmo entendimento, “a pesquisa exploratória tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere. Pressupõe-se que o comportamento humano é melhor compreendido no contexto social onde ocorre” (Piovesan. Temporini, 1995, p. 321). Ainda para os autores Cooper e Schindler (2003, p. 131), “a exploração é particularmente útil quando os pesquisadores não têm uma ideia clara dos problemas que vão enfrentar durante o estudo”.

O estudo também adota os métodos de análise indutiva e descritiva. Para Rodrigues, Keppel e Cassol (2019), a análise indutiva tem como campos de investigação a natureza e as pesquisas sociais. Esse método parte de uma análise individual de um fenômeno para fazer “inferências de comportamentos ou experiências distribuídas em coletividades” (p.78). Ainda para os autores:

“O método indutivo parte do fenômeno, do individual, para posteriormente produzir generalizações. Esse processo é feito com uma análise ampla, gerida por diversas análises amostrais. Para tanto, existem três passos fundamentais: observação dos fatos ou fenômenos, compará-los, e descobrir a relação entre eles para posteriormente estabelecer generalizações a partir das considerações sobre as variáveis existentes” (Rodrigues; Keppel; Cassol, 2019, p. 80).

Para Maculan (2014), o método de análise descritiva permite descrever e compreender eventos ou fenômenos/objetos sem julgamento de valor. Ainda para Maculan (2024, p. 146), “a análise descritiva permite obter respostas às perguntas da pesquisa, sendo o primeiro passo da maior parte dos procedimentos analíticos das pesquisas”.

O quadro cinco tem a intenção de ilustrar a caracterização das etapas das pesquisas em relação aos métodos e seus objetivos específicos.

QUADRO 5: CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.

Método	Técnica de Pesquisa e coleta de dados	Etapas da Pesquisa	Objetivos específicos
Análise descritiva	Revisão da Literatura	Etapa I	Discutir o TBC e ENF a partir de um marco conceitual
Análise exploratória	Pesquisa em base de dados secundários	Etapa I e II	Mapear a iniciativa rural da Colônia Murici/PR
Pesquisa aplicada de caráter indutivo e análise descritiva	Base de dados primários, observação não-participante e estruturação da ferramenta do <i>Design Thinking</i>	Etapa II e III	Estruturar as ferramentas do <i>Design Thinking</i> (mapa da empatia, brainstorming, prototipagem) como proposta para a formação pedagógica da Iniciativa Rural da Colônia Murici/PR

FONTE: elaboração própria (2025).

Com base no quadro cinco, esse estudo está dividido em três partes: a primeira parte se refere a pesquisa exploratória e descritiva na revisão da literatura, que aborda a temática do TBC e da ENF, além das fontes secundárias que caracterizam a Colônia Murici; a segunda

parte se trata da pesquisa aplicada com a observação não-participante e; a terceira etapa se trata do objetivo específico, de estruturar as ferramentas do *Design Thinking* (mapa da empatia, brainstorming, prototipagem) como proposta para a formação pedagógica da Iniciativa Rural da Colônia Murici/PR.

O próximo subcapítulo aborda em detalhes cada etapa desse percurso metodológico.

5.3 ETAPAS DA PESQUISA

5.3.1 ETAPA 1: REVISÃO DA LITERATURA

O percurso metodológico adotado para a revisão da literatura se baseou em pesquisa bibliográfica com o objetivo de fazer uma revisão da literatura já existente em artigos científicos.

A revisão da literatura, segundo Biolchini et al. (2005), é uma metodologia específica de pesquisa que visa reunir e avaliar evidências disponíveis sobre um determinado tema. Esse processo de pesquisa é conduzido de forma sistemática, permitindo que outros pesquisadores possam reproduzi-lo. Para Gil (2010), a revisão da literatura é considerada uma etapa fundamental da pesquisa científica, pois é ela que dará embasamento teórico do conhecimento para a estruturação da conceituação e do restante do desenvolvimento dos estudos. Foram considerados os estudos de autores referência na temática do TBC como: Bursztyn, Bartholo e Delamaro (2009), Coriolano (2009), Irving (2009), Sampaio (2008), Bartholo (2009), Maldonado (2009), Bursztyn e Bartholo (2012), Murphy (1983) e Jafari (2005). Além dos estudos desses autores, a revisão da literatura para a abordagem da temática do TBC foi realizada em quatro etapas, conforme ilustra a figura 3.

FIGURA 3: ETAPAS DA REVISÃO DA LITERATURA EM TBC.



Fonte: elaboração própria (2025).

A primeira etapa da revisão da literatura aconteceu de forma exploratória e foi realizada por meio dos portais dos periódicos brasileiros de Qualis A, avaliados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no último quadriênio 2017-2020, entre os meses de janeiro, fevereiro e março de 2024. A terminologia chave de busca foi “turismo de base comunitária” (no idioma português). Realizada essa busca, automaticamente os portais já traziam artigos com as temáticas “Turismo de Base Comunitária” (TBC) e “Turismo Comunitário” (TC).

Foi importante usar essas duas temáticas, pois, conforme Ruiz-Ballesteros (2017), o TBC ou TC são nomenclaturas que representam uma expansão no campo da gestão turística, que busca escapar do modelo convencional de turismo. Elas incorporam a comunidade local, colocando-a como protagonista na gestão. Considerou-se para a análise, nesse recorte temporal, a produção acadêmica entre os anos de 2014 e 2023 (últimos dez anos). Para a realização da busca, considerou-se sete periódicos brasileiros representados no quadro 6.

QUADRO 6: PERIÓDICOS DA PRIMEIRA ETAPA DA REVISÃO SISTEMÁTICA EM TBC.

Periódico	Qualis	ISSN
Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTUR)	Qualis A3	1982-6125
Revista de Turismo – Visão e Ação (TVA)	Qualis A3	1415-6393

Anais Brasileiros de Estudos Turísticos (ABET)	Qualis A4	2238-2925
Caderno Virtual do Turismo (CVT)	Qualis A4	1677-6976
Revista Hospitalidade	Qualis A4	1807-975X
Revista Turismo em Análise (RTA)	Qualis A4	0103-5541

FONTE: elaboração própria (2025).

Com base nessa metodologia, foram identificadas 44 produções acadêmicas que orientaram a construção de um quadro síntese da temática associada ao TBC. Inicialmente realizou-se uma leitura exploratória e seletiva dos resumos, palavras-chave e introdução das 44 publicações que foram agrupadas em um primeiro quadro organizado em uma planilha eletrônica, com informações relativas ao ano de publicação dos artigos, título, palavras-chave e resumos.

No periódico Revista Hospitalidade, após realizada a pesquisa, não foram localizadas publicações nos últimos dez anos. No quadro sete está uma lista com as quantidades de publicações de cada periódico.

QUADRO 7: QUANTIDADES DE PUBLICAÇÕES EM CADA PERIÓDICO.

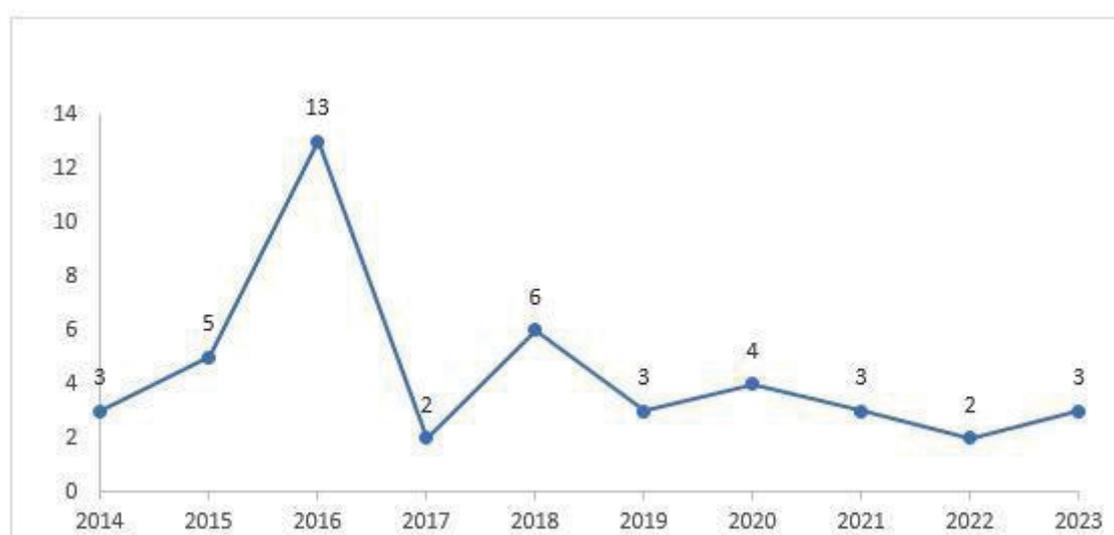
Periódico	Quantidade
RBTUR	7
ABET	4
CVT	20
RTC	4
RTA	5
TVA	4

Total	44
--------------	-----------

Fonte: dados da pesquisa (2025).

Das 44 publicações, o CVT foi o periódico que mais publicou artigos na temática do TBC (n=20). É importante destacar que esse periódico tem ênfase, em suas pesquisas, no TBC e no desenvolvimento local. Na figura quatro, apresenta-se as quantidades de artigo nos respectivos anos de publicações.

FIGURA 4: QUANTIDADES DE ARTIGOS POR ANO.



Fonte: dados da pesquisa (2025).

A partir da análise da figura quatro, identificou-se que, dos 44 artigos encontrados com a temática do TBC, 13 foram publicados no ano de 2016, seguido do ano de 2015, com um total de cinco publicações, e nos demais anos, quatro, três e dois publicações. A diminuição nas pesquisas pode ser interpretada como reflexo da sedimentação dos conceitos de TBC ao longo do tempo. Outro aspecto a ser destacado é o não entendimento desta modalidade, que muitas vezes é confundida com uma lógica distorcida de mercado. Observa-se que no período pós-pandemia surgiram novos desafios e perspectivas que reacenderam o interesse por estudos na área. Esses novos desafios e perspectivas foram impulsionados pelas tendências, pelas mudanças cotidianas, por longos processos de reflexão e de amadurecimento acadêmico, bem como pela necessidade das comunidades de encontrarem novas alternativas de geração de emprego e renda e de diversificação da oferta turística. A figura 5 ilustra as palavras-chave que foram mais repetidas nos artigos analisados.

(UFPR). Os artigos se referem às pesquisas empíricas sobre o TBC desenvolvidas no Paraná, conforme demonstra o quadro oito. Foram localizados três artigos, dos quais um já tinha sido computado na primeira busca, referente ao periódico CVT.

QUADRO 8: ARTIGOS COM A TEMÁTICA DO TBC COM FOCO NO PARANÁ.

Autores e Ano	Título	Aspectos centrais da pesquisa
Sampaio; Carvalho; Almeida, 2007	Turismo comunitário: projeto piloto Montanha Beija-flor Dourado (Micro-bacia do Rio Sagrado, Morretes, Paraná).	A partir da problemática socioambiental no território, busca uma conceituação do turismo comunitário para a criação de um projeto piloto e para a preservação das áreas naturais.
Sampaio; Alves; Lenz, 2010	Encontro comunitário de trocas: um atrativo para o chamado turismo comunitário. Uma experiência solidária na micro-bacia do Rio Sagrado, Morretes Paraná.	As trocas de experiências e vivências na comunidade. Uma forma de valorização e de desenvolvimento comunitário.
Betti e Denardin, 2019	Turismo de base comunitária e desenvolvimento local em Unidades de Conservação: estudo de caso no Restaurante Ilha das Peças, Guaraqueçaba – PR.	A participação das iniciativas de TBC ainda é insuficiente para a preservação de unidades de conservação (UC). Investiga os modelos de gestão do TBC nas UC para o desenvolvimento e preservação. As iniciativas contribuem nos contextos, social, ambiental e cultural.

Fonte: dados da pesquisa (2025).

Para a terceira etapa da revisão da literatura da temática do TBC considerou-se os anais de evento da Associação Nacional de Pesquisa e de Pós- Graduação em Turismo (ANPTUR), a partir da busca dos termos “turismo de base comunitária” e “turismo comunitário” no recorte temporal entre os anos de 2014 e 2023 (últimos dez anos). A ANPTUR é referência de evento científico no Brasil há mais de 20 anos, e por esse motivo optou-se pelos anais desse evento. Os trabalhos de forma resumo padrão e resumo expandidos que se encontram nos anais são avaliados por revisores e apresentados pelos seus autores em GT científicos do evento. Por esse motivo, considerou-se a importância desses trabalhos para o panorama do TBC nas pesquisas

de nível de pós-graduação e suas principais contribuições para a academia e para a sociedade.

Na busca nos anais, entre os anos de 2023 e 2018, foram encontrados apenas os resumos padrão. No ano de 2017 não houve trabalhos com a temática do TBC ou TC. Nos anos de 2016, 2015 e 2014 foram encontrados os resumos de forma expandida. Realizado os mesmos procedimentos da primeira etapa desta revisão, foram localizados 42 trabalhos, sendo 30 resumos padrão e 12 resumo expandido. Para leitura exploratória, só foram considerados os 12 resumos expandidos e feito uma busca dos mesmos em portais como: Google Acadêmico, periódicos CAPES, Scielo e Redalyc, a fim de localizar publicações desses trabalhos em periódicos científicos. Dos 12 resumos expandidos encontrados nos anais do evento da ANPTUR, 3 são dissertações. Após a busca, foram localizadas sete publicações em forma de artigo científico, dos quais dois já tinham sido computados e lidos na primeira etapa desta revisão. No entanto, foram considerados cinco trabalhos para a leitura na íntegra.

A quarta fase da revisão da literatura sobre a temática do TBC foi conduzida no periódico CAPES. O objetivo dessa etapa foi identificar autores da área de humanas que exploram o TBC. Além disso, a pesquisa no portal da CAPES abrangeu também publicações na área de ciências sociais. Foram analisados artigos em português, espanhol e inglês publicados entre os anos de 2019 e 2024. Nesse processo, identificaram-se 71 artigos revisados por pares, dos quais 8 foram selecionados para leitura. A exclusão dos demais artigos ocorreu porque alguns eram duplicados, outros já haviam sido analisados em etapas anteriores ou não apresentavam relação direta com o tema da pesquisa.

Para a revisão da literatura referente ao capítulo da ENF, foi realizada uma pesquisa nas bases de dados Scopus e Periódicos CAPES, a partir da busca pelo termo “educação não formal”. Assim como as demais etapas da pesquisa, foi considerado o recorte temporal dos últimos dez anos. Os artigos pré-selecionados foram realizados uma leitura exploratória dos resumos e introduções. Os artigos selecionados foram organizados em uma planilha eletrônica para a realização da sua leitura na íntegra. Para essa revisão bibliográfica, considerou-se os estudos da professora e pesquisadora brasileira Maria da Graça Gohn, pioneira e referência na área da educação em ambientes não formais. Através de uma revisão multidisciplinar, esse capítulo foi comandado por estudos de Gohn, 2006; 2009; 2011; 2022; Ferreira; Santos, 2019, Fernandes; Garcia, 2019 e Oliveira et al., 2021.

5.3.2 ETAPA 2: PESQUISA DE CAMPO E OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE

Para a realização da pesquisa de campo é considerado a observação não participante como estratégia para coletar diversas informações, fazendo o uso da análise indutiva para a coleta em campo e da análise descritiva para descrever todas as etapas da pesquisa. Para Gonçalves, Soares e Silva (2024), a observação é um elemento muito importante em uma pesquisa que, para a sua execução, requer métodos e técnicas. Feriani et al. (2021) corroboram dizendo que “a observação é um método que nos permite examinar eventos, comportamentos ou fenômenos nas condições em que ocorrem. Esse método é utilizado para coletar diversas informações que envolvem os sentidos e nos ajudam a compreender determinados aspectos da realidade.”

Na pesquisa de observação existem diversos tipos de observações e para este estudo considera-se a observação não participante, pois o pesquisador observa os acontecimentos sem se envolver diretamente, desempenhando o papel de espectador consciente e direcionado a um objetivo específico. Esse procedimento geralmente possui um caráter sistemático (Marconi, Lakatos, 2019; Gonçalves; Soares; Silva, 2024). Em suma, essas observações permitem uma coleta de dados, mesmo sendo de natureza subjetiva, que fornecem possibilidades para avaliar e criar as informações obtidas por meios de outras fontes (Minayo, 2000).

5.3.3 DESIGN THINKING COMO INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

Considerando todas as etapas já descritas na metodologia, este subcapítulo irá descrever como foi a realização da coleta de dados através da ferramenta do DT em conjunto com os demais procedimentos metodológicos. O DT tem a intenção de atender ao objetivo específico III do presente estudo, que é estruturar as ferramentas do *Design Thinking* (mapa da empatia, brainstorming, prototipagem) como proposta para a formação pedagógica da Iniciativa Rural da Colônia Murici/PR.

O quadro nove sistematiza como se deu a aplicabilidade da técnica do DT no objeto em estudo.

QUADRO 9: ETAPAS DAS FERRAMENTAS DO DT UTILIZADAS NA COLÔNIA MURICI.

Etapas do <i>Design Thinking</i>	Procedimentos/etapa da pesquisa
Entendimento/observação	Análise exploratória, pesquisa de campo, pesquisa aplicada e observação não participante.
Ponto de vista/ análise e síntese	Mapa da empatia e definição do problema.

Ideação e Prototipagem	<i>Brainstorming</i> (geração de ideias), Matriz SWOT e trazer as ideias do papel para torná-las práticas.
Teste	Apresentar os protótipos, aperfeiçoar a solução e obter <i>feedbacks</i> .

FONTE: elaboração própria (2025), adaptado de Vianna et al., (2012); Echos (2018) e Serpro (2019).

O quadro nove traz as etapas da coleta de dados, além de mencionar as outras etapas da pesquisa trazida no quadro cinco, referente à caracterização. Os procedimentos utilizados para o alcance de cada etapa da técnica de abordagem do DT serão descritos para melhor compreensão a seguir.

Através da pesquisa aplicada e da observação não participante, foi feita a imersão do pesquisador diante do objeto em estudo com a intenção de identificar problemas na iniciativa rural da Colônia Murici.

Na etapa dois, com base nos dados coletados através da etapa um, foi realizada a construção do mapa da empatia. Considera-se essa etapa a essência do DT, pois é feita em colaboração de todos os envolvidos com a finalidade de compreender, de maneira mais profunda, a realidade o que se pretende solucionar. Nessa etapa, a pesquisa passou por um processo de análise que engloba as reais necessidades e interesses da comunidade e a identificação de resoluções emergentes.

Conforme os estudos de Ambrose e Harris (2016) e Echos (2018), as etapas do DT não precisam seguir uma sequência, sendo adaptadas a cada contexto da solução. Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa, foi considerada a integração da ideação com a prototipagem. Essa estrutura integrada permite um fluxo contínuo do processo de ideação para prototipagem, garantindo uma abordagem ágil e eficiente para desenvolver e testar soluções pedagógicas que atendam às necessidades da Iniciativa rural da Colônia Murici.

Na etapa três, ideação e prototipagem, a partir das informações coletadas da etapa dois, foi realizado o *Brainstorming*, ou seja, os participantes da pesquisa geraram ideias. Essa etapa é fundamental para o que se pretende alcançar com a aplicação do DT e serve de base para a próxima etapa. Ainda nessa etapa foi considerada a possibilidade de criação de uma matriz Swot com a intenção de identificar forças, fraquezas, oportunidades e ameaças. Para Vianna et al., (2012, p. 100) “a fase de ideação geralmente se inicia com a equipe de projeto realizando *Brainstormings* (uma das técnicas de geração de ideias mais conhecidas) ao redor do tema a ser explorado e com base nas ferramentas”.

A fase de prototipagem integrou-se naturalmente à ideação, permitindo que os participantes colocassem em prática todas as etapas anteriores. Nesta fase, os participantes criaram algo rápido e experimental, mesmo que imperfeito, com a intenção de mostrar na prática a solução para os problemas identificados. Como Serpro (2019, p. 9) destaca: "a fase da prototipação é o momento esperado de validar as ideias geradas de forma simples, rápida e barata, através da construção de protótipos materiais que servirão de modelos reais das soluções propostas pelos grupos".

Como resultado da etapa quatro, pretendeu-se que os participantes da iniciativa rural da Colônia de Murici, de forma prática, pudessem validar a solução para verificar se realmente atenderam as necessidades de todos os envolvidos com o TBC. Os *Feedbacks* foram fundamentais para que os participantes pudessem fazer correções no protótipo com a finalidade de entregar uma melhor solução para os envolvidos.

Para Serpro (2019), durante a fase do teste, as soluções desenvolvidas devem ser constantemente aperfeiçoadas e refinadas. O objetivo é identificar e corrigir todos os aspectos problemáticos, garantindo que cada detalhe seja otimizado. Esse processo contínuo de melhoria deve ser mantido até que não haja mais valores a serem agregados dentro do escopo e contexto do projeto, assegurando que as soluções atendam plenamente às necessidades da comunidade.

A escolha das ferramentas do DT como estratégia para coleta de dados se justifica pelos trabalhos dos autores Sándorová et al., 2020; Mahato, Phi; Prats, 2021; Sudhiastiningsih; Chadijah, 2022; Gozzoli; Rongrat; Gozzoli, 2022; Romero-Medina et al., 2024; Indrianto et al., 2024 e Hartanti; Wianto, 2024. Estes autores se destacam pelo uso do DT em suas pesquisas na área de turismo, TBC e envolvimento de comunidades locais, auxiliando na coleta de dados.

O Quadro dez tem como objetivo sintetizar o contexto dessas pesquisas, bem como indicar as localidades e outras etapas que foram usadas em conjunto com o DT.

QUADRO 10: SÍNTESE DOS ESTUDOS NA ÁREA DO TURISMO QUE USARAM O DT.

Autores e Ano	Localidade	Contexto da pesquisa	Etapa das pesquisas em conjunto com o DT que se relacionam com a dissertação*
Sándorová et al., 2020	Eslováquia	Turismo e Educação	Observação

Mahato, Phi e Prats, 2021	Vietnã	TBC	Observação participante, indutivo exploratória
Sudhiastiningsih; Chadijah, 2022	Indonésia	Comunidade Local	Observação participante
Gozzoli, Rongrat e Gozzoli, 2022	Tailândia	Comunidade local	Pesquisa de campo, entrevista e observação
Romero-Medina et al., 2024	Equador	TBC	Pesquisa exploratória
Indrianto et al., 2024	Indonésia	TBC e Educação	Dados qualitativos por meio de entrevistas e observação
Hartanti e Wianto, 2024	Indonésia	Turismo	Abordagem qualitativa, descritiva

*Etapas das pesquisas usadas nos estudos que fizeram o uso do DT para coleta de dados que a presente dissertação também se propõe a utilizar (algumas dessas etapas), conforme mencionado nos subcapítulos anteriores.

Fonte: elaboração própria (2025).

Sendo assim, a escolha do DT como ferramenta para a coleta de dados nesta dissertação mostra-se eficaz para atender os seus objetivos, conforme evidenciado pelos estudos de autores na área de turismo. A aplicação do DT permite abordar e resolver problemas complexos, desenvolver habilidades empreendedoras, criar subsistências sustentáveis e promover uma compreensão profunda das necessidades e perspectivas das comunidades locais. Além disso, o DT demonstra ser uma ferramenta adaptável para modelos de ensino e aprendizagem, bem como para a criação de produtos e experiências turísticas.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

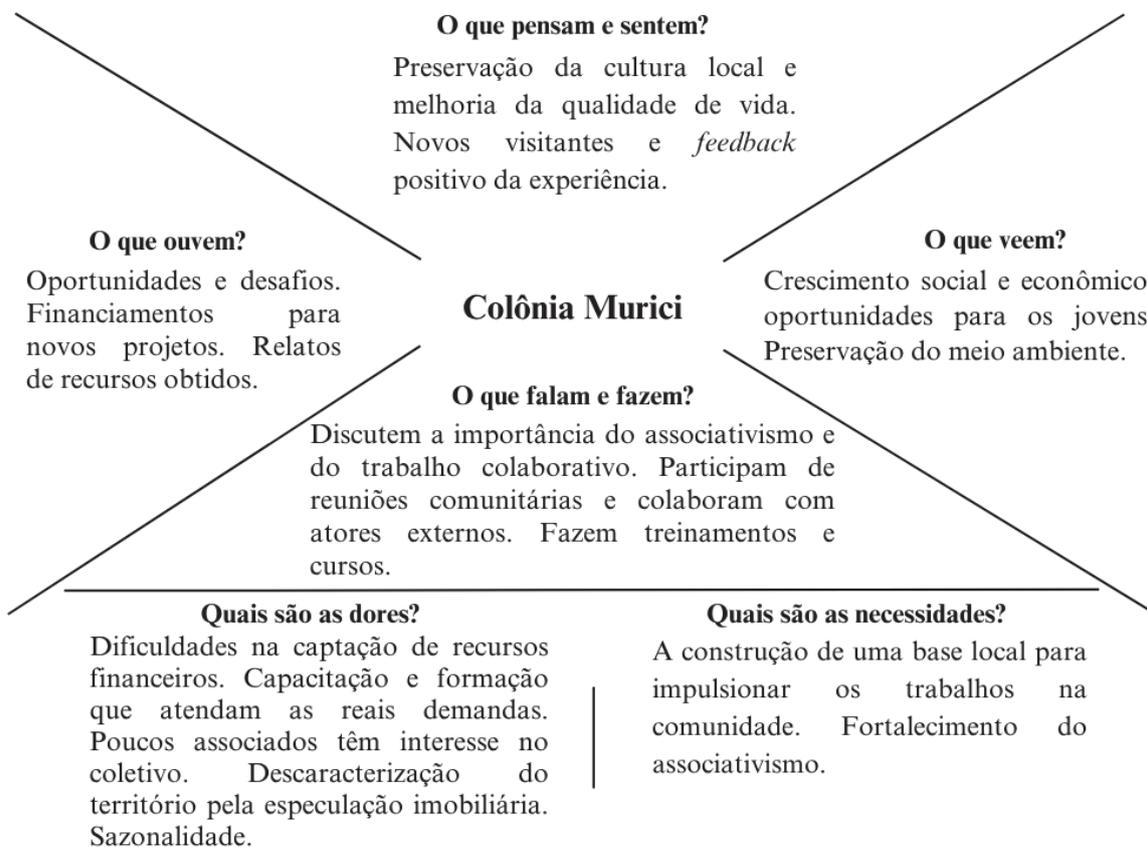
Considerando o objetivo específico III deste estudo, este capítulo traz os resultados alcançados no decorrer da estruturação do DT na iniciativa rural da Colônia Murici. Para atingir o objetivo proposto, foram consideradas as quatro etapas do DT já demonstradas no quadro dez.

A primeira etapa se trata do entendimento/observação e se deu pelo pesquisador diante de estudos preliminares *in loco* através de observação não-participante no período de outubro de 2023 e de informações coletadas a partir dos relatos e discussões dos membros da comunidade que estavam participando da disciplina Tópicos em Turismo de Base Comunitária ofertada pela Professora Dra. Marinês da Conceição Walkowski no Programa de Pós

Graduação em Turismo da UFPR no período de 12 a 16 de outubro de 2024. Tal disciplina foi aberta para a comunidade através do curso de extensão e da parceria com o OBSTUR/PR, coordenado pela Professora Dra. Juliana Medaglia.

A partir dos dados coletados na primeira etapa se deu a criação do mapa da empatia e a definição do problema; como procedimentos da **segunda etapa**, ponto de vista/análise e síntese.

FIGURA 6: MAPA DA EMPATIA DA COLÔNIA MURICI.



FONTE: dados da pesquisa (2025).

Com base na figura seis, que traz a criação do mapa da empatia na iniciativa rural da Colônia Murici, pode-se observar que a utilização dele é uma ferramenta para buscar entender as reais necessidades e desafios da comunidade. Para Ferreira et al., (2015), o mapa da empatia também melhora as percepções, o comportamento, as aspirações e as preocupações dos principais usuários.

Ao analisar os resultados obtidos com a elaboração do mapa da empatia, se mostra uma importante estratégia para pensar em ações voltadas ao TBC e à ENF que contribuam para o desenvolvimento sustentável da atividade turística na comunidade.

Pode-se observar que o TBC, como alternativa para o desenvolvimento do turismo na Colônia Murici, traz a valorização da cultura e da identidade e coloca os envolvidos como protagonistas em suas atividades, contribuindo para a qualidade de vida. Assim, ao verificar as informações no mapa da empatia, percebe-se o quão a ENF pode desempenhar um papel relevante ao fornecer à comunidade estratégias que identificam e trazem as necessidades presentes no seu território.

Gohn (2006) e Moreira et al., (2021) destacam que trabalhar com a ENF é essencial para o fortalecimento e para o desenvolvimento das capacidades críticas e práticas dos indivíduos que participam efetivamente na construção da comunidade. A educação, nesse contexto, serve como meio para criar espaços de aprendizagem social e política. Esses espaços permitem que diversos atores vivenciem e pratiquem comportamentos, condutas, valores, experiências e conhecimentos através do diálogo entre a sociedade e o Estado (Santos et al., 2019).

A Colônia Murici reconhece as oportunidades, os desafios, a necessidade de buscar financiamentos e também a importância do associativismo. Entende-se que para atender essas questões, é importante uma formação pedagógica adequada às suas necessidades. Nesse contexto, a ENF se mostra relevante, pois além de promover a inclusão e a justiça social, ela é dinâmica e contextualizada (Catini, 2021).

Os membros da comunidade participam de reuniões comunitárias e colaboram com parceiros externos para fortalecer parcerias estratégicas. As participações de atores externos no TBC ocorrem de maneira direta e indireta. Contudo, caso a comunidade não participe efetivamente das decisões e não haja a motivação necessária por parte da população local, isso acarretará prejuízos ao desenvolvimento local (Pinheiro, 2014). Segundo Irving (2009, p. 112), “não é possível imaginar uma iniciativa de turismo de base comunitária resultante de uma decisão externa, de uma intervenção exógena à realidade e aos modos de vida locais”.

Como fator importante, a Colônia Murici enxerga um crescimento social e econômico, com oportunidades para a permanência dos jovens no meio rural e uma forte ênfase na preservação do meio ambiente. Para Conti e Lavandoski (2019), o turismo é mais do que os benefícios econômicos, ele tem a capacidade de promover o desenvolvimento local, valorizando a cultura, conservando o meio ambiente e promovendo o bem-estar social. Entretanto, desafios como a dificuldade de captação de recursos financeiros e a sazonalidade

apontam a necessidade de estratégias de formação que minimizem esses problemas. A ENF, ao desenvolver capacidades críticas e práticas nos membros da comunidade, contribui para minimizar essas dores e fortalecer a equidade social. Para Machado et al., (2015), essas capacidades respondem às necessidades específicas das comunidades, promovendo um desenvolvimento comunitário inclusivo.

A necessidade da construção de uma base local e do fortalecimento do associativismo são abordadas de forma eficaz pela Colônia Murici. Estas ações são essenciais para garantir a sustentabilidade do TBC e a valorização da diversidade cultural na comunidade. Nunes e Menezes (2018) argumentam que a reconstrução de identidades através de práticas comunitárias é fundamental para o sucesso de projetos de TBC.

A partir da criação do mapa da empatia da Colônia Murici, foi definida a seguinte pergunta para a realização da oficina do DT: **Como podemos desenvolver uma formação pedagógica que melhore o desenvolvimento do TBC na Colônia Murici, enfatizando as reais necessidades da comunidade?**

Tendo a construção do mapa da empatia da Colônia Murici e a definição da pergunta problema, foi realizada a oficina contendo a metodologia do DT. A oficina aconteceu na tarde do dia 14 de agosto de 2024, sua duração foi de aproximadamente de três horas e contou com 14 participantes (na sua maioria, mulheres). A oficina foi realizada na Casa da Cultura Polonesa, localizada na Colônia Murici. A oficina fez parte como atividade do Curso de Extensão de Turismo de Base Comunitária do qual os envolvidos estavam participando. É importante mencionar que a oficina aconteceu fora da UFPR (modalidade da educação formal) para um espaço da ENF, onde foram realizadas exposições de artes e de acervos que contam a história da imigração polonesa e do surgimento da comunidade Murici, oficinas culturais, aulas de polonês e reuniões de interesse da comunidade.

A realização da oficina do DT foi motivada pelo compromisso dos membros da comunidade matriculados no curso de extensão que acontecia no mesmo período em que a Instituição Locavorista mensalmente organiza o evento “Diálogos Miringuava”. A Locavorista, apoiado pela Fundação O Boticário, desenvolve ações na comunidade, promovendo o turismo como uma alternativa ao impacto da construção da barragem Miringuava na região. A figura sete apresenta a programação, que incluiu a aplicação da oficina. Tal programação foi possível graças à flexibilidade e ao convite da Locavorista em colaboração com o pesquisador.

FIGURA 7: PROGRAMAÇÃO “DIÁLOGOS MIRINGUAVA”.

Você está convidado para o encontro

Diálogos Miringuava

Programação 14 de Agosto de 2024

14h Atualizações Movimento Viva Água Miringuava
(Programa restauração MVAM e Destino Miringuava 2.0)

14h30 Dinâmica Desenho de Evento Comunitário
Miringuava: Turismo Responsável na Prática

Atividade Extra (Para quem tem interesse sobre o tema):

15h30 Elaboração de uma proposta coletiva em turismo de base comunitária com o pesquisador Leonilo Alves Mestrando em Turismo UFPR

Casa da Cultura Polonesa
R. João Lipinski, 1001 - São José dos Pinhais

viva água
cuidar do **Rio Miringuava**
é proteger a vida

FONTE: Locavorista (2025).

A ideação e a prototipagem como parte da terceira etapa da oficina do DT, realizada na iniciativa rural Colônia Murici, focou inicialmente na geração de ideias, sendo essa etapa fundamental para alcançar soluções para o problema definido no mapa da empatia. Para a realização da ideação e prototipagem, foram divididos três momentos diferentes.

O primeiro momento foi do *Brainstorming* (geração de ideias): nessa fase, os participantes foram convidados a compartilhar suas ideias de forma livre e espontânea, em que todos colocaram as ideias em papéis e em *post-it*, sem qualquer crítica ou julgamento, pois a criatividade e as necessidades de todos eram bem-vindas.

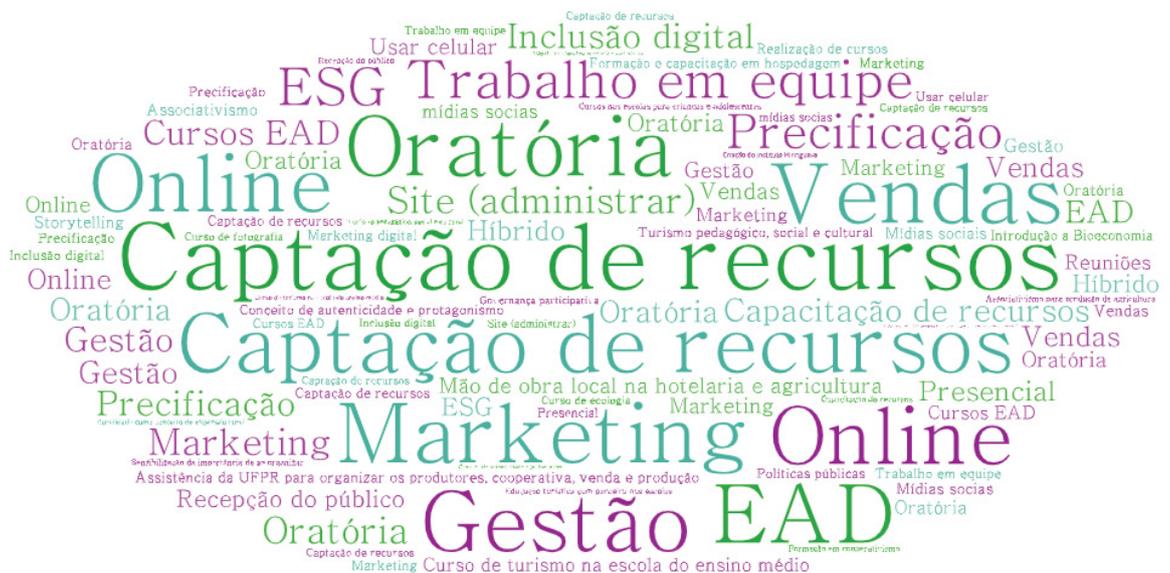
FIGURA 8: IDEIAS GERADAS PELOS PARTICIPANTES NA OFICINA.



FONTE: acervo do autor (2025)

O *Brainstorming* nesta etapa do DT, segundo Brown (2009) e David (2013), é uma maneira que os participantes têm de fazer o desbloqueio da criatividade explorando diversas ideias. Esses desbloqueios de ideias, conforme mencionado pelos autores, permitiu que os participantes colocassem no papel diversas sugestões, reflexões, suas percepções e as necessidades da iniciativa rural Colônia Murici. As ideias geradas e as que mais se repetiram no primeiro momento da etapa da ideação podem ser visualizadas na nuvem de palavras a seguir.

FIGURA 9: NUVEM DE PALAVRAS DAS IDEIAS GERADAS PELOS PARTICIPANTES.



FONTE: dados da pesquisa (2025).

Ao analisar a nuvem de palavras, percebe-se a diversidade da geração de ideias apontada pelos participantes da iniciativa rural Colônia Murici. Nesse primeiro momento, foi identificada diversas necessidades da comunidade.

Diante das diversas palavras, e conforme mencionado no mapa da empatia, ficou evidenciado que os participantes têm se preocupado com a **captação de recursos**. Entende-se que a falta de recursos financeiros atrapalha o desenvolvimento da iniciativa e a sobrevivência dos projetos comunitários. A captação de recursos é essencial para o desenvolvimento de projetos que visam melhorar a infraestrutura, oferecer capacitação (Andrade, 2002) e promover o turismo sustentável numa localidade.

Diante do contexto rural em que a Colônia Murici se insere e das oportunidades de experiências proporcionadas pelo TBC, percebe-se que, conforme Nunes e Menezes (2017), assim como outras iniciativas, as comunidades são carentes de recursos financeiros. No entanto, elas são ricas em diversidade cultural e oferecem aos visitantes uma ampla gama de experiências autênticas.

Outro termo frequentemente mencionado é o **Marketing**. A ênfase neste termo sugere a importância de estratégias de divulgação e de promoção para atrair visitantes, além de fortalecer a imagem da Colônia Murici no cenário do turismo. O marketing eficiente, segundo Martins et al., (2017), é crucial para destacar as particularidades das comunidades e promover seus eventos e atividades, como os festivais culturais, os roteiros ecológicos e a diversidade agrícola vinda da produção familiar.

A presença da palavra **oratória** destaca-se pela necessidade dos participantes de desenvolverem habilidades de comunicação eficazes diante da atividade na comunidade. A capacitação em oratória se torna essencial, pois melhora as habilidades dos moradores de apresentar suas ideias, de fazer negociações e de participar ativamente das discussões públicas de interesse comunitário. Essas habilidades são particularmente relevantes para o fortalecimento do associativismo e da governança participativa na Colônia Murici.

O termo **online** evidencia a crescente importância dos recursos tecnológicos tanto para divulgação dos seus serviços como para cursos, capacitações e formações da comunidade. A **inclusão digital**, que também foi mencionada, é fundamental para garantir que os moradores tenham acesso a ferramentas e recursos online, facilitando a comunicação, a educação e a gestão de negócios. É importante mencionar que, devido ao cotidiano da vida rural que dificulta o deslocamento para os centros das cidades, os participantes têm uma maior adesão quando se trata de formação e de capacitações por formas que sejam online e até mesmo híbridas.

Ao analisar a palavra **gestão**, nota-se a necessidade de desenvolver competências administrativas e organizacionais. A gestão coletiva eficaz é essencial para a implementação de projetos e iniciativas, garantindo que os recursos sejam utilizados de maneira eficiente e os objetivos sejam alcançados (Fabrino; Nascimento; Costa, 2016; Conti; Spinola; Saldanha, 2021). As palavras **Vendas**, **Trabalho em equipe** e **Precificação** complementam esta necessidade, destacando a importância de habilidades práticas para o sucesso de atividades econômicas e turísticas.

Dando continuidade das palavras que mais se destacaram, temos **educação turística e ESG** (*Environmental, Social and Governance*). Pode-se observar que os participantes têm se preocupado em desenvolver um turismo responsável com um compromisso de práticas e ações sustentáveis. Para Moraes et al., (2024), a educação turística pode sensibilizar os moradores e visitantes sobre a importância da preservação cultural e ambiental. Já o termo ESG reflete a preocupação com a sustentabilidade e com a responsabilidade social nas atividades da comunidade (Oliveira; Silva, 2023).

Durante o primeiro momento da ideação e prototipagem realizada com os participantes da iniciativa rural da Colônia Murici, foram geradas diversas ideias que trazem as necessidades e desejos da comunidade. As ideias representadas na nuvem de palavras categorizam e facilitam uma compreensão sobre os temas mais recorrentes durante a oficina. A seguir, para uma melhor compreensão de todos os termos levantados, apresenta-se um quadro ilustrativo organizado de forma categórica com as ideias que incluem as já mencionadas e outras sugestões feitas pelos participantes que surgiram durante a oficina do DT.

QUADRO 11: CATEGORIAS DA GERAÇÃO DE IDEIAS.

Categoria	Geração de ideias
Gestão	Criação do instituto Miringuava, Governança participativa, gestão colaborativa, trabalho em equipe, mão de obra local na hotelaria e ESG.
Atividade turística	Turismo pedagógico, social e cultural.
Tecnologias da Informação	Uso do celular, mídias sociais, cursos online e híbrido, administrar o site e storytelling.
Formação e Capacitação	Captação de recursos, oratória, marketing, vendas, sensibilização da importância de se organizar, ruralidade como conceito de expansão rural, precificação, recepção do público, curso de

	turismo na escola do ensino médio, conceitos de autenticidade e protagonismo, formação e capacitação em hospedagem, introdução a Bioeconomia, cursos nas escolas para criança e adolescentes, formação em associativismo e cooperativismo, educação turística com parceira nas escolas, curso de ecologia, curso de fotografia e inclusão digital.
Outros	Assistência da UFPR para organizar os produtores, cooperativa, venda e produção.

FONTE: dados da pesquisa (2025).

Ao observar o quadro das categorias, ficou evidenciado o pluralismo de ideias sugeridas e geradas pelos participantes durante a oficina do DT. Para Miranda e Pereira (2024), a variedade de perspectivas é fundamental para encontrar soluções que realmente atendam as necessidades locais. Cada categoria busca o desenvolvimento do turismo sustentável e inclusivo na Colônia Murici. A partir dessas ideias geradas, é possível desenvolver ações que atendam os desejos da comunidade e capacitações que promovam a consolidação do TBC.

Dando sequência à oficina, no segundo momento da parte da ideação e prototipagem, foi pedido aos participantes que priorizassem as ideias com mais urgência pensando no curto e no médio prazo. Este processo de priorização é crucial para identificar as necessidades mais pertinentes e alinhar os esforços de desenvolvimento com as expectativas da comunidade.

A estratégia de prioridades ocorrida na oficina se deu com base em estudos revisados na literatura que indicam essas ideias geradas da ideação para uma filtragem das prioridades. A autora Liedtka (2011) enfatiza que priorizar ideias na fase de ideação garante que os esforços se concentrem nas soluções mais impactantes. Para Marques et al., (2020), é importante que em um primeiro momento sejam priorizadas as ideias de menor custo e com viabilidade.

Sendo assim, os participantes fizeram a separação das ideias que tinham prioridades. Para selecionar essas ideias, os participantes usaram uma base estatística das palavras que mais se repetiram no primeiro momento da ideação e prototipagem e também trouxeram para a lista de prioridades os conceitos que adquiriram nos dois primeiros dias do curso de extensão, o que pode ser melhor compreendido no quadro síntese a seguir.

QUADRO 12: SÍNTESE DAS PRIORIDADES.

Ideias prioritárias	Objetivo a ser alcançado	Relação com os conceitos discutidos durante os dois primeiros dias do curso de extensão
Marketing digital	Promover a atividade do turismo na comunidade e atrair novos visitantes.	Trabalhar de forma associativista, preservando a cultura e o meio ambiente.
Inclusão digital	Garantir que todos os envolvidos tenham acesso aos recursos tecnológicos.	Formação contínua para uma melhor experiência.
Vendas	Desenvolver habilidades de vendas.	Agregação de valores nos serviços ofertados.
Oratória	Melhorar a comunicação para comercialização dos serviços.	Argumentações que conscientizem a valorização do meio rural e dos recursos naturais.
Captação de recursos	Aprender a elaborar projetos para captação de recursos financeiros.	Desenvolvimento de forma sustentável para todos.
Associativismo	Fortalecer a união dos membros da comunidade.	Organização das atividades na comunidade de forma coletiva de maneira que as atividades no meio rural façam sentido a todos.
ESG (<i>Environmental, Social and Governance</i>)	Adotar práticas sustentáveis e de responsabilidade social.	Valorização do meio ambiente e sustentabilidade da comunidade.

FONTE: dados da pesquisa (2025).

O quadro síntese das prioridades na Iniciativa Rural da Colônia Murici trouxe uma representação das áreas de interesses que buscam por um desenvolvimento sustentável e inclusivo da comunidade, destacando as principais prioridades e oportunidades identificadas durante a fase da ideação. A separação das ideias mais urgentes revelou as principais preocupações e necessidades da comunidade.

A partir dessas ideias, será possível desenvolver ações que atendam as necessidades locais, promovendo o TBC através de uma formação pedagógica.

Com parte da ideação e prototipagem, foi considerada a criação da matriz Swot pelos participantes para uma análise estratégica da iniciativa rural Colônia Murici. Para Hofrichter

(2017), a matriz Swot é uma ferramenta de análise estratégica que permite identificar e avaliar as **forças, fraquezas, oportunidades e ameaças** de um determinado projeto ou organização.

No contexto do TBC, a matriz Swot pode ajudar a compreender os fatores internos e externos que influenciam o desenvolvimento das iniciativas. A análise visa identificar os principais fatores que podem impactar o sucesso e a sustentabilidade da iniciativa rural Colônia Murici. No próximo quadro, apresenta-se a matriz Swot elaborada com base nas informações coletadas durante a oficina do DT com os participantes da comunidade.

QUADRO 13: MATRIZ SWOT

Forças	Fraquezas
Sentimento de pertencimento; Geração de renda extra; Valorização da cultura local; Resistência e resiliência; Preservação do meio ambiente; Valorização do trabalho.	Turismo não consolidado como o TBC e outros sustentáveis; Falta de mão de obra qualificada; Resistência à mudança; Problemas no associativismo.
Oportunidades	Ameaças
Aumento da visibilidade; Capacitação da comunidade; Captação de recursos financeiros; Estruturação de base comunitária.	Descaracterização da área rural (áreas irregulares); Desmatamento indiscriminado; Insegurança.

FONTE: dados da pesquisa (2025).

Ao analisar as **Forças**, percebe-se que a iniciativa rural da Colônia Murici tem uma **relação de pertencimento** com o lugar onde vivem. Essa relação é fundamental para a valorização da comunidade, pois quando seus moradores se envolvem diretamente nas atividades turísticas, eles desenvolvem um maior engajamento e cuidado com a comunidade e o meio ambiente. Esse sentimento de pertencimento é crucial para a coesão social e para a manutenção das tradições culturais (Irving, 2009; Castro; Pinto, 2013; Conti; Lavandoski, 2019; Carrelas, 2022).

No que se trata da **geração de renda extra**, percebe-se que o turismo tem oferecido oportunidades significativas de geração de renda para os envolvidos com a atividade turística. Com relação ao TBC, esse é uma forma de complemento às outras atividades da comunidade, pois ele ajuda na geração de renda, no fortalecimento e na valorização dos modos de vida locais (ICMBio, 2019; Oliveira, 2024).

Ao trabalhar com o turismo sustentável, conforme explica Sosa (2019), a Colônia Murici busca garantir uma distribuição justa dos lucros e das vantagens provenientes da atividade turística para a comunidade local, visando promover uma melhoria na qualidade de vida dos moradores.

A **valorização da cultura local** como forças mostra que a Iniciativa Rural da Colônia Murici promove a valorização e preservação das tradições e culturas locais. Ao oferecer aos visitantes uma experiência autêntica, o TBC destaca a importância do patrimônio cultural (Nascimento et al., 2024). Essa valorização não apenas atrai visitantes interessados em vivências genuínas, mas também reforça o orgulho cultural entre os moradores (Pinheiro; Moraes, 2016). Nota-se que o TBC leva em conta a capacidade do local para receber visitantes, sempre com a preocupação de preservar a sua cultura local por meio de uma gestão participativa e sustentável, o que permite conhecer outras culturas e modos de vida (Santos et al., 2019).

Com relação à **Resistência** e à **Resiliência**, a comunidade envolvida com o turismo tem desenvolvido uma maior capacidade de resistir e se adaptar a mudanças e desafios. Para Walkowski et al., (2024), a resiliência deve ser incorporada à gestão e ao planejamento do turismo, o que só pode ser alcançado por meio de uma mudança de comportamento dos envolvidos com a atividade turística.

A **preservação do meio ambiente** na Colônia Murici tem despertado a sensibilização ambiental, uma das questões centrais do TBC. As práticas turísticas em um destino de turismo sustentável são desenvolvidas de maneira a proteger e preservar o meio ambiente (Freire; Ferreira, 2015; Batista et al., 2021; Carvalho, 2022). A preservação do meio ambiente é um ponto positivo encontrado na Colônia Murici. De acordo com Fabrino, Costa e Nascimento (2016), o apoio externo de instituições parceiras e a presença de órgãos públicos são fundamentais para alcançar a qualidade ambiental desejada. A implementação de práticas sustentáveis e a sensibilização dos visitantes tem tornado a Colônia Murici um destino de turismo sustentável na região metropolitana de Curitiba.

Sobre a **valorização do trabalho**, podemos entender que o turismo trouxe reconhecimento e valorização do trabalho de artesãos, guias locais e outros profissionais da

comunidade. A valorização do trabalho local contribui para a economia da comunidade e fortalece o desenvolvimento social e econômico local (Almeida; Emmendoerfer, 2022). Assim, a atividade do turismo realizada pela iniciativa rural da Colônia Murici apresenta diversas forças que, quando bem aproveitadas, podem promover o desenvolvimento sustentável e a valorização da comunidade.

Ao analisar as **fraquezas**, observa-se que a iniciativa rural de Colônia Murici enfrenta diversos problemas que podem comprometer o desenvolvimento da atividade turística na comunidade. **A falta da consolidação do TBC e outras modalidades de turismo sustentável**, conforme mostra a matriz Swot, resulta em uma estrutura não bem estabelecida, pois, conforme o interesse de alguns participantes com o TBC, a não consolidação dessa alternativa de se fazer turismo pode dificultar o sucesso da iniciativa.

Nesse contexto, é fundamental destacar que as comunidades que buscam a consolidação do TBC em sua localidade, enquanto uma atividade turística capaz de trazer benefícios coletivos diretos, têm feito esforços em conjunto com diversos setores como a sociedade civil, o público e o privado (Bartholo; Sansolo; Bursztyn, 2009). Essa relação com diversos setores se faz importante, uma vez que as comunidades passam por diversas dificuldades para a estruturação do TBC, principalmente na experiência brasileira, como a comercialização e a promoção (Bursztyn; Bartholo, 2012). No entanto, considera-se necessária a relação com outros setores para atuarem de forma conjunta e alcançarem o desenvolvimento do turismo. Essas parceiras, conseqüentemente, trarão benefícios sociais, culturais e econômicos.

Tratando-se da **falta de mão de obra qualificada**, pode-se entender que existe uma escassez de profissionais qualificados na comunidade que limita a qualidade dos serviços oferecidos e a capacidade de atender às demandas dos visitantes.

A **resistência à mudança** e a novas ideias e práticas (apresentada por alguns membros da comunidade) pode dificultar a implementação do desenvolvimento do turismo local e até mesmo da consolidação do TBC. A aceitação e a adaptação a novas abordagens são cruciais para o sucesso da iniciativa rural da Colônia Murici.

Outra questão relevante mencionada pelos participantes são os **problemas com o associativismo**, pois dificuldades em formar e manter uma associação comunitária enfraquecem a organização e o planejamento para desenvolverem o turismo. Destaca-se que essa questão foi observada no mapa da empatia e que alguns dos associados têm interesse no coletivo. O associativismo, além de desenvolver o senso de pertencimento coletivo, influencia diretamente os processos de participação e tomada de decisão dentro de uma instituição. A ausência de engajamento e a limitação de recursos compromete uma influência positiva nas

suas comunidades (Lüchmann, 2014). Para Brambatti e Nietzsche (2018) e Walkowski et al., (2024), as associações desempenham um papel importante na atividade turística, atuando como agentes intermediários entre as articulações do Estado em políticas de turismo e a ambição competitiva dos empreendedores privados. Elas são instrumentos de mobilização das comunidades onde se encontram os atrativos e os empreendimentos, promovendo uma mentalidade solidária e coletiva de colaboração e ajuda mútua. Dessa forma, diluem os fracassos e garantem que as conquistas sejam compartilhadas por todos.

Essas fraquezas destacam a necessidade de estratégias específicas para fortalecer o turismo e o TBC, promover a capacitação profissional e incentivar a participação comunitária.

Analisando as **oportunidades** presentes na iniciativa rural da Colônia Murici, apresentado na Matriz Swot pelos participantes, diversas delas podem ser exploradas para promover o desenvolvimento sustentável e eficaz da atividade turística.

O **aumento da visibilidade** é considerado uma oportunidade na comunidade. A implementação de estratégias de marketing e o estabelecimento de parcerias podem aumentar significativamente a visibilidade do turismo na localidade e atrair um público que se identifique com a proposta do turismo presente na Colônia Murici.

A **capacitação da comunidade**. Programas de capacitação são fundamentais para aprimorar as habilidades dos moradores locais. A melhoria na qualificação profissional resulta em serviços de maior qualidade e, conseqüentemente, em uma maior satisfação dos visitantes. Além da capacitação, a colaboração e o apoio técnico externo são essenciais para o sucesso do TBC e de organizações comunitárias, mesmo nas comunidades que já estão organizadas (Fabrino, 2013). Parceria com Universidades, ONGs, órgãos públicos, entre outros é uma ótima estratégia para a consolidação dessas comunidades. O apoio técnico dessas organizações torna-se uma alternativa para evitar problemas como o despreparo profissional, a falta de ferramentas para o controle da gestão e a falha de informação e de comunicação, fatores esses que impactam negativamente a comunidade (Maldonado, 2009; Hallack, Burgo; Carneiro, 2011). Mielke (2009) pontua que após as saídas dessas organizações poucas iniciativas de TBC sobrevivem, chegando até o encerramento das atividades.

Com relação a **captação de recursos financeiros** mencionado pelos participantes mostra que a comunidade necessita de acesso a financiamentos e investimentos. Podemos considerar essa questão crucial para a viabilização de projetos de infraestrutura e de desenvolvimento do turismo. A obtenção de recursos financeiros permite a implementação de melhorias necessárias, garantindo a sustentabilidade da iniciativa.

Considerado uma oportunidade, destaca-se a **estruturação de base comunitária**. O

fortalecimento das estruturas comunitárias é vital para a organização e para a gestão eficiente das iniciativas de TBC. Uma base comunitária bem estruturada facilita a coordenação das atividades, promove a coesão entre os membros e assegura a continuidade dos projetos. A necessidade de base local foi mencionada pelos participantes durante as duas etapas da oficina do DT e durante a participação dos membros da comunidade no curso de extensão em turismo TBC. No entanto, apesar da importância de uma base comunitária bem estruturada, a realidade do TBC apresenta alguns desafios referentes à participação da comunidade local (Pinheiro, 2014). Esses desafios limitam o desenvolvimento da atividade turística e acarretam custos para o desenvolvimento das iniciativas de TBC. A falta de tempo ou uma participação parcial pode ser causada pela busca de subsistência em postos de trabalho convencionais pela maioria dos moradores locais (Goodwin; Santilli, 2009; Roberts, 2011; Carrelas, 2022).

Atualmente, conforme relatam Almeida e Castro (2017), muitas localidades são definidas sendo de TBC mesmo que não tenham os arranjos produtivos locais. Portanto, a participação social da comunidade é uma decisão importante para que não ocorra contradições e intermédio de atravessadores para desenvolver o turismo que acaba se vinculando à modernização. Para Maldonado (2009, p. 33) “O turismo não é isento de riscos ou ameaças; a comunidade deve conhecê-los e debater sobre estes antes de iniciar um negócio e durante todo o seu ciclo de vida, a fim de salvaguardar seus interesses e minimizar os efeitos indesejáveis”.

Essas oportunidades destacam a importância de estratégias bem planejadas e executadas para o desenvolvimento do turismo e do TBC. A exploração dessas oportunidades pode levar a um turismo mais inclusivo, sustentável e benéfico para a Colônia Murici.

Por último, os participantes trouxeram para a matriz Swot as **ameaças** que, em suas percepções, podem dificultar a qualidade de vida e o desenvolvimento do turismo sustentável na comunidade. As questões mencionadas, como a descaracterização da área rural, são entendidas pela comunidade como o desenvolvimento desordenado que vem acontecendo na região e que pode levar à perda das características rurais e culturais que atraem os visitantes.

Outra questão relevante mencionada é o **desmatamento indiscriminado**. Esse fato tem se tornado pauta frequente nas discussões da comunidade, pois a especulação imobiliária tem feito loteamentos na Colônia Murici, provocando o desmatamento para a ocupação de novas residências.

A **Insegurança** e o envolvimento dos jovens com as drogas são alguns dos problemas que os moradores têm enfrentado diante da implantação de novos empreendimentos. Essas ameaças mencionadas, podem desestimular a visita e afetar negativamente a experiência desses visitantes.

Diante desse contexto, identificou-se que essas preocupações da comunidade têm relação com as questões dos impactos negativos do turismo. Segundo Barros e Morais (2024), a descaracterização da paisagem rural é um dos principais efeitos negativos causados pelo turismo desordenado e pela especulação imobiliária. A expansão de empreendimentos turísticos transforma drasticamente a paisagem tradicional de campos cultivados, de florestas nativas e de construções típicas, substituindo-a por estruturas artificiais como hotéis e resorts. Isso altera a identidade visual e a cultural das áreas rurais, resultando em desconexão e alienação dos moradores locais, que veem suas raízes culturais e históricas sendo apagadas.

Com base na análise das forças, fraquezas, oportunidades e ameaças da iniciativa rural da Colônia Murici, conclui-se que a atividade do turismo desempenha um papel crucial no desenvolvimento sustentável da comunidade. As forças identificadas, como o sentimento de pertencimento, a geração de renda extra, a valorização da cultura local, a resistência e resiliência, a preservação da natureza e a valorização do trabalho são fundamentais para fortalecer o turismo e promover o desenvolvimento socioeconômico da comunidade. No entanto, as fraquezas, como a falta de consolidação do TBC, a escassez de mão de obra qualificada, a resistência à mudança e os problemas com o associativismo destacam a necessidade de estratégias específicas para superar esses desafios.

As oportunidades, como o aumento da visibilidade, a capacitação da comunidade, a captação de recursos financeiros e a estruturação de uma base comunitária são essenciais para garantir a sustentabilidade e o crescimento do turismo sustentável na região. Por fim, as ameaças, como a descaracterização da área rural, o desmatamento indiscriminado e a insegurança devem ser cuidadosamente gerenciadas para proteger a qualidade de vida e a experiência dos visitantes.

6.1 TESTE/RELATO DA EXPERIÊNCIA

A finalização da aplicação do DT aconteceu com a etapa do teste. Este momento foi realizado no dia 16 de outubro de 2024, na segunda parte do último dia de aula do curso de extensão em TBC. A fase do teste teve como objetivo avaliar a viabilidade e a eficácia das soluções pedagógicas desenvolvidas durante as etapas de ideação e prototipagem, ajustando-as conforme necessário para garantir que atendam às necessidades da iniciativa rural da Colônia Murici.

Iniciou-se a fase de teste com a apresentação das ideias geradas pelos participantes durante a etapa de ideação e prototipagem. Essa apresentação serviu para relembrar aos participantes de todo o percurso da oficina do DT e criar uma base comum para a

implementação das soluções. As ideias foram divididas em categorias como gestão, atividade turística, tecnologias da informação, formação e capacitação e outros, conforme detalhado anteriormente nos quadros 11 e 12.

Durante a apresentação dos resultados foram coletados *feedbacks*, que foram analisados para serem realizados ajustes necessários nas soluções. A mensuração dos resultados considerou questões trazidas no quadro 12, que sintetiza as prioridades das ideias realizadas durante a ideação e a prototipagem.

Os participantes expressaram grande satisfação com os resultados das ideias implementadas durante a fase do teste. Muitos relataram que as sugestões dos cursos irão atender às suas expectativas, proporcionando-lhes habilidades práticas e conhecimentos aplicáveis no seu dia a dia para o desenvolvimento do turismo na Colônia Murici.

A fase do teste mostrou que os participantes reconhecem o valor das soluções desenvolvidas por eles e a importância de continuar trabalhando juntos para o desenvolvimento do turismo sustentável na Colônia Murici. As discussões em grupo durante as sessões de *feedbacks* também refletiram sobre o sentimento de pertencimento e de colaboração, pois apesar dos diversos desafios que a comunidade enfrenta, eles têm orgulho em fazer parte de uma iniciativa que valoriza tanto a cultura local quanto o desenvolvimento comunitário.

Com base nos *feedbacks* e com todas as informações coletadas durante a oficina do DT, criou-se uma matriz instrucional. Essa matriz foi desenvolvida com base na oficina do DT e tem como objetivos fornecer uma estrutura para a implementação contínua da formação pedagógica e garantir que as necessidades da iniciativa rural da Colônia Murici/PR sejam atendidas de forma eficaz.

A matriz instrucional organiza o planejamento de cursos de formação ao delinear objetivos, funções dos envolvidos, atividades, cronogramas, recursos, conteúdos e métodos de avaliação. Ela serve como um guia estratégico para garantir a eficácia no aprendizado e a clareza no processo pedagógico (Filatro, 2008; Barreiro, 2016). Para Figueiredo e Matta (2012), a matriz fornece diretrizes claras para a equipe multidisciplinar, permitindo o planejamento detalhado de atividades que demandam maior complexidade. Para Wattè et al., (2018), ela tem como propósito registrar a estrutura do curso, funcionando como um guia para detalhar e desdobrar as informações contidas no plano de ensino, garantindo sua aplicação prática de maneira eficiente. A Matriz Instrucional apresentada no quadro 14 organiza as atividades por etapas, destacando os objetivos específicos, as metodologias a serem aplicadas e os resultados esperados.

QUADRO 14: MATRIZ INSTRUCIONAL.

Tópicos e Carga horária	Objetivos de aprendizagem	Metodologias	Estratégias de interação	Resultados esperados
Diagnóstico inicial 12h	Identificar as principais necessidades e desafios da comunidade.	Aplicação de mapas de empatia e análise SWOT.	Sala de reuniões comunitária/associações, Instituições de ensino.	Levantamento de dados sobre necessidades e oportunidades.
Plano de ação 10h	Definir prioridades e traçar planos de ação para curto e médio prazo.	Oficinas colaborativas com <i>brainstorming</i> e priorização de ideias.	Quadros e posts.	Listagem de ações prioritárias alinhadas aos interesses da comunidade.
Capacitações 20h	Desenvolver habilidades práticas como marketing, oratória e gestão.	Cursos presenciais e EAD de inclusão digital.	Momentos presenciais, plataformas EAD. Treinamento para atrair visitantes, uso de redes sociais e marketing digital.	Formação continuada e acessível para aprimorar competências.
Associativismo e Gestão 15h	Fortalecer a organização comunitária e desenvolver habilidades administrativas e colaborativas.	Oficinas práticas e dinâmicas de grupo.	Encontros presenciais e online.	Estruturas associativas consolidadas e eficazes
Captação de Recursos 10h	Treinar a comunidade para captação de recursos financeiros via editais. Dialogar com os agentes externos (Fundação O Boticário, Locavorista, Universidade Federal do Paraná - UFPR, Invest Paraná e Secretaria de Turismo do Estado - SETU,	Elaboração de propostas.	Reuniões em espaços comunitários. Apoio de agentes externos.	Elaboração de propostas.

	dentre outros).			
<i>Feedbacks</i> e acompanhamento 5h	Ajustar estratégias com base em <i>feedbacks</i> contínuos.	Sessões de <i>feedback</i> com a comunidade e com os atores externos.	Ferramentas de coleta de dados.	Melhorias contínuas nas atividades e satisfação comunitária.

FONTE: Elaboração própria (2025).

A Matriz Instrucional proposta foi elaborada com base na abordagem da ENF para atender às necessidades da Iniciativa Rural da Colônia Murici/PR. Essa matriz se estrutura em torno de categorias fundamentais que foram extraídas durante a oficina do DT para a estruturação de formação no contexto do TBC, abrangendo diagnóstico inicial, planejamento estratégico, capacitação, fortalecimento do associativismo e gestão, captação de recursos e avaliação contínua. Sendo assim, a incorporação dessas abordagens e metodologias participativas através da Matriz Instrucional pretende promover um aprendizado que atenda as necessidades da comunidade e que possa ser replicável em diferentes contextos de TBC, assegurando a sustentabilidade das iniciativas comunitárias e o fortalecimento da ENF no TBC. Essa Matriz Instrucional serve como uma ferramenta para planejar, executar e avaliar as futuras atividades de formação, promovendo o TBC na Colônia Murici. Através dela, pretende-se facilitar a implementação das soluções desenvolvidas, assegurando que cada atividade seja alinhada com os objetivos estratégicos da comunidade e que todas as ações contribuam para o desenvolvimento do turismo sustentável e inclusivo da comunidade.

A estruturação do DT com os moradores da Colônia Murici reforça práticas já descritas na literatura internacional por autores como Sudhiastiningsih e Chadijah (2022), que reconhecem o papel do design colaborativo na valorização cultural em territórios locais. No caso da Iniciativa Rural da Colônia Murici, a metodologia se mostrou eficaz para identificar necessidades e construir soluções a partir da escuta ativa da comunidade.

Romero–Medina et al. (2024) argumentam que o fortalecimento organizacional e a autogestão são cruciais para o sucesso do TBC. Na Colônia Murici, esse modelo organizacional se materializa nas ações de associativismo e governança promovidas pela oficina. Indrianto et al. (2024) destacam que o uso do DT para promover o turismo comunitário exige uma abordagem pedagógica flexível e adaptada. Tal flexibilidade foi contemplada pela Iniciativa Rural da Colônia Murici na proposta de uma formação flexível (cursos online, híbridos e presenciais) apontada na Matriz Instrucional.

Como apontam Hartanti e Wianto (2024), a identidade cultural pode ser um ativo turístico relevante, e isso se confirma na Colônia Murici, local onde a cultura polonesa e o senso de pertencimento foram destacados na matriz SWOT.

A oficina do DT demonstrou ser uma metodologia eficaz para envolver a comunidade na identificação e na priorização de suas necessidades. Além disso, a abordagem colaborativa e participativa do DT não apenas empoderou os membros da comunidade, mas também proporcionou uma base sólida para o desenvolvimento de estratégias sustentáveis e inclusivas. As pesquisas utilizando o DT no contexto do TBC são escassas, especialmente no Brasil. Este trabalho se destaca por ser um dos poucos a abordar o DT como parte da metodologia para a coleta de dados em uma pesquisa científica sobre TBC e ENF.

No campo da ENF, os achados dialogam com Gohn (2010; 2016), que compreende a ENF como uma prática crítica, dialógica e voltada para a transformação social. Gohn (2009) também aponta que o educador social atua como facilitador de práticas emancipatórias. Isso ficou evidente na mediação realizada através do curso de extensão ofertado pela UFPR para a comunidade.

Do ponto de vista metodológico, Fernandes e Garcia (2019) destacam que a ENF deve se articular com a realidade concreta das comunidades e ser marcada por metodologias participativas. O uso do DT atendeu a essa exigência, operando como ponte entre a escuta ativa e a ação pedagógica.

Irving (2009) reforça que o TBC precisa ser conduzido "de dentro para fora", ou seja, com base nas demandas e visões dos próprios moradores. A oficina do DT respeitou esse princípio ao colocar a comunidade como protagonista da construção das prioridades e das soluções.

Assim, os achados desta pesquisa não apenas reafirmam a literatura existente sobre TBC e ENF, mas também demonstram a viabilidade prática da aplicação integrada entre as duas abordagens por meio do DT.

A integração da ENF neste contexto reforçou a importância de uma formação contínua e adaptada às realidades locais, alinhando-se com os princípios do TBC. Ainda podemos considerar que a articulação da ENF com o TBC corrobora com os princípios da educação que, segundo Libâneo (2001), estão intrinsecamente ligados a processos de comunicação e de interação, através dos quais os integrantes de uma sociedade absorvem conhecimentos, habilidades, técnicas, atitudes e valores presentes em um ambiente culturalmente organizado. Esse processo os capacita a gerar novos conhecimentos, técnicas e valores.

Por fim, a aplicação do DT no contexto do TBC trouxe um panorama estruturado para enfrentar desafios complexos com base nas necessidades e nas perspectivas da comunidade local. A utilização das ferramentas do DT como estratégia de coleta de dados desta pesquisa é uma forma de promover o ensino e a aprendizagem (que tem uma relação direta com a ENF), resultando em uma abordagem mais eficaz e sustentável para o desenvolvimento da iniciativa rural da Colônia Murici. Ambos priorizam os resultados, a criticidade, a criatividade e a aprendizagem de forma colaborativa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Turismo de Base Comunitária (TBC), nos últimos anos, vem se consolidando por ser uma abordagem alternativa ao turismo convencional, que propõe uma visão mais social e voltada para os recursos locais, colocando em evidência a autonomia da comunidade e as dimensões humanas e culturais no desenvolvimento do turismo. Ao focar no bem-estar da comunidade, o TBC não apenas contribui para a valorização da autoestima local, mas também coloca os membros da comunidade como protagonistas no planejamento e na gestão do turismo. Esse modelo promove um envolvimento ativo da comunidade no processo de tomada de decisão, assegurando sua participação plena na elaboração e na execução das atividades turísticas. Dessa forma, o TBC se distingue por sua abordagem inclusiva e sustentável, que prioriza as necessidades e os direitos do coletivo.

A presente dissertação abordou a importância da Educação Não Formal (ENF) na consolidação do TBC, com foco na iniciativa rural da Colônia Murici localizada na zona rural de São José dos Pinhais, Paraná. Assim, **o objetivo geral foi analisar de que forma a Educação Não Formal pode contribuir com a formação do TBC na Iniciativa Rural da Colônia Murici/PR.**

Os estudos sobre TBC e ENF, que corresponde ao **objetivo específico (i) discutir o TBC e ENF a partir de um marco conceitual**, permitiu compreender que a ENF é fundamental para o empoderamento e para a cidadania da comunidade, além do fortalecimento e da estruturação não só da Colônia Murici, mas de todos os projetos de TBC.

No campo prático, as ações desenvolvidas com os participantes da Iniciativa Rural da Colônia Murici durante a realização da oficina, utilizando as ferramentas do Design Thinking (DT), corresponderam diretamente aos objetivos específicos (ii) **mapear a iniciativa rural da Colônia Murici/PR** e (iii) **estruturar as ferramentas do *Design Thinking* (mapa da empatia, brainstorming, prototipagem) como proposta para a formação pedagógica da Iniciativa Rural da Colônia Murici/PR.**

A criação do mapa da empatia e a construção da Matriz SWOT e da Matriz Instrucional contribuirão no mapeamento da realidade da Colônia Murici/PR, ao proporem uma formação pedagógica baseada nas necessidades locais. O DT, nesse contexto, não foi apenas um recurso pontual, mas constituiu o eixo metodológico central da pesquisa, guiando tanto a coleta de dados quanto a estruturação da formação.

A aplicação das ferramentas DT possibilitou a identificação de demandas reais. Já a construção da Matriz SWOT e da Matriz Instrucional contribuiu tanto para o objetivo (ii), ao mapear a realidade da Colônia Murici/PR, quanto para o objetivo (iii), ao articular esse diagnóstico com a proposta pedagógica. A proposta de formação pedagógica coletiva, mediada por ferramentas de *Design Thinking* (DT), demonstrou ser uma estratégia eficaz para envolver a comunidade local de forma colaborativa no processo de aprimoramento e na consolidação das atividades turísticas. No caso específico da Iniciativa Rural da Colônia Murici/PR, foi possível observar que a aplicação dessas ferramentas propiciou a criação de um modelo mais estruturado e participativo, permitindo que a comunidade assumisse um papel ativo e engajado na gestão e no TBC. A interação entre os membros da comunidade e a aplicação de um processo coletivo para a formação contribuiu para o fortalecimento da identidade local e para o empoderamento dos envolvidos.

A estruturação da formação pedagógica para a consolidação do TBC na Iniciativa Rural da Colônia Murici é um processo essencial que visa capacitar os membros da comunidade para planejar, implementar e gerenciar suas ações. Esta formação, estruturada em uma Matriz Instrucional, aborda diversos aspectos fundamentais para o sucesso da Colônia Murici e demais comunidades.

Além disso, a pesquisa demonstrou que a ENF desempenha um papel importante para o desenvolvimento do TBC, pois sensibiliza e promove a formação cidadã dos indivíduos, criando um ambiente propício para que os participantes compreendam não só as práticas turísticas, mas também os seus direitos e as suas responsabilidades enquanto cidadãos. Assim, a integração do TBC com a ENF não apenas melhora a qualidade do turismo local, mas também fortalece as relações sociais e a sustentabilidade da comunidade.

A estruturação das ferramentas do DT mostrou ser uma ponte eficaz entre a teoria (TBC e ENF) e a prática, garantindo que a formação fosse cocriada com a comunidade. Sua utilização na coleta de dados da pesquisa também permitiu uma abordagem centrada nos participantes, promovendo a empatia e a compreensão profunda das necessidades e dos desafios enfrentados por eles. Através da oficina do DT, foi possível obter reais soluções dos problemas da comunidade que, de outra forma, poderiam não ter sido descobertas. Assim, o DT não apenas

enriqueceu a qualidade dos dados coletados, como também contribuiu significativamente para a relevância e aplicabilidade dos resultados da pesquisa, ficando como uma sugestão para próximas pesquisas no contexto do turismo e do TBC.

Este estudo contribuiu para a literatura ao demonstrar a eficácia do DT na coleta de dados e resolução de problemas complexos em contextos do TBC. Ainda no campo teórico, a pesquisa trouxe uma articulação inédita entre o TBC, a ENF e o DT. O estudo também contribuiu com um modelo prático da utilização do DT em pesquisas futuras, além da criação de uma Matriz Instrucional que pode ser adaptada e replicada em outras comunidades para a formação pedagógica.

A criação da Matriz Instrucional demonstra ser uma ferramenta direcionada e funcional na estruturação do processo de formação pedagógica em TBC na Colônia Murici/PR. Sua criação permite organizar e detalhar os objetivos de aprendizado, as metodologias e as estratégias de interação, resultando em ações práticas voltadas para o fortalecimento do associativismo, para o aprimoramento técnico dos participantes e para a promoção da sustentabilidade do TBC. Ao alinhar-se às necessidades locais por meio de uma abordagem fundamentada na ENF, a matriz atende diretamente aos desafios e às potencialidades da comunidade. Além disso, a estrutura da proposta de formação pedagógica favorece a capacitação dos envolvidos, o fortalecimento da gestão comunitária e a captação de recursos, promovendo um modelo de turismo mais inclusivo e sustentável, ficando assim como uma referência para futuras iniciativas de TBC.

Em termos de limitações, a pesquisa esteve restrita a uma única comunidade. Contudo, o estudo oferece importantes contribuições para a compreensão da relação entre TBC e ENF, sugerindo que o modelo proposto pode ser adaptado e replicado em outras localidades com características semelhantes. Também fica como sugestão a utilização da Matriz Instrucional pelas entidades em editais de fomento ao TBC, pelos atores externos em formação com projetos e iniciativas de TBC e pelas instituições de ensino como uma ferramenta pedagógica para cursos de extensão voltados para a comunidade.

Dessa forma, é possível concluir que o TBC aliado à ENF e a utilização das ferramentas do DT como uma metodologia participativa têm o potencial de contribuir efetivamente para o desenvolvimento sustentável de comunidades locais, promovendo a inclusão social, o empoderamento e a valorização da cultura local. A Colônia Murici pode servir de modelo para outras comunidades que estão em busca de alternativas de turismo sustentável que respeitem e integrem os saberes e as práticas locais, com impacto positivo tanto no aspecto econômico quanto no aspecto social.

REFERÊNCIAS

ABREU, L. A. D.; WALKOWSKI, M. D. C.; PERINOTTO, A. R. C.; FONSECA, J. F. D. Community-Based Tourism and Best Practices with the Sustainable Development Goals. *Administrative Sciences*, v. 14, n. 2, p. 36, 2024.

ABREU, L. A.; CARVALHO, M. L. Redes colaborativas e governança do turismo de base comunitária: o caso da Colônia Murici-PR. In: *Anais do evento Univali*, 2023.

ALBUQUERQUE, Mariene Cavalcante Borba de; NASCIMENTO, Felipe Gomes do; NÓBREGA, Wilker Ricardo de Mendonça. Dialogando com os conceitos de Turismo de Base Comunitária e Turismo Criativo. *Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território*, v. 11, n. 1, p. 298–319, 2023. DOI: 10.26512/rev.cenario.v10i1.40606.

ALMEIDA, F. A. B.; CASTRO, J. F. de. Planejamento do turismo de base comunitária: perspectivas críticas. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 66-81, dez. 2017.

ALVES, L. de O.; GÓMEZ, C. R. P. Proposta de integração do capital social ao ciclo de vida do turismo de base comunitária. *Revista Turismo Em Análise*, v. 32, n. 3, p. 476-493, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v32i3p476-493>.

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. *Design thinking: Coleção design básico*. Porto Alegre: Bookman Editora, 2016.

ANDRADE, M. G. V. D. *Organizações do terceiro setor: estratégias para captação de recursos junto às empresas privadas*, 2002.

ANDREOLI, Cleverson Vitorio et al. Os mananciais de abastecimento do sistema integrado da região metropolitana de Curitiba – RMC. *Sanare – Revista Técnica da Sanepar*, Curitiba, v. 12, n. 12, jul./dez. 1999.

ARAÚJO, C. D. de; CÂNDIDO, D. R. C.; KROTT, M. Turismo de base comunitária e relação de poder no Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha (Brasil). *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 155-172, ago. 2018.

ARAÚJO, M. Turismo de base comunitária com foco em gênero: estudo de caso na Comunidade Morro Santo Antônio, Município de Itabira-MG. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 34-61, ago. 2016.

ASSIS, G. C.; PEIXOTO, R. C. D. O turismo é uma dádiva? Uma “etnografia das trocas” e a oferta da experiência “chamada” Turismo de Base Comunitária em Anã/Santarém/Pará. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 13, n. 2, p. 144–160, 2019. DOI: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v13i2.1568>.

BARREIRO, R. M. C. Um breve panorama sobre o design instrucional. *EaD em Foco*, v. 6, n. 2, 2016. DOI: 10.18264/eadf.v6i2.375. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/375>. Acesso em: 15 mar. 2025.

BARRETTO, M. *Turismo e legado cultural*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BARRETTO, M.; BURGOS, R.; FRENKEL, D. *Turismo, políticas públicas e relações internacionais*. Campinas: Papirus, 2003.

BARRETTO, Margarita. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. *Turismo em Análise*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 133-149, 2004.

BARROS, Atila; MORAIS, Ecléa Pérsigo. Descaracterização da paisagem rural: consequências e desafios para as comunidades rurais. *Revista Tópicos*, v. 2, n. 12, p. 1-15, 2024.

BARTHOLO, R. Sobre o sentido da proximidade: implicações para um turismo situado de base comunitária. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.; BURSZTYN, I. (Orgs.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Brasília: Letra e Imagem, 2009.

BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. *Turismo de base comunitária: diversidades de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BATISTA, Aline. Uma proposta de ensino para espaços não formais de educação: as micro-situações didáticas. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Físicas e Matemáticas.

BATISTA, L. F.; DE SANTANA, J. C.; BRITO, S. F.; CORREIA, S. É. N.; MARACAJÁ, K. F. B. Educação ambiental em iniciativas de turismo de base comunitária: uma congruência para inovação social. *Rosa dos Ventos*, v. 13, n. 4, p. 1196-1213, 2021.

BENDER-SALAZAR, Rahmin. Design thinking as an effective method for problem-setting and needfinding for entrepreneurial teams addressing wicked problems. *Journal of Innovation and Entrepreneurship*, v. 12, n. 1, p. 24, 2023.

BETTI, P.; DENARDIN, V. F. Turismo de base comunitária e desenvolvimento local em Unidades de Conservação: estudo de caso no Restaurante Ilha das Peças, Guaraqueçaba-PR. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 19, n. 1, 2019.

BIOLCHINI, J.; MIAN, P. G.; NATALI, A. C. C.; TRAVASSOS, G. H. Systematic review in software engineering. Technical report, RT-ES 679/05 System Engineering and Computer Science Dept., COOPE/UFRJ, 2005.

BLANCO, Enrique Sergio. O turismo rural em áreas de agricultura familiar. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.; BURSZTYN, I. (Orgs.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BOCK, John C.; BOCK, Christoph M. Nonformal education: policy in developing countries. In: HUSEN, Torsten; POSTLETHWAITE, Neville (Ed.). *The international encyclopedia of education: research and studies*. New York: Pergamon Press Ltd., 1985. v. 6. p. 3551-3556.

BOSSLE, R. C. *Colônia Murici: delimitação da região e uso do solo*. São José dos Pinhais, 2011.

BRAMBATTI, L. E.; NITSCHKE, L. B. Associativismo e participação comunitária: o roteiro rural Caminhos de Guajuvira, Araucária-PR, Brasil. *Rosa dos Ventos*, v. 10, n. 1, p. 71-83, 2018.

BRASIL. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Art. 1 da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 19 mar. 2024.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública*. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BROWN, T. *Change by design: how design thinking creates new alternatives for business and society*. Collins Business, 2009.

BROWN, T. *Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2020.

BUDEL, L.; SEVERINI, V. F.; REJOWSKI, M. Dimensões da hospitalidade no turismo de base comunitária: simbologias, ritos e artefatos na casa de farinha em Mangabeira. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 17, e-2497, 2023. DOI: 10.7784/rbtur.v17.2497.

BUHALIS, D. Marketing the competitive destination of the future. *Tourism Management*, v. 21, n. 1, p. 97-116, 2000.

BURSTYN, I.; BARTHOLO, R.; DELAMARO, M. Turismo para quem?: sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 86.

BURSZTYN, I.; BARTHOLO, R. O processo de comercialização do turismo de base comunitária no Brasil: desafios, potencialidades e perspectivas. *Revista Sustentabilidade em Debate*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 97-116, jan./jun. 2012.

CALLE-CALDERÓN, Angélica; SALAZAR, Diego. Indicadores de gestión comunitaria a partir de los ejes del turismo comunitario. Caso: Emprendimientos de la nacionalidad Waorani en Yasuní. *Revista Chakiñan de Ciencias Sociales y Humanidades*, n. 15, p. 123-140, 2021.

CAMPODÓNICO, Rossana; BERTOLOTTI, Luis Chalar. El turismo como construcción social: un enfoque epistemometodológico. *Turismo y Sociedad*, v. 14, p. 47-63, 2013.

CARRELAS, Daniela de Carvalho. Atrativos turísticos e turismo de base comunitária a partir do lugar: estudo de caso de Florianópolis (Brasil). 2022. Tese (Doutorado) – Universidade do Minho, Portugal.

CARVALHO, João Batista Barroso de. Potencial socioambiental dos municípios de Arez/RN e Senador Georgino Avelino/RN para implantação do turismo de base comunitária na Lagoa de Guaraíras. 2022. Tese (Doutorado).

CASCAIS, Maria das Graças Alves; TERÁN, Augusto Fachín. Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. *Ciência em Tela*, v. 7, n. 2, p. 1-10, 2014.

CASTRO, Luciana Luisa Chaves; PINTO, Roque. Sustentabilidade e turismo comunitário: aspectos teórico-conceituais. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 13, n. 2, 2013.

CATINI, Carolina. Educação não formal: história e crítica de uma forma social. *Educação e Pesquisa*, v. 47, p. e222980, 2021.

CHAGAS DE ALMEIDA, T.; LUIZ EMMENDOERFER, M. Turismo de base comunitária e desenvolvimento local sustentável: conexões e reflexões. *Revista de Turismo Contemporâneo*, v. 11, n. 1, 2022. DOI: 10.21680/2357-8211.2023v11n1ID29163. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/29163>. Acesso em: 16 fev. 2024.

CONTI, Bruna Ranção; LAVANDOSKI, Joice. Caminhos para o desenvolvimento turístico em Maricá, RJ. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 19, n. 1, 2019. DOI: 10.18472/cvt.19n1.2019.1529. Disponível em: <https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/1529>. Acesso em: 27 dez. 2024.

CONTI, Bruna Ranção; TAVARES SPINOLA, José; SALDANHA, Luiz. Turismo de base comunitária: uma revisão sistemática e bibliométrica da literatura. *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review*, v. 10, n. 4, p. 50–80, 2021. DOI: 10.5585/podium.v10i4.18955. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/podium/article/view/e18955>. Acesso em: 30 out. 2024.

COOPER, C. et al. *Turismo, princípios e prática*. Trad. Roberto Cataldo Costa. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. Business research methods. U. S.: McGraw-Hill Irwin, 2003.
- CORIOLOANO, L. N. M. T. O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza. São Paulo: Annablume, 2006.
- CORIOLOANO, L. N. M. T.; SILVA, S. C. B. Turismo e geografia: abordagens críticas. Fortaleza: Ed. UECE, 2005.
- CORIOLOANO, L. N. O turismo comunitário no contexto da globalização. In: CORIOLOANO, L. N.; VASCONCELOS, F. P. (Org.). Turismo, território e conflitos imobiliários. Fortaleza: EdUECE, 2012.
- COSTA, G. V. L.; CATÃO, H.; PRADO, R. Praia do Aventureiro: um caso sui generis de gestão local do turismo. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D.; BURSZTYN, I. (Orgs.). Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- CRUZ, R. C. A. Turismo, produção do espaço e desenvolvimento desigual. Para pensar a realidade brasileira. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D.; BURSZTYN, I. (Orgs.). Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Brasília: Letra e Imagem, 2009.
- DA GLÓRIA GOHN, M. Educação não formal: direitos e aprendizagens dos cidadãos (ãs) em tempos do coronavírus. Humanidades & Inovação, v. 7, n. 7, p. 9-20, 2020.
- DA SILVA MARTINS, Moisés et al. O marketing rural como ferramenta de auxílio na agricultura familiar: um estudo de caso no assentamento Conquista/MS. Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar, v. 3, n. 2, p. 38-52, 2017.
- DE ALMEIDA MEDEIROS, V. C. F.; DE AZEVEDO, F. F.; DE FARIAS, M. F. Experiências comunitárias e o processo de desenvolvimento do turismo de base comunitária nas praias de Batoque e Canto Verde. Caderno Virtual de Turismo, v. 23, n. 1, 2023.
- DE LIMA, Edwiges Inácia et al. O papel da educação formal, não formal e informal na formação política de mulheres educadoras. PEGADA – A Revista da Geografia do Trabalho, v. 20, n. 1, p. 270-286, 2019.
- DE MIRANDA, Leonardo Monteiro; PEREIRA, Ricardo. Cocriação e transformação urbana: design thinking como ferramenta para um futuro sustentável. In: Perspectivas em engenharia, mídias e gestão do conhecimento [livro eletrônico]: volume 5. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Arquétipos, 2024.
- DE OLIVEIRA, Alini Nunes; DE OLIVEIRA DOMINGOS, Fabiane; COLASANTE, Tatiana. Reflexões sobre as práticas de educação ambiental em espaços de educação formal, não-formal e informal. Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), v. 15, n. 7, p. 9-19, 2020.
- DE OLIVEIRA, Pedro Paulo; DE OLIVEIRA SILVA, Reidene. ESG no impacto social das cooperativas. REVICOOP, v. 4, 2023.
- DE SOUZA LOPES, Ana Lucia; HARDAGH, Cláudia Coelho; DOS SANTOS, Ricardo Miranda. Design thinking na formação de professores como estratégia pedagógica de imersão. Simpósio Internacional de Educação e Comunicação – SIMEDUC, n. 7, 2016.
- DIAS, R. Fundamentos do turismo. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- DIAS, R. Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2008.

DOS SANTOS ALVES, Dilce et al. Educação em espaços não formais: química e geografia – da sala de aula para o museu de solos de Roraima. *Revista Insignare Scientia – RIS*, v. 3, n. 2, p. 237-256, 2020.

DOS SANTOS SOARES, Artemísia; KASPARY, Manuela Grace de Almeida Rocha. Turismo de base comunitária: desenvolvimento, capital social e participação a partir da experiência em assentamentos rurais de Maragogi/AL. *Anais do Seminário da ANPTUR*, 2016.

ECHOS, Escola de Design Thinking. O que as 7 fases do Design Thinking têm a ver com as fases da vida? Escola de Design Thinking, 2018. Disponível em: <https://escoladesignthinking.echos.cc/blog/2018/06/o-que-as-7-fases-do-design-thinking-tem-a-ver-com-as-fases-da-vida-2/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

EMMENDOERFER, M. L.; MORAES, W. V.; FRAGA, B. O. Turismo criativo e turismo de base comunitária: congruências e peculiaridades. *El Periplo Sustentable*, v. 17, n. 31, p. 1–12, 2016. Disponível em: <https://rperiplo.uaemex.mx/article/view/4883>.

ENDLICH, Ângela Maria; TEIXEIRA, Juliana Carolina. Turismo de base comunitária: experiências em pequenas localidades. *Redes: Revista do Desenvolvimento Regional*, v. 27, p. 1-23, 2022.

FABRINO, N. H. Turismo de base comunitária: dos conceitos às práticas e das práticas aos conceitos. 2013. Dissertação (Mestrado) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.

FABRINO, N. H.; COSTA, H. A.; NASCIMENTO, E. P. Turismo de base comunitária (TBC): elementos chaves para aferir seu desempenho na perspectiva da sustentabilidade. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, v. 5, n. 3, p. 546-559, 2012.

FABRINO, N. H.; NASCIMENTO, E. P. do; COSTA, H. A. Turismo de base comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 16, n. 3, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.18472/cvt.16n3.2016.1178>.

FAXINA, F.; FREITAS, L. B. A. Análise de implantação do turismo de base comunitária em Terra Caída, Sergipe, Brasil. *Turismo: Visão e Ação*, v. 23, n. 1, p. 242-262, 2021. DOI: 10.14210/rtva.v23n1.p242-262.

FERIANI, Gabriela de Paula et al. A prática da observação sistemática para a formação do (a) psicólogo (a): relato de experiência. *Aletheia*, v. 54, n. 2, p. 157-164, jul./dez. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/v54n2/v54n2a16.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2023.

FERNANDES, Renata Sieiro; GARCIA, Valéria Aroeira. Educação não formal no contexto brasileiro e internacional: tensões que perpassam a formulação conceitual. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 26, n. 2, p. 498-517, 2019.

FERNANDES, Renata Sieiro; GARCIA, Valéria Aroeira. Educação não-formal: campo de/ em formação. *Revista Profissão Docente*, v. 6, n. 13, 2006.

FERREIRA, A. V.; SIRINO, M. B.; MOTA, P. F. Para além da significação 'formal', 'não formal' e 'informal' na educação brasileira. *Interfaces Científicas-Educação*, v. 8, n. 3, p. 584-596, 2020.

FERREIRA, Bruna et al. Designing Personas with Empathy Map. In: SEKE, 2015.

FERREIRA, Daniella Caroline Rodrigues Ribeiro; DE JESUS SANTOS, Adriana Regina. A educação não formal e sua interface com a pedagogia social: conceito, contexto e proposições da formação do sujeito cidadão. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, p. 2275-2286, 2019.

FERREIRA, H. C. H. Turismo comunitário, tradicionalidade e reserva de desenvolvimento sustentável na defesa do território nativo: aventureiro-Ilha Grande/RJ. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 8, n. 2, p. 361-379, 2014. DOI: 10.7784/rbtur.v8i2.689.

FIGUEIREDO, A. P. S.; MATTA, C. E. Planejamento de disciplinas virtuais utilizando recursos de design instrucional: uma aplicação na engenharia. In: COBENGE, 2012.

FILATRO, Andrea. *Design instrucional na prática*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.

FISCHER, Tânia. Gestão social do desenvolvimento de territórios. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, v. 12, n. 1, p. 113-119, 2012.

FREIRE, L. S.; FERREIRA, H. C. H. O turismo de base comunitária como alternativa de desenvolvimento local: o caso de Curuçá – Pará. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, v. 5, n. 3, p. 36-44, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/abet/article/view/3103>.

FREIRE, Liana Souza; FERREIRA, Helena Catão H. O turismo de base comunitária como alternativa de desenvolvimento local: o caso de Curuçá-Pará. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, p. 36-44, 2015.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação: ensaios*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, L. B. A.; LIMA, L. B. B. M. Hierarquização de atrativos turísticos em Aracaju e Ilha Mem de Sá, Sergipe. *RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo*, v. 10, n. 2, p. 105-122, 2020.

GARCIA, A. S. et al. Aprofundamento das esferas públicas para a gestão social: caminhos para uma reconstrução empírico-descritiva e normativa. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 16, p. 163-185, 2018.

GARCIA, Valéria Aroeira. *A educação não formal como acontecimento*. Holambra, SP: Editora Setembro, 2015.

GASCÓN, Jordi. *El turismo en la cooperación internacional: de las brigadas internacionalistas al turismo solidario*. España: Icaria, Antrazyt, 2009.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/yvvnzgmjKdRJT5B4NkDMhcm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 fev. 2024.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, Maria Gloria. Educação não-formal e o papel do educador (a) social. *Revista Meta: Avaliação*, v. 1, n. 1, p. 28-43, 2009.

GOMES, M. P.; SILVA, Y. F. F. D.; SILVA, A. G. F. D. Educação não-formal: diálogos com a educação popular em Freire-o caso do grupo de leigos católicos Igreja Nova. 2016.

GÓMEZ, C. R. P. et al. Turismo de Base Comunitária como inovação social: congruência entre os constructos. *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, v. 13, n. 5, p. 1213-1227, 2015.

- GOMEZ-GRANELL, C.; VILA, I. Introdução. In: GOMEZ-GRANELL, C.; VILA, I. *A cidade como projeto educativo*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003.
- GOODWIN, H.; SANTILLI, R. *Community-based tourism: a success?* SAGE, Bonn, 2009.
- GOODWIN, Harold. The challenge of overtourism. *Responsible Tourism Partnership*, v. 4, n. 2017, p. 1-19, 2017.
- GOZZOLI, Pattarachit Choopool; RONGRAT, Theerada; GOZZOLI, Roberto Bruno. Design thinking and urban community Development: East Bangkok. *Sustainability*, v. 14, n. 7, p. 4117, 2022.
- GRABURN, N. Antropologia ou antropologias do turismo? In: *Turismo e antropologia: novas abordagens*. Papirus, 2009. p. 13-52.
- GRACIANO, P. F.; HOLANDA, L. A. Análise bibliométrica da produção científica sobre turismo de base comunitária de 2013 a 2018. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 161-179, jan./abr. 2020. DOI: 10.7784/rbtur.v14i1.1736.
- GRIMM, I. J.; SAMPAIO, C. Turismo de base comunitária: convivencialidade e conservação ambiental. *Revista Brasileira de Ciências Ambientais*, n. 19, p. 57-68, 2011.
- GUZZATTI, T. C.; SAMPAIO, C. A. C.; CORIOLANO, L. N. M. T. Turismo de base comunitária em territórios rurais: caso da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (SC). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v. 6, n. 1, jan/abr-2013, p. 93-106.
- HALLACK, N.; BURGOS, A.; CARNEIRO, D. M. R. Turismo de base comunitária: estado da arte e experiências brasileiras. *Ambientalmente sustentável*, v. 1, n. 11-12, 2011.
- HARTANTI, Monica; WIANTO, Elizabeth. Lembranças atraentes: design ou preço. *Revista Internacional de Design Visual*, v. 18, n. 2, p. 23-47, 2024. DOI: 10.18848/2325-1581/CGP/v18i02/23-47.
- HOFRICHTER, Markus. *Análise SWOT: quando usar e como fazer*. Simplíssimo, 2017.
- ICMbio. *Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação Federais: cadernos de experiência*. Brasília, DF: ICMbio-MMA, 2019.
- IGNARRA, Luiz Renato. *Fundamentos do turismo*. 3. ed. São Paulo: SENAC, 2013.
- INDRIANTO, Agoes Tinus Lis et al. Exploration of the teaching and learning model using the design thinking method in developing community-based tourism. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, v. 18, n. 1, p. e04740-e04740, 2024.
- INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. *Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação Federais: princípios e diretrizes*. 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- IRVING, M. A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 108-119.
- IRVING, M. A.; AZEVEDO, J.; LIMA, M. A. G. Políticas públicas de turismo no Brasil: o "estado da arte" para se pensar sustentabilidade. In: IRVING, M. A.; AZEVEDO, J.; LIMA, M. A. G. (Orgs.). *Turismo: ressignificando sustentabilidade*. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2018. p. 181-214.

- JAFARI, J.; XIAO, H. (Org). *Encyclopedia of tourism*. 1. ed. Springer International Publishing. Suíça, 2015.
- JAFARI, Jafar. El turismo como disciplina científica - The Scientification of Tourism. *Política y Sociedad*, v. 42, n. 1, p. 39-56, 2005.
- JUNIOR, Vilson Poltronieri; DECHECHI, Eduardo César. Design thinking em turismo: uma revisão sistemática da literatura. *Concilium*, v. 22, n. 5, p. 310-323, 2022.
- KALAOUM, F.; ELIZABETH DE SOUZA SANTIAGO, P. Turismo na Favela do Vidigal: base comunitária ou mercadológica? *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, v. 10, n. 1, 2 e 3, 2020. DOI: 10.34019/2238-2925.2020.v10.27307.
- KELLEY, Tom. *Creative confidence: unleashing the creative potential within us all*. Crown Business, 2013.
- KRIPPENDORF, J. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer das viagens*. São Paulo: Aleph, 2001.
- LAPADULA, María Florentina; NUNES, Célia Maria Fernandes; DE CARVALHO, Odair França. O(a) pedagogo(a) e a educação não formal: aportes da história e de pesquisas acadêmicas. *Cadernos CIMEAC*, v. 9, n. 2, p. 68-87, 2019.
- LARROSA, J. Notas sobre narrativa e identidade. In: ABRAHÃO, M. B. *A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre, RS: Edipucrs, 2004. p. 11-22.
- LEAL, R. E. S. O turismo desenvolvido em territórios indígenas sob o ponto de vista antropológico. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- LEÃO, C. V. de M. Turismo de Base Comunitária: outras economias na mira da emancipação social. *Revista Turismo em Análise*, v. 27, n. 3, p. 644-667, 2016. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v27i3p644-667.
- LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e Pedagogos: para quê?* São Paulo: Cortez, 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 3. ed. Goiânia: Alternativa, 2001.
- LIEDTKA, Jeanne. *Designing for Growth: a Design Thinking Tool Kit for Managers*. Columbia University Press, 2011.
- LIMA, Livia Morais Garcia; FERNANDES, Renata Sieiro. Educação não formal e o município educador: algumas experiências sociocomunitárias. *Acta Scientiarum. Education*, v. 41, 2019.
- LIMA, M. A. G.; IRVING, M. A.; OLIVEIRA, E. Decodificando Narrativas de Políticas Públicas de Turismo no Brasil: uma leitura crítica sobre o turismo de base comunitária (TBC). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 16, e-2094, 2022.
- LOPES, A.; RODRIGUES, E. O Turismo Cultural no Desenvolvimento de Espaços Rurais: o caso das Terras do Demo. In: *Proceedings 1st Cape Verde Congress of Regional Development/15th APDR Congress/2nd Portuguese Speaking Congress of Regional Science/3rd Congress of nature Management and Conservation*, 2009. p. 4199-42215.

LOUREIRO, C. V.; GORAYEB, A. O Turismo comunitário como alternativa para a preservação dos ecossistemas litorâneos: o caso da Comunidade de Curral Velho, Acaraú-CE-Brasil. *Revista de Turismo Contemporâneo*, v. 1, n. 1, 2014.

LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 29, p. 159-178, 2014.

LYNCH, Christian Edward Cyril. Idealismo e realismo na teoria política e no pensamento brasileiro: três modelos de história intelectual. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 34, p. e237103, 2021.

MACHADO, J. et al. *Educação, Territórios e Desenvolvimento Humano: Atas do I Seminário Internacional*. 2015.

MACULAN, Benildes Coura Moreira dos Santos. Métodos e Técnicas de Análise de dados de pesquisa: uma introdução. In: MACULAN, Benildes Coura Moreira dos Santos; DENDASCK, Carla Viana (Orgs). *Métodos e técnicas de coleta de análise de dados de pesquisa*. 1. ed. São Paulo: CDPT, 2024. 156p.

MAHATO, Suchi Smita; PHI, Giang T.; PRATS, Lluís. Design thinking for social innovation: Secrets to success for tourism social entrepreneurs. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, v. 49, p. 396-406, 2021.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 25-44.

MANO, A. D.; MAYER, V. F.; FRATUCCI, A. C. Turismo de base comunitária na favela Santa Marta (RJ): oportunidades sociais, econômicas e culturais. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 11, n. 3, p. 413-435, 2017. DOI: 10.7784/rbtur.v11i3.1314.

MARACAJÁ, K. F. B.; PEREIRA, L. M.; PINHEIRO, I. de F. S. Análise cienciométrica das pesquisas sobre overtourism através do software iramuteq. *QUALITAS REVISTA ELETRÔNICA*, v. 22, n. 2, p. 35-55, 2023. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/QUALITAS/article/view/2505>. Acesso em: 20 set. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2019.

MARQUES DA SILVA, Fernanda; NASCIMENTO, Marcia; ROCHA, Marcelo Borges. Educação Ambiental e Educação não formal: interações e potencialidades. *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 18, n. 1, p. 1-16, 2023.

MARQUES, A. B. et al. Stimulating the development of soft skills in Software Engineering Education through Design Thinking. In: SBES, 2020. p. 690-699.

MEGUIS, T. et al. Do desenvolvimento global ao desenvolvimento local: novas perspectivas do desenvolvimento do turismo. *Revista de Turismo Contemporâneo*, v. 3, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/5656>. Acesso em: 16 fev. 2024.

MELLO, Janaina Cardoso. Indicação Geográfica e educação não-formal em comunidades tradicionais: uma proposta de oficinas colaborativas. *Terr@ Plural*, v. 13, n. 2, p. 421-439, 2019.

MENDONÇA, T. C. M.; MORAES, E. A. de.; CATARCIONE, F. L. C. Turismo de base comunitária na Região da Costa Verde (Rio de Janeiro): refletindo sobre um turismo que se tem e um turismo que se quer. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 232-248, ago. 2016.

- MIELKE, E. J. C. *Desenvolvimento Turístico de Base Comunitária*. Campinas: Alínea, 2009.
- MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa Social. In: MINAYO, M. C. de S. (Org). *Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. *Dinâmica e Diversidade do Turismo de Base Comunitária: desafio para a formulação de política pública*. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2010.
- MIRANDA, Marta Luísa Moreira de. Constituição e estrutura da matéria: uma abordagem construtivista. 2001. Dissertação (Mestrado em Química Para o Ensino) - Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- MORAES, A. A. D. S. et al. Conscientização da população de Cunha/SP para o desenvolvimento turístico da cidade. 2024.
- MORAES, E. A.; IRVING, M. A.; MENDONÇA, T. C. M. Turismo de Base Comunitária na América Latina: Uma Estratégia em Rede. *Turismo: Visão e Ação*, v. 20, n. 2, p. 249-265, 2018.
- MORAES, W. V. de; EMMENDOERFER, M. L. Turismo Comunitário e Inclusão Social: análise do roteiro turístico de base comunitária do Projeto Boas Práticas na Serra do Brigadeiro – MG/Brasil. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, v. 5, n. 3, p. 26-35, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/abet/article/view/3101>.
- MOREIRA, Joelma Lima; OLIVEIRA, Jussara de Fátima Alves Campos. A Educação em ambientes não escolares: um relato de experiência. 2021.
- MURPHY, P. E. Tourism as a community industry—an ecological model of tourism development. *Tourism Management*, v. 4, n. 3, p. 180-193, 1983.
- NASCIMENTO, L. et al. Ecoturismo e turismo comunitário em uma reserva de desenvolvimento sustentável no Nordeste Brasileiro. *Caderno Pedagógico*, v. 21, n. 5, p. e4174, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n5-148. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/4174>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- NEVES, S. C. Reflexões sobre o turismo de base comunitária e os povos indígenas à luz do caso Pataxó (Bahia, Brasil). *Revista Turismo em Análise*, v. 32, n. 2, p. 413-430, 2021. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v32i2p413-430.
- NOGUEIRA, E. M. et al. Etnoturismo e etnologia: possibilidades para o desenvolvimento sustentável em comunidades indígenas. *Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)*, v. 6, n. 4, 2013. DOI: 10.34024/rbecotur.2013.v6.6364.
- NOGUEIRA, L. S. B.; TEIXEIRA, C. Os entraves e desafios do turismo de base comunitária: o caso do Quilombo do Campinho da Independência (Paraty, RJ). *Caderno Virtual de Turismo*, v. 19, n. 2, p. 1-18, 2019.
- NUNES, Mirelle Barcos; MENEZES, Magali Mendes de. Turismo de Base Comunitária: a reconstrução de identidades desde a experiência do encontro. Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 96–108, 2018. DOI: 10.26512/revistacenario.v5i9.19441. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/19441>. Acesso em: 28 out. 2024.

OLIVEIRA, A. A. R.; SILVA, L. B. G. DA; ALBUQUERQUE, R. L. DE; CAVALCANTI, M. DA C. M. AS PRÁTICAS DA AUTOGESTÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO. *Teoria e Prática da Educação*, v. 24, n. 3, p. 100-122, 17 dez. 2021.

Oliveira, A. A. R., da Silva, L. B. G., de Albuquerque, R. L., & Cavalcanti, M. D. C. M. As práticas da autogestão no contexto da educação não formal: uma análise a partir da produção do conhecimento. *Teoria e Prática da Educação*, v. 24, n. 3, p. 100-122, 2021.

OLIVEIRA, Aline Cristina Antoneli. A contribuição do design thinking na educação. *E-Tech: Tecnologias para Competitividade Industrial*. Florianópolis: n. Especial Educação, 2014/2, p. 104-121.

OLIVEIRA, C. A. F. Comunidades ribeirinhas da Reserva Extrativista Cassurubá, Caravelas – Bahia: perspectivas para construção participativa do ecoturismo de base comunitária. 2011. Dissertação (Mestrado em [área do conhecimento]) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Salvador, BA, 2011.

OLIVEIRA, Jakson Braz de. Entre pedras e flores: a organização comunitária e o desenvolvimento do turismo na região dos lajedos no Cariri Paraibano. 2024. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

OYARZÚN, E. M. e CARCAMO, C. G. (Org.). Analisis de la red agroturismo Chiloé. Instituto de Turismo, Universidad Austral de Chile, 2001.

OZORIO, Rodrigo Zomkowski. Turismo de base comunitária e resiliência socioecológica em espaços territoriais protegidos e adjacências: uma revisão de metodologias aplicadas. *Cadernos de Geografia*, n. 46, p. 65-76, 2022.

PAIVA, R. A. O turismo e as práticas socioespaciais. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, v. 2, n. 17/18, p. 1013-1024, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.34624/rtd.v2i17/18.13045>.

PANOSSO NETTO, A.; CASTILLO NECHAR, M. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 8, n. 1, p. 120-144, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v8i1.719>.

PAULA, Ada Michele Mariano de. Situação da conservação do solo em propriedades com cultivo de hortaliças na Colônia Murici-São José dos Pinhais/PR. 2015.

PERALTA, Nelissa; COBRA, Luciana. TRABALHO E EDUCAÇÃO NO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA AMAZÔNIA/Work and education in community-based tourism in Amazônia. *Trabalho & Educação*, v. 27, n. 2, p. 79-97, 2018.

PINHEIRO, Carolina Vasconcelos; MORAES, E. A. Turismo de Base Comunitária: refletindo sobre as relações de hospitalidade na serra do brigadeiro–MG/Brasil. *Anais do I Seminário Nacional de Turismo e Cultura*. 458p, p. 91-106, 2016.

PINHEIRO, T. R. Indicadores para o desenvolvimento sustentável do turismo de base comunitária: um estudo de caso da comunidade do Quilombo do Campinho da Independência, Paraty, Rio de Janeiro. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, v. 4, n. 1, p. 61–71, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/abet/article/view/3037>. Acesso em: 04 jun. 2025.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Revista de saúde pública*, v. 29, p. 318-325, 1995.

Pires, E.C.R. As inter-relações turismo, meio ambiente e cultura. Bragança, Portugal: Instituto Politécnico de Bragança, 2004.

POLO SEBRAE DE ECOTURISMO. Manual de boas práticas para projetos de turismo de base comunitária [livro eletrônico]: com foco no ecoturismo. Bonito, MS: SEBRAE/MS, 2024.

PROENÇA, A. R. G. B.; PANOSSO NETTO, A. Turismo em territórios indígenas: desenvolvimento e impacto sociocultural na Comunidade Indígena Nova Esperança “Pisasú Sarusawa” (Rio Cuieiras - Amazonas). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 16, p. 2408, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2408>. Acesso em: 04 jun. 2025.

QUEIROZ, Jacirene; GUERRA, Gutemberg. Turismo de Base Comunitária (TBC) e Atores Locais: participação de quem? *Anais do Seminário da ANPTUR – 2016*

RAMOS, M. F. Educação não formal: pedagogia social transformadora e motivadora. *Brasil Escola. Pedagogia*, 2019. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

RIBEIRO, Ana Elisa L.; SOUZA, Renata S. Design thinking as an approach to foster recife’s creative tourism. In: 14th International Conference on ICT, Society, and Human Beings, ICT. 2021. p. 95-101.

Roberts, S 2011, ‘An exploratory analysis of factors mediating community participation outcomes in tourism’, *Community Development*, vol 42, no. 3, pp. 377-391.

RODRIGUES, A. B. Turismo e desenvolvimento. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

RODRIGUES, Tuane Telles; KEPPEL, Matheus Fernando; CASSOL, Roberto. O método indutivo e as abordagens quantitativa e qualitativa na investigação sobre a aprendizagem cartográfica de alunos surdos. *PESQUISAR–Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia*, v. 6, n. 9, p. 77-91, 2019.

Romero–Medina N, Flores–Tipán E, Carvache-Franco M, Carvache-Franco O, Carvache-Franco W, González-Núñez R (2024) Desenho organizacional para fortalecer o turismo de base comunitária: capacitando as partes interessadas para auto-organização e networking. *PLoS ONE* 19(1): E0294849. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0294849>

ROSA, P. C.; ROSA, L. M. V.; NASSAR, P. M. Turismo indígena, protagonismo e desenvolvimento local: experiência na terra indígena Jaquiri, Médio Solimões, AM. *Revista Turismo em Análise*, v. 31, n. 2, p. 381-399, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v31i2p381-399>. Acesso em: 04 jun. 2025.

RUIZ-BALLESTEROS, E.; LOCAL, C. D. T. D. B. Presentación. Claves del turismo de base local. *Gazeta de Antropología*, v. 33, n. 1, 2017.

RUSCHMANN, D. Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente. 9. ed. São Paulo: Papirus, 2010.

SAMPAIO, C. A. C. Desenvolvimento sustentável e turismo: implicações de um novo estilo de desenvolvimento humano na atividade turística: uma introdução. Blumenau, SC: Edifurb; Florianópolis: Bernúncia, 2004.

SAMPAIO, C. A. C. Pensando o conceito de turismo comunitário. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO-ANPTUR, 5., 2008, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: ANPTUR, 2008.

SAMPAIO, C. A. C. Turismo como fenômeno humano: princípios para pensar a ecossocioeconomia do turismo e sua prática sob a denominação turismo comunitário. *Revista Turismo em Análise*, v. 18, n. 2, p. 148-165, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v18i2p148-165>. Acesso em: 04 jun. 2025.

SAMPAIO, C. A. C.; ALVES, F. K.; LENZ, T. C. Z. Encontro comunitário de trocas: um atrativo para o chamado turismo comunitário. Uma experiência solidária na micro-bacia do Rio Sagrado, Morretes, Paraná. *Cultur – Revista de Cultura e Turismo*, v. 4, n. 2, p. 03-18, 2010.

SAMPAIO, C. A. C.; CARVALHO, M. B.; DE ALMEIDA, F. H. R. Turismo comunitário: projeto piloto montanha beija-flor dourado (micro-bacia do rio sagrado, Morretes, Paraná). *Turismo: Visão e Ação*, v. 9, n. 2, p. 249-266, 2007.

SAMPAIO, C. A. C.; CORIOLANO, L. N. Dialogando com experiências vivenciadas em Marraquech e América Latina para compreensão do turismo comunitário e solidário. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 3, n. 1, p. 4–24, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v3i1.125>. Acesso em: 04 jun. 2025.

SAMPAIO, C. A. C.; ZAMIGNAN, G. Estudo da demanda turística: experiência de turismo comunitário da Microbacia do Rio Sagrado, Morretes (PR). *Cultur – Revista de Cultura e Turismo*, v. 6, n. 1, p. 25-39, 2012.

SAMPAIO, C. A. et. al. Perspectiva do turismo comunitário, solidário e sustentável. In: SAMPAIO, C. A. C.; HENRIQUEZ, C.; MANSUR, C. (Orgs.). *Turismo comunitário, solidário e sustentável: da crítica às ideias e das ideias à prática*. Blumenau: Edifurb, 2011. p. 23-30.

SANCHO, A.; MALTA, G. Pesquisa de demanda para turismo de base comunitária: desafios à promoção do encontro entre comunidades e viajantes. *Revista Turismo em Análise*, v. 26, n. 1, p. 38-67, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v26i1p38-67>. Acesso em: 04 jun. 2025.

SÁNDOROVÁ, Zuzana et al. Design thinking-A revolutionary new approach in tourism education?. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, v. 26, p. 100238, 2020.

SANSOLO, D. Centralismo e participação na proteção da natureza e desenvolvimento do turismo no Brasil. In: BARTHOLO, R.; BURSZTYN, I.; SANSOLO, D. (Orgs.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

SANSOLO, D.; BURSZTYN, I. Turismo de base comunitária: potencialidade no espaço rural brasileiro. In: BARTHOLO, R.; BURSZTYN, I.; SANSOLO, D. (Orgs.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 142-161.

SANTOS, B. D. N. Análise ambiental integrada da bacia hidrográfica do Rio Miringuava: um estudo de caso dos impactos ambientais locais. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 6256–6275, 2023. DOI: 10.34117/bjdv9n2-006. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/56988>. Acesso em: 05 Jun. 2024.

SANTOS, Luciane Cristina Ribeiro et al. Arranjo Institucional e Socioprodutivo Correlações e Sustentabilidade: Um Estudo de Caso no Município de Salvador, Bahia. *Fronteira: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, v. 8, n. 3, p. 397-417, 2019.

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. Turismo. 2024. Disponível em: <https://sjp.pr.gov.br/turismo>. Acesso em: 25 mar. 2024.

SCHAERER, J.; DIRVEN, M.. El turismo rural en Chile. CEPAL, Serie Desarrollo Productivo, n. 112, 2001.

SCHEYVENS, R. Exploring the tourism-poverty nexus. *Current Issues in Tourism*, vol. 10, no. 3, pp. 231-254.

SCHNITMAN, Tarita. Agricultura familiar e turismo: estudo de reserva extrativista e território de população tradicional remanescente de quilombo. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

Sen, A. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SERPRO. Design Thinking. Disponível em: <https://www.serpro.gov.br/menu/noticias/noticias-2017/ebookconfiancacriativa.pdf> 2017. Acesso em: 15 jun. 2024

SILVA, A. C; MESQUITA, G. M; SOUZA, M. A. P. Educação ambiental paradigma para a construção da sustentabilidade. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*, Santa Maria, v. 19, n. 2, p. 1133-1140, 2015.

SILVA, F. P. S.; MATTA, A. E. R.; COIMBRA DE SÁ, N. Turismo de Base Comunitária no Antigo Quilombo Cabula. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 79-92, ago. 2016.

Silva, J. B., Macari, B. P., Almeida, L. M., da Rocha, M. P., Marchesan, R., & Holtman, V. L. (2018). Deterioração por insetos nas edificações históricas da Colônia Murici-Sul do Brasil. *Conservar Patrimônio*, 29, 63-70.

SILVA, J. P. Cristina Pereira de Araujo. Turismo de Base Comunitária e Produção do Espaço na Comunidade da Ilha de Deus, Recife-PE. *Caderno Virtual de Turismo*. Dossiê temático Turismo, Natureza e Cultura: diálogos interdisciplinares e políticas públicas. Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 72-87, dez. 2018.

SILVA, P. H. O.; SPINOLA, C. A. Turismo de base comunitária: considerações conceituais e perspectivas de implementação em um bairro popular de Salvador-BA. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 85-103, ago. 2018.

SMITH, VL; EADINGTON, WR (Org). *Tourism alternatives: potentials and problems in the development of tourism*. Filadélfia: Universidade da Pensilvânia, 1992

SOARES, G. M. Os impactos do turismo em cidades históricas – estudo de caso Tiradentes, MG. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 4., 2006, Caxias do Sul. Anais [...]. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2006.

SOFRONOV B (08) “T Development of the Travel and Tourism Industry in the W ” f S u H U y E S 8() 3-137,

SOSA, María Cristina. La planeación del desarrollo turístico como una industria comunitaria. *Visión de futuro*, v. 27, n. 1, p. 40-58, 2023.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão da literatura. *Sociologias*, p. 20-45, 2006.

SOUZA, R; R. Algumas considerações sobre as abordagens construtivistas para a utilização de tecnologias na educação. *Liinc em Revista*, [S. l.], v. 2, n. 1, 2006. DOI: 10.18617/liinc.v2i1.203. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3099>. Acesso em: 26 mar. 2024.

Subirats, J. (2003). Educação: responsabilidade social e identidade comunitária. In C. Gomez-Granell, & I. Vila. *A cidade como projeto educativo* (p. 67-84). Porto Alegre, RS: Artmed.

SUDHIASTININGSIH, Ni Nyoman Sri Natih; CHADIJAH, Siti. Design for Impact: Wake Wadho, A Cultural Branding through Collaborative Design Model in Ngada Regency, East Nusa Tenggara. 2022.

SUDRÉ, S. G. S.; FIGUEIREDO, S. L. Saberes e olhares sobre o turismo de base comunitária : Estudo de caso da Comunidade Quilombola Pé do Morro, Tocantins. *Revista de Turismo Contemporâneo*, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 405–423, 2023. DOI: 10.21680/2357-8211.2023v11n3ID29223. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/29223>. Acesso em: 16 fev. 2024.

Suellen Souza Gonçalves Mara Magda Soares Patrícia Nascimento Silva. Coleta de dados com documentação direta: uma breve revisão no contexto da ciência da informação. In: MACULAN, Benildes Coura Moreira dos Santos; Carla Viana Dendasck (Orgs). *Métodos e técnicas de coleta de análise de dados de pesquisa*. 1. ed. São Paulo: CDPT, 2024. 156p.

THIOLLENT, M. Metodologia de pesquisa-ação. São Paulo: Saraiva, 2009.

TOLKACH, D.; KING, B. Strengthening community-based tourism in a new resource-based island nation: why and how? *Tourism Management*, v. 48, p. 386–398, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2014.12.013>. Acesso em: 04 jun. 2025.

TOMAZIN, M.; RAMIRO, P. A. Turismo de Base Comunitária: uma possibilidade pensada com os moradores do Bairro Alto do Cruzeiro, em São Luiz do Paraitinga/SP. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 155-171, dez. 2016

TOURINHO, L. A. M. O código florestal na pequena propriedade rural: um estudo de caso em três propriedades na microbacia do Rio Miringuava. 82 f. Dissertação (mestrado em Análise e Gestão Ambiental) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

TRIGO, L. G. G. Turismo e Qualidade: Tendências contemporâneas. Campinas, SP: Papirus, 1993 (Coleção Turismo).

TUNG, Fang-Wu. Rediscovering herb lane: application of design thinking to enhance visitor experience in a traditional market. *Sustainability*, v. 13, n. 7, p. 4033, 2021.

URANO, D. G.; SIQUEIRA, F. S.; NÓBREGA, W. R. M. Articulação em redes como um processo de construção de significado para o fortalecimento do turismo de base comunitária. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 200-210, ago. 2016.

URANO, Débora Goes; DE SOUZA SIQUEIRA, Felipe. Turismo comunitário: uma análise teórica para se pensar o turismo através da organização popular. XII Seminário Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2015.

URIELY, Natan. The tourist experience: conceptual developments. *Annals of Tourism Research*, v. 32, n. 1, p. 199-216, 2005.

URRY, John. O olhar do turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: SESC, 2001.

VIANNA, M. Design thinking: inovação em negócios. [S.l.]: MJV Press, 2013.

VIEIRA, V.; BIANCONI, M. L.; DIAS, M. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. *Revista Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57., n. 4., p. 21-23, 2005.

VITÓRIO, L. S.; VIANNA, S. L. G. Turismo de base comunitária: análise quanto às interferências do turismo de pesca no baixo Rio Branco, Roraima, Brasil. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 126-149, ago. 2016.

WALKOWSKI, M. C. O potencial da produção associada ao turismo e o turismo de base comunitária em Joinville-SC. *Revista Turismo em Análise*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 406-422, 2019.

WALKOWSKI, M. D. C.; PIRES, P. D. S.; LOPES, C. V.; ASSING, L. Memórias alimentares no turismo de base comunitária da Acolhida Na Colônia, Santa Catarina, Brasil. *Rosa dos Ventos*, v. 13, n. 1, p. 156-168, 2021.

WALKOWSKI, M. DA C.; ABREU, L. A. DE; FREIRE, T. B.; MORAIS, L. S. DE. Políticas Públicas de Turismo de Base Comunitária no Paraná: o caso do Caminho dos Cafês das Mulheres. *Ateliê do Turismo*, v. 8, n. 1, p. 346 -374, 12 ago. 2024.

Walkowski, M., Almeida Freitas, L., Lima Gelbcke, D., & Assing, L. (2024). Turismo comunitario y resiliencia en la Acolhida en Colonia-SC. *GRAN TOUR, REVISTA DE INVESTIGACIONES TURÍSTICAS*, (28). Recuperado a partir de <https://www.eutm.es/grantour/index.php/grantour/article/view/328>

WALKOWSKI, M.; ALMEIDA FREITAS, L.; LIMA GELBCKE, D.; ASSING, L. Turismo comunitário e resiliência na Acolhida em Colônia-SC. *GRAN TOUR, REVISTA DE INVESTIGACIONES TURÍSTICAS*, N. 28, 6 FEV. 2024.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (WTO). *Sustainable tourism development: guide for local planners*. Madrid: World Tourism Organization, 1993.

ZAAR, Miriam-Hermi. Gentrificación y turismo urbano.¿ Cómo se articulan?. *Ar@cne: revista electrónica de recursos en internet sobre geografía y ciencias sociales*, 2019.

ZANETONI, João Pedro Ferraz; MARIANI, Milton Augusto Pasquotto; ARAÚJO, Geraldino Carneiro de; SANTOS, Gabrielly Martins dos. Turismo de Base Comunitária (TBC) como fonte de renda para Assentamentos da Agricultura Familiar. *Economia & Região*, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 103–120, 2022

ZAQUAL, H. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Letra e imagem, 2009, parte I, p.55-75.